

Atualidades

ESTADO DE SANTA CATARINA
BIBLIOTECA PÚBLICA
- FLORIANÓPOLIS



A CATEDRAL DE LAJES

ARP & CIA., FILIAL EM JOINVILLE

RUA LUIZ BROCKMANN, N.º. 179 — CAIXA POSTAL, 76

JOINVILLE

AGENTES PARA O ESTADO DE SANTA CATARINA:

"THE LONDON & LANCASHIRE INSURANCE COMPANY LIMITED"

"COMPANHIA DE SEGUROS "CRUZEIRO DO SUL"

"COMPANHIA DE SEGUROS "SAGRES"

INCENDIO — TRANSPORTES — ACIDENTE PESSOAL — CASCOS

SUB-AGENTE EM FLORIANÓPOLIS: JAPY FERNANDES

RUA TRAJANO, N.º. 19 — SOBRADO

VISTORIADORES: — THE LONDON ASSURANCE

COMPANHIA DE SEGUROS "IMPERIAL"

COMPANHIA "ROCHEDO" DE SEGUROS

COMPANHIA BRASILEIRA DE TRIGO

EMPREGUE SEU DINHEIRO

COMPRANDO AÇÕES DESSA

PODEROSA COMPANHIA

PAULISTA

CAPITAL CR\$ 60.000.000,00

COMPANHIA SIDERURGICA BELGO MINEIRA

USINAS EM SABARÁ E MONLEVADE

ESTADO DE MINAS GERAIS

PRODUÇÃO ANUAL

125.000 TONELADAS DE AÇO

ESCRITÓRIO CENTRAL

AV. NILO PEÇANHA 26 — 5º ANDAR

RIO DE JANEIRO

PACOTES PARA A EUROPA

Entrega rápida, de stock já existente na Europa

Encaminhamento de pacotes feitos pelos interessados!

SERVIÇO RÁPIDO E ENTREGA GARANTIDA

Peçam informações a

H. G. MOLENDAS

Caixa Postal 152 — Rua Bocaiuva 60 — Telefone 1.500

FLORIANÓPOLIS

Biblioteca Pública do Estado
FLORIANÓPOLIS

reg. n.º

Data

9830



Atualidades

PUBLICAÇÃO MENSAL INICIADA EM 1945
REDAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA MAURO RAMOS, 301
FLORIANÓPOLIS — S. CATARINA — BRASIL

A ronda da Miséria

OSVALDO MELO

Você acabou de fazer um belo e emocionante discurso acerca da Caridade. As palavras que você disse, comoveram até às lágrimas, grande parte da assistência.

Você, porém, fez, apenas, literatura sentimentalista, somente imaginou.

Não sentiu e, não sentiu, porque não viu.

Depois do discurso, depois dos aplausos e dos elogios que recebeu e que o envaideceram, você calçou as luvas, vestiu o capóte e metido em luxuosa limosine, não soube o frio que fazia naquela noite hibernosa de Junho...

Si, entretanto, antes do belo e rendilhado discurso, você tivesse chegado até aquele morro, ali, perto de nós, então, ao invés dos lábios, falaria o coração e você não somente teria comovido os seus ouvintes, como falo-iam sentir o desejo de socorrer o seu próximo...

Pois ali, naquele morro, sóbe do começo ao fim, um velho casario desalinhado. Chão duro. Taboas velhas, teto de palha ou de latas de querosene, que o lixo recusou.

Vamos entrar naquele ranchinho, o terceiro...

São vinte horas. Um homem, uma mulher e três crianças. Naquela enxerga está o casal tiritando de frio. Não há, nem sinal de fogo. Não ceiam e isso, porque já haviam comido um pirão, café ralo e restos de pão, que as crianças andaram pedindo pelas casas na cidade. Raquiticas, desnutridas, estão juntas, deitadas sobre uma esteira velha, colocada no chão frio. Dormem, assim, cedo, porque o sono, diz a filosofia do miserável — alimenta o corpo. E quando o que tem fome está dormindo, sonha com as iguarias que sobram dos manjares dos ricos.

O vento e o frio estão penetrando pelos buracos das velhas taboas remendadas. O homem é doente e quando sae à rua para pedir, arrastando o corpo combalido, mandam-no trabalhar. Ouve como tosse a mulhersinha? É uma tuberculosa com cavernas nos pulmões, sem trato, sem regime, pronta a entregar a alma a Deus à primeira hemoptise.

As crianças dormem famintas e com a roupa suja e rasgada com que andam de dia, mendigando.

Agora, você sabe o que é a miséria; miséria e fome; fome e frio.

E assim, essa desgraça ronda por sobre inúmeros infelizes. Você emudeceu?

Bem o vejo. Este silêncio não condena, antes é um convite para que você converta as palavras em obras de amor ao próximo, minorando o sofrimento alheio e dando aos que necessitam as sobras da mesa onde você come todos os dias e da bolsa de onde você tira para o luxo e para o inútil.

E você pode fazê-lo; você e inúmeras criaturas mais, que julgam que as palavras que comovem os que vivem na miséria, servem para matar a fome dos miseráveis e o frio que lhes corta as carnes. O problema social não se resolve com os discursos e conferências, meu amigo. É necessário um coração grande, uma alma generosa, presididos pelo desejo de se querer ser útil aos que tem fome, matando-lhes a fome com o que eles devam comer. Faça você assim e não terá feito apenas, um discurso para comover, mas, uma obra que realiza o milagre do amor e da caridade.

Caça, caçadas e caçadores em Santa Catarina

II

Apesar da devastação dramática das florestas catarinenses, em consequência da exploração da indústria da madeira em larga escala, e também, pela penetração dos colonos e povoadores, em marcha acelerada para o Oeste, ainda existem algumas regiões ocultas por soberbas matas virgens, principalmente, nos municípios de Chapecó, Joaçaba, Brusque, Lages, Curitiba, Porto-União, Rio do Sul, Bom Retiro, São Joaquim e Palhoça, onde vivem, recostadas, ou melhor, como diz o nosso "serrano", "arrinconadas", muitas espécies de caça. Além disso, contamos com extensos campos muito ricos em caça de pêne. E é sobretudo admirável constatar-se que em Santa Catarina a caça está distribuída quase que uniformemente por todo o seu território, havendo, é certo, algumas exceções. Esse fato justifica talvez a existência de grande número de amadores do esporte da caça em nosso Estado. Por essa mesma razão, a preferência, aqui, também, se faz sentir. Assim, em algumas regiões os caçadores dedicam-se à caça de pêlo. Já em outras a procura à caça de pêne, é muito mais acentuada. É o caso da zona do Chapecó, às margens do grande rio que têm esse nome, em que as "batidas" prediletas são aos porcos do mato e aos veados pardos, sendo nos campos, a caçada mais apreciada a de perdizes que proporciona um tiro ao vôo sensacional. Há, ainda, os caçadores adeptos das caçadas fluviais, o que não deixa de ser bem atrativo e muito saudável. Passemos, agora, em revista, as espécies de caça que têm como "habitat" o território catarinense. Isto é, as que podem ser caçadas. São elas: jaguar ou onça pintada e preta ou ainda "tigre americano", do qual falaremos em particular, em outra ocasião, puma ou onça baía, (leão brasileiro) jaguatirica, gato do mato, tamanduá bandeira, tamanduá mirim, irára, cuatí (mundéu, mirim e de vara) gambá, guaraxaim, zorrilho, mão pelada, capivara, paca, ariranha ratão do banhado, gambá d'água, lebre, preá, veado (vifá, pardo, pororóca), queixada (canastra e canela ruiva) tatêto, cão do mato, macaco (baio e mico), tatú (etê, mulita e do rabo mole), ouriço cacheiro, jacaré e lagarto. Entre as aves, contam-se as seguintes: jacutinga, jacú-guassú (jacú velho) jacupema, aracuan, pato do mato ou selvagem, marrecão da pata-

gônia, ganso, marreca, maçarico, mergulhão, frango d'água, biguá, saracurão, saracura, perdiz, codorna, narcejão, narceja, macuco, inhambú, aguia, urú, pomba, (carijó, pãeta, arribação (saleira), rôla e juriti), pica-pau, papagaio (roxo, curraleiro e viola), periquito, maracanan, araguari, maritaca, gralha (branca e azul) gavião (penacho, macaco, carancho, pega pinto e pomba). Além dos animais e pássaros acima mencionados, existem as espécies "protegidas" por lei, não podendo, portanto, serem caçadas, tais como: guará, (lobo brasileiro), anta, lontra, bugio, caxinguelê ou serelépe, mais conhecida entre nós pela denominação de cuatí-côco, cervo-veado branco, aquêlo como raro e este por ser útil; aves canoras: sabiá, araponga, canário da telha, curió, coleira, azulão, gaturamo, canário-de-assoio e saíra; pássaros de plumagem ornamental: tucano, arajarí ou tucaniço, pavão e garça; e, por serem raros, urubú-rei- João grande e jaburú; pássaros úteis à criação e à agricultura: cururuca, gavião carrapateiro e quéro-quéro. Quanto ao urubú, caso fique provado a sua nocividade, como propagador do tifo, certamente o seu fim será trágico e o seu desaparecimento será quase certo.

Ainda mais, observamos não ser tudo o que aí fica relacionado, pois deixamos de mencionar outras espécies de menor porte porque não interessam a não ser os cientistas. Todavia, no respeitante à abundância dos animais e pássaros da nossa fauna, examinaremos a questão, com mais cuidado, em outras notícias, mas, pelo que acabamos de revelar, faz-se uma idéia, desde logo, ser apreciável a riqueza do Estado no que se refere à caça. Aliás, foi precisamente com o intuito de preservar essa riqueza inestimável que surgiu o primeiro clube de caça em nosso Estado. Foi êle fundado, nesta capital, em 9 de fevereiro de 1940, por um grupo de amadores, com o nome de "Clube dos Caçadores de Santa Catarina", tendo mais tarde passado a denominar-se "Clube de Caça e Tiro" "Couto de Magalhães".

Depois, por influência de esportistas florianopolitanos, nasceram outros clubes, no interior, proporcionando, desse modo, a criação da Federação Catarinense de Caça e Tiro, que teve lugar em 20 de dezembro de 1944, a qual conta com vários clubes filiados.

Todas as sociedades federadas adotaram o nome de uma grande personalidade, com assinalados serviços prestados à Pátria, como por exemplo: bandeirantes, desbravadores, historiadores, etc. Assim, temos os clubes: "Couto de Magalhães", "Dias Velho", "Blumenauense", "Tomaz Vieira", "Lucas Boiteux", "Araujo Brusque" e "Borba Gato". Essas sociedades, face à sua magnífica organização padronizada, prometem prestar valioso concurso às autoridades, bastando, para isso, uma orientação mais estreita, partida do centro, isto é, da Federação. Diga-se, de passagem, entretanto, que elas por iniciativa própria já têm prestado bons serviços, preservando e protegendo a caça. Acontece, porém, que, enquanto os amadores federados respeitam a época do "defeso", os matadores caçam o ano inteiro, sem que ninguém lhes perturbe a atividade ilegal, fato deveras reprovável porque revolta e desestimula a todos quantos se organizam visando um benefício comum. Convém se diga ser responsável por esse estado de coisas, a falta de divulgação das portarias que regulam a matéria, pois elas são publicadas somente no "Diário Oficial" da União, que não tem grande circulação no interior.

Mas, entre as sociedades que já prestaram e que veem prestando serviços, nesse sentido, contam-se o "Couto de Magalhães", que adquiriu em 1941 e soltou na ilha de Santa Catarina os seguintes pássaros: quatro (4) casais de perdizes, oito (8) casais de codornas e vários casais de jacupemas e urús, os quais, estão aumentando apreciavelmente. Tais pássaros, ao que nos consta, nunca existiram nesta região. O Clube "Dias Velho" de Rio do Sul, por sua vez, neste ano, levou para aquele município, cinco (5) casais de aracuan, que jamais existiram por lá. Enquanto isso, o Clube "Tomaz Vieira", de Conoinhas, mantém, em cada lugarejo do interior, um representante da sociedade, como observador da fiel execução das leis de caça, denunciando os infratores à autoridade policial competente. Enfim, pelo que já se fez, é possível divisar-se um futuro melhor. Aguardemos, pois.

Fevereiro de 1949.

L. R.

Mate é a mais saudável e a melhor bebida do Brasil, recomendada pelos mais notáveis cientistas do mundo

Dr. Aderbal Ramos da Silva



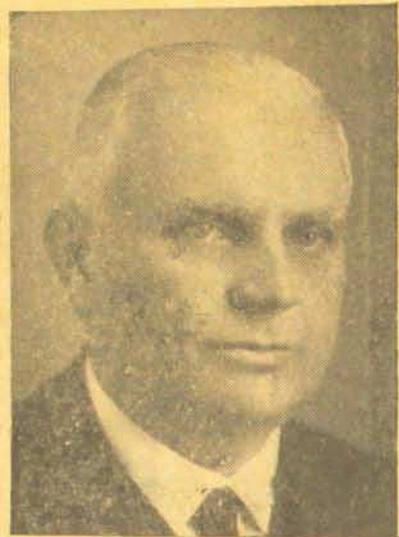
Transcorreu a 18 de Janeiro a data natalicia do Dr. Aderbal Ramos da Silva, Governador do Estado, atualmente licenciado para tratamento de saúde, devendo, porém, reassumir o govêrno dentro em breve.

"Atualidades", embora tardiamente, envia a S. Excia. os parabens pelo transeurso da data, com os votos de pronto restabelecimento.

Câmara Municipal



J. BATISTA PEREIRA



GUIDO BOTT



JAIRO CALADO



OSNI ORTIGA

Praberta a sessão legislativa no terceiro periodo da Câmara Municipal de Florianópolis, realizou-se a eleição da Mesa que dirigirá os seus trabalhos em 1949, sendo eleita, sob escrutínio secreto, a seguinte Comissão Executiva: Presidente, sr. Batista Pereira, (reeleito); Vice-Presidente, sr. Guido Bott, (reeleito); 1º Secretário, sr. Jairo Callado e 2º Secretário, sr. Osni Ortiga.

A reeleição do sr. Batista Pereira para o elevado cargo de Presidente da Câmara Municipal de Florianópolis, ma-

nifesta, mais uma vez, a confiança de seus ilustres pares a esse nosso colega de imprensa e ao político de evidente prestígio no seio do Partido Social Democrático.

Assim, júbilo é, também, dos jornalistas catarinenses que teem, em Batista Pereira, o seu Presidente.

"Atualidades" sauda-o, cordial e respeitosamente, pela sua reeleição para o cargo elevado que vem honrando desde a instalação daquele Legislativo.

Primeiro Congresso de História Catarinense

O Sr. Dante de Laytano, lente da Universidade do Rio Grande do Sul e da Universidade Católica de Pôrto Alegre, já por duas vezes deu pública demonstração do apreço que lhe merece o certame histórico realizado nesta Capital, em outubro do ano passado, como parte principal das comemorações do Segundo Centenário da Colonização Açoriana.

Sobre êle fêz uma comunicação à Comissão Nacional de Folclore, do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, órgão nacional brasileiro da UNESCO, e concedeu uma entrevista ao "Correio do Povo", de Pôrto Alegre".

Abaixo publicamos as valiosas declarações do ilustre professor gaúcho.

COMUNICAÇÃO DO PROFESSOR DR. DANTE DE LAYTANO À C. N. F.

1. Congresso de História — Realizou-se, em Florianópolis, de 5 a 12 de outubro dêste ano, o I Congresso de História Catarinense, comemorativo do bi-centenário da chegada dos açorianos. A Mesa que dirigiu os trabalhos estava assim constituída: Capitão-de-mar-e-guerra Lucas Alexandre Boiteux, Presidente de honra; Desembargador Henrique da Silva Fontes, Presidente efetivo; Hélio Viana, da Universidade do Brasil; Dante de Laytano, da Universidade de Pôrto Alegre; Manuel de Paiva Boléo, da Universidade de Coimbra; e Osvaldo Piloto, da Universidade do Paraná, respectivamente 1º, 2º e 3º Vice-presidentes e Secretário geral; Ruben Ulysséa e Luiz Trindade,

1º e 2º Secretários; Pe. Manoel Barbosa, relator geral.

2. Representação da Comissão Nacional de Folclore — Teve o Autor desta comunicação oportunidade de participar, no Rio de Janeiro, numa sessão plenária da Comissão Nacional de Folclore, quando levou ao conhecimento do Dr. Renato Almeida, ilustre Secretário da C. N. F., o propósito de tomar parte no I Congresso de História Catarinense, sendo, então, designado para integrar a representação da C. N. F., com os elementos que viriam da Capital Federal; e, como, por diversos motivos, não estiveram presentes ao Congresso os outros membros da delegação, o Dr. Secretário Geral telegrafou ao Presidente do conclave credenciando o autor dêste relatório para representar a C. N. F. Existindo, em Florianópolis outros componentes de Sub-comissões estaduais, organizou o signatário dêste uma delegação assim composta: Walter Spalding, Oscar Martins Gomes, Osvaldo Piloto e Fernando Corrêa de Azevedo, o primeiro do Rio Grande do Sul e os outros do Paraná, inclusive o Secretário Geral da Sub-comissão do Estado.

3. Secção de estudos de Folclore — O Congresso esteve dividido em dez secções, ficando a 6ª denominada **Linguagem e Folclore**, com a materia que se segue: Falares Catarinenses. Influência paulista e sul-riograndense. Influência germânica, italiana e outras. Influência da língua portuguesa nos falares de colonos de outras línguas. Têrmos e expressões regionais. Adágios. Costumes rurais.

Festas populares. Música, poesia e danças populares. Contos populares. Anedotário popular. Crenças e superstições.

4. Componentes da 6ª Secção — Luiz de Castro Faria, Antropólogo do Museu Nacional, Presidente. Oswaldo Ferreira de Melo, Secretário. Membros: Guilherme Butler, Jorge Kaszás, Manuel de Paiva Boléo, Fernando Corrêa de Azevedo, Custódio Campos, Francisco Machado de Souza, Oscar Martins Gomes, João dos Santos Areão e Dante de Laytano.

5. Teses sôbre folclore — Foram apresentadas 13 teses sôbre folclore, que tiveram os seguintes relatores: "Falares Catarinenses — crenças e superstições", de Lucas Alexandre Boiteux (Relator: Dante de Laytano); "Têrmos e Expressões Regionais", de Jovita Lisboa (Relator: Guilherme Butler); "Coletânea Folclórica", de Osvaldo F. de Melo (Relator: Jorge Kaszás); "Através do Folclore", de Francisco M. de Sousa (Relator: Fernando Corrêa de Azevedo); "Falares Catarinenses", de Custódio Campos (Relator: Manuel de Paiva Boléo); "O Falar açoriano", de Paiva Boléo (Relator: Custódio Campos); "Superstições Comuns ao Brasil e aos Açores", de Luís da Silva Ribeiro, (Relator: Luiz de Castro Faria); "Tradição", de A. Seixas Neto (Relator: Francisco Machado de Souza); "O Sentimento açoriano da Ilha de Santa Catarina", de Almiro Caldeira (Relator: Dante de Laytano); "Aspectos Sul-catarinenses", de Antenor Moraes (Relator João dos Santos Areão); "Açores — seu Folclore", de Walter



Da esquerda para a direita: Dr. Dante de Laytano, 2º Vice-presidente do Congresso; dr. Hélio Vianna, 1º Vice-presidente; Des. Henrique Fontes, Presidente; Dr. Manuel de Paiva Boléo, 3º Vice-presidente, e Dr. Osvaldo Cabral, 1º Vice-presidente da Comissão Organizadora.

Spalding (Relator Oscar M. Gomes); "Festa do Divino", de Mariza Lira (Relator: Oscar M. Gomes); e "Folclore dos Açores — especialmente de S. Miguel", de Cecília Meireles (Relator: João dos Santos Areão).

Foi a secção que reuniu um dos maiores números de trabalhos e revelou seu alto padrão cultural com contribuições como a do professor de Filologia Portuguesa, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Colaboração propriamente açoriana que é a de Luiz Ribeiro, a de componentes da Comissão Nacional de autoria de Da. Cecília Meireles e Da. Mariza Lira e de Sub-comissões estaduais, como no caso da tese de Walter Spalding, mostram a importância e o interesse da 6ª. secção do Congresso.

Os estudos catarinenses são todos de muito valor no campo das pesquisas folclóricas, segundo se vê numa das teses escritas sobre as tradições locais pelo Comandante Lucas Boiteux.

6. Exposição — Importante também foi a "Exposição Histórica, Geográfica e Folclórica", inaugurada com um discurso de seu organizador Engenheiro Vitor A. Peluso Júnior, Diretor do Departamento Estadual de Geografia e Cartografia. Entre os objetos açorianos viam-se toalhas bordadas com palha de trigo coloridas, capruça da Ilha do Corvo usada pelos homens idosos, conjunto de croché, saia tecida nos teares da Ilha Terceira usada nos serviços da lavoura, palhas do Faial e Pico, painel com diversos corações com versos, muitos gráficos, painéis, fotografias e mapas, perto de 100 antiguidades de colecionadores particulares e Museu de armas da Polícia Militar.

A parte de grande valor folclórico estava representada pelas rendas, crivos, objetos de barro, palha e taquara, fabricados nos arredores de Florianópolis, além de material de pescaria.

Juntamente teve lugar a 1ª. Exposição Filatélica e Numismática em homenagem ao 1º Congresso de História Catarinense.

7. Irradiação — A "Rádio Guarujá", de Florianópolis, organizou uma hora folclórica com a parte literária aos cuidados de Almiro Caldeira e a musical de Oswaldo F. de Melo, ambos colaboradores com teses, do I Congresso de História Catarinense. Foram evocadas a Tirana, moda do pézinho, Chama Rita e Polca de Roda, com desafios em quadras. Colaboraram ainda no programa: Srta. Dilza Dutra e os srs. Antônio Dutra e Melo Júnior. Serviram de locutor: Ivo Serrão e José Alfredo Beirão.

8. Festa Folclórica — A 8 de outubro, no estádio da Polícia Militar, teve lugar a festa folclórica, que constou de danças populares catarinense: a dança do pau-de-fita e o humba-meu-boi.

A primeira desenvolve-se coreograficamente e a segunda tem caráter dramático.

O humba-meu-boi é conhecido, em Santa Catarina, como o boi-de-mamão. Entre as figuras humanas, destacam-se o vaqueiro, o cirurgião e o dono do boi; e entre as figuras zoológicas, o boi, o corvo,

a cobra (com o doutor ou cirurgião), cabra, cabrinha, macaco, cavallinho, bernúncia (engole gente) e barão (tubarão).

As danças vêm descritas numa das teses apresentadas ao Congresso.

9. Sub-Comissão Catarinense de Folclore — Um dos resultados práticos do 1º Congresso foi a criação da Sub-comissão Catarinense de Folclore, debaixo da direção executiva do Dr. Oswaldo Cabral, ilustre historiador. A sub-comissão está organizada da seguinte maneira: Almiro Caldeira, Victor Peluso Júnior, Custódio de Campos, Carlos da Costa Pereira, Álvaro Tolentino de Souza, Oswaldo F. de Melo e João Areão.

Foi escolhido, desde logo, o Sr. Ruben Ulysséa para delegado da Sub-comissão em Laguna.

O autor desta comunicação assistiu à instalação da Sub-comissão e propôs, depois em plenário, um voto de louvor, não só ao Sr. Oswaldo Cabral como aos demais componentes, pela criação do instituto local que representa a Comissão Nacional de Folclore, solicitando que de tudo se desse ciência ao dr. Renato Almeida.

O Desembargador Henrique da Silva Fontes, Presidente efetivo do Congresso, referiu-se publicamente ao resultado prático obtido com a criação da sub-comissão Catarinense de Folclore.

10. Agradecimentos — A representação da Comissão Nacional de Folclore deve mencionar as atenções recebidas e agradecê-las.

Merecem o nosso reconhecimento os Srs. Dr. José Foabaid, Presidente da Assembléa Legislativa, no exercício do cargo de Governador do Estado, e Dr. Gama d'Eça, Secretário da Segurança, e de maneira tôda especial os srs. Desembargador Henrique da Silva Fontes e os Deputados Drs. Oswaldo R. Cabral e Nunes Varela.

O QUE FOI O PRIMEIRO CONGRESSO DE HISTÓRIA CATARINENSE REALIZADO EM FLORIANÓPOLIS

Regressou de Florianópolis o nosso colaborador dr. Dante de Laytano, prof. da Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul e Universidade Católica de Porto Alegre, que esteve no Estado de Santa Catarina tomando parte nos trabalhos do I Congresso de História Catarinense como convidado da respectiva comissão organizadora.

O dr. Dante de Laytano apresentou ao conclave uma tese intitulada "Corografia da Capitania de Santa Catarina", estudo baseado em documentação inédita existente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro e que será publicada em edição especial pelo Congresso. Foi s.s. eleito 2.º vice-presidente do Congresso cuja mesa estava organizada da seguinte maneira: Cap. de mar e guerra Lucas Alexandre Boiteux, presidente de honra. Desembargador Henrique Fontes, presidente efetivo, drs. Hélio Viana, Dante de Laytano e Manuel de Paiva Boléo, respectivamente 1º, 2º e 3º vice-presidentes e Otávio Piloto, Ruben Ulysséa e Luis Trindade, se-

cretário geral, 1º e 2º secretários.

Falando ao "Correio do Povo" o dr. Dante de Laytano prestou-nos as seguintes informações:

— Na realidade, o numero de congressistas ultrapassou qualquer expectativa, pois eram quase duzentos, contando-se, entre eles, um professor da Universidade de Coimbra, como o dr. Paiva Boléo, notável filólogo; da Universidade do Brasil, veio o dr. Hélio Viana, autoridade em história nacional. A Bahia mandou o cônego Manuel Barbosa, secretario do Instituto Histórico daquele estado. A Universidade do Paraná enviou uma delegação grande etc.

O Congresso recebeu para mais de oitenta teses inclusive do próprio Açores, dos E. Unidos e de várias partes do Brasil. Cecília Meireles colaborou com uma tese muito interessante sobre o folclore da Ilha de S. Miguel. Os srs. Lucas A. Boiteux e Oswaldo Cabral, duas mais altas expressões da história regional, apresentaram contribuições de inestimável valor.

A discussão das teses se processou num ambiente de cordialidade mas não de elogio mutuo, o que valorizou, sob o ponto de vista científico, o rendimento do Congresso.

Todas as teses foram entregues a dez comissões diferentes que tinham presidente e secretário, fazendo-se a distribuição aos relatores que davam os competentes pareceres. A comissão de folclore e linguagem, para citar apenas uma, estava sob a presidência do dr. Castro Faria, antropólogo do Museu Nacional, tendo para estudar mais de quinze teses. Houve muitos trabalhos rejeitados e outros aceitos em parte, apenas.

Compareceram do Rio Grande do Sul, também os srs. Jorge Felizardo, Valter Spalding e Olinto Sanmartín que apresentaram o primeiro ótimos estudos de genealogia, o segundo uma feliz interpretação do folclore açoriano e o terceiro boa geografia do arquipélago atlântico. Todos foram distinguidos com honrosas comissões por parte do Congresso. O prof. Valter Spalding foi orador oficial da sessão solene de abertura do Congresso.

Santa Catarina foi representada por Oswaldo Cabral, Henrique Fontes e Nunes Varela, brilhantes e ilustres historiador, filólogo e jornalista, foram a alma do Congresso.

Todos os três catarinenses, e grande nome nas letras da provincia, excederam-se em gentilezas na execução de um programa não apenas de trabalho mas de excursões proveitosas a lugares históricos: Laguna, Sto. Antônio, Ribeirão, Canasvieira, S. Miguel, Sul da Ilha, Volta ao Morro, etc.

Os trabalhos dos historiadores locais, como Vilmar Dias e Carlos da Costa Pereira, revelaram alto padrão de cultura da provincia.

Além do Congresso, realizaram-se outras atividades de caráter científico, duas das quais, principalmente, tiveram grande repercussão: Danças Tradicionais no estádio da Polícia Militar do Estado, e Exposição Histórico, Geográfica e Folclórica, organizada muito bem pelo engenheiro Peluso Junior.

As visitas realizadas pelos congressistas ao governador do Estado, Assembléa Legislativa, re-

Digressões Antroponímicas

HENRIQUE FONTES

(De um trabalho sobre os nomes das
Magistrandas de 1947 do Colégio Coração
de Jesus, que à sua turma deram o nome
do autor)

(Continuação)

BERNADETTE

1. BERNADETTE é diminutivo francês de **Bernarde**, feminino de **Bernard** "Bernardo".

Bernardo, alemão **Bernhard**, procede do alto-alemão antigo, sendo formado de **bern** "urso" e de **hart** "forte". Significa "forte como o urso". Tem a variante **Berardo** e, em alemão, o hipocorístico **Benno**, de onde saíram o francês **Bennon** e o italiano **Bennone**.

2. Para os nórdicos, que não conheciam o leão, era o urso o rei dos animais. A palavra que o designa (alto-alemão antigo **bero**, **bern**; nórdico antigo **björn**) entra na composição de outros nomes pessoais: **Adalbero**, **Adalberon**, **Adalberão**, de **adal** e **bero**, é "nobre urso"; **Ansobjoern**, de **ans** e **björn**, é "urso dos deuses"; **Thorobjoern**, de **Thor** e **björn**, é "urso de Tor"; **Bernaldo**, **Beroaldo**, **Beraldo**, de **bero**, **bern** e **waltan**, é "o que domina como o urso" ou também "o que domina o urso"; **Berengário** ou **Berengero**, **Beringero**, francês **Bérenger**, que tem as formas femininas **Berengária**, **Berenguela**, **Berengela**, **Beringeira**, de **bern** e **gêr**, é "lança do urso" e significará, de certo, "quem defende o urso com a lança"; **Beregiso** pode significar "lança do urso" ou "refém do urso", conforme a interpretação que se dê ao segundo elemento, que pode provir de **geisala**, **gaisa** — "lança, dardo", ou de **gisal** "refém, penhor"; **Bernulfo**, de **bern** e **wolf**, é "lôbo-urso", isto é, o que às qualidades do lobo reúne as do urso; **Bernilde**, **Berilde**, **Benilde**, de **bero**, **bern** e **Hild**, é "Hilde do urso", é a valquíria Hilde guardada pelo urso; **Bernvardo**, de **bern** e **-ward**, é "guarda do urso"; **Berário**, **Bernário**, **Bernério**, **Bercário**, de **bero**, **bern** e **hêri**, **hâri**, é "guerreiro do urso", etc.

3. **Húnn**, nome nórdico do "urso novo", figura em vários nomes de pessoas (Engelbert Hertel, *Die deutschen Familiennamen*, pág. 59; e *Deutsche Vornamen*, pág. 20). **Humbaldo**, de **húnn** e **bald**, de que saiu o nome de família alemão **Humboldt**, é "ousado como o urso novo"; **Humberga**, de **húnn** e **bergan**, que é o nome de uma irmã de S. Bernardo, festejada como santa a 12 de fevereiro e também conhecida pelo hipocorístico **Humbelina**, é "a que guarda o urso novo"; ou "a que é guardada pelo urso novo"; **Humberto**, de **húnn** e **beraht**, é "brilhante como o urso novo"; **Hunfrido**, alemão **Hunfrid**, inglês **Humphrey**, francês **Onfroi**, italiano **Onofredo**, de **húnn** e **fridu**, é "paz do urso novo", isto é, "aquêl que dá paz ao urso novo" ou também "aquêl que do urso novo recebe paz"; **Hungero**, de **húnn** e **gêr**, é "lança do urso novo" (ver **Berengário**); **Hunegundes**, de **húnn** e **Gund**, é "Gunde do urso novo", é a valquíria Gunde guardada pelo urso novo (ver **Bernilde**); **Hunaldo**, **Hunoldo**, de **húnn** e **waltan**, é "o que domina como o urso novo" ou "o que domina o urso novo"; **Hunrico**, **Hunerico**, **Honorico**, de **húnn**

e **rihhi**, é "poderoso como o urso novo"; **Honulfo**, de **húnn** e **wolf**, é "lôbo — urso novo" (ver **Bernulfo**), etc. São hipocorísticos desses nomes **Huna**, **Hunna**, **Huno** e **Húnila**.

Advirta-se que as significações de "huno" e "gigante", que correntemente são dadas a **Hun—**, **Huni—**, não são aceitáveis, ao menos, para a totalidade dos nomes em que entra esse elemento, porque, já antes da chegada dos hunos à Alemanha, figurava êle em nomes próprios e porque só no século XIII é que aparece a palavra **Hüne** com a significação de "gigante" (ver F. Kluge, *Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache*, vb. **Hüne**).

4. Outros nomes de animais aparecem em antropônimos germânicos: **aro**, **arn** "águia"; **eber** "javali"; **hraban**, **hram** "corvo"; **lind** "serpente" e **wolf** "lôbo", etc. Tenha-se, porém, presente que nomes como **Arno**, **Anno**, **Annon**; **Berno**, **Berna**, **Benno**, **Perna**; **Evro**; **Rabano**, **Ramno**, **Cramno**; **Linda**; **Wolf**, **Ulfo**, etc., que se prendem à designação dos animais aqui apontados, devem ser entendidos não como nomes simples e oriundos diretamente dos nomes dos ditos animais, e sim como hipocorísticos, como formas reduzidas de nomes compostos; e devem ser assim entendidos, porque, na antroponímia germânica, são raríssimos os casos de nomes formados pela simples mudança de categoria gramatical, isto é, pela mudança imediata, por derivação imprópria, de nome comum ou de adjetivo para nome de pessoa. Isso era comum em hebraico, grego e latim (ver **Lia** e **Úrsula**).

5. **Arnaldo**, **Arnoldo**, hipocorísticos **Arno**, **Anno**, **Annon**, é "o que domina como a águia" ou "o que domina a águia" (ver **Bernaldo**); **Arnilde** é "Hilde do urso" (ver **Bernilde**); **Arnolfo**, **Arnulfo** é "lôbo-águia" (ver **Bernulfo**); **Erinaldo**, alemão **Arnhart**, **Ernhart**, é "forte como a águia" (ver **Bernardo**); **Eremberto**, alemão **Arnobert**, de **arn** e **beraht**, é "brilhante como a águia"; **Erentrudes**, alemão **Arntrud**, **Erntrud**, é "Trude da águia", é a valquíria Trude guardada pela águia; **Erenfrida**, alemão **Arnfrida**, **Ernfride**, **Ernfrieda**, é "paz da águia" (ver **Hunfrido**). Dos nomes femininos em **Ern—** pode ter provindo o nome **Erna**; pode, porém, ter-se originado de **Ernesta**, feminino de **Ernst** "Ernesto", que significa "resoluto, pertinaz".

6. **Everardo** é "forte como o javali" (ver **Bernardo**); **Everelmo**, de **eber** e **helm**, é "elmo do javali"; **Evermaro**, de **eber** e **mâri**, é "célebre como o javali"; **Evermodo**, **Vermudo**, **Bermudo**, de **eber** e **muot**, é "o que tem a coragem do javali"; **Evermundo**, de **eber** e **munt**, é "proteção do javali", podendo ser "o que dá proteção ao javali" ou "o que recebe proteção do javali"; **Evergislo**, de que **Evergisto** parece ser alteração, é "lança do javali" ou "refém do javali", significações que também podem ser atribuídas a **Evergiso** (ver **Beregiso**); **Ebrofno**, de **eber** e

feitura e Câmara Municipal e Arcebispo Metropolitano mostraramos os homens ilustres da terra catarinense que têm escritores da expressão de um Gama D'Eça servindo de Secretário de Estado.

O dr. José Boabaid, presidente da assembléia no exercício do cargo de governador, foi um verdadeiro gentleman proporcionando aos

congressistas uma visão bem nítida das obras de educação, saúde pública e assistência social e hospitalar do Estado, aliás modelares e que honram a administração pública.

Florianópolis é, na frase de velho cronista, o "pequeno Rio de Janeiro", o que é exato e correspon-

de ao que se espera de sua paisagem e seu progresso.

O I Congresso de História Catarinense foi o elogio do açoriano, o ilhéu que trouxe para o Brasil do século XVIII todo o vigor de sua coragem, imaginação e honradez, ainda intactas e não contaminadas no isolamento do oceano.

win, é "amigo do javali"; Ebrulfo é "lôbo-javali"; Everilde é "Hilde do javali", etc.

7. Adalram, de adal e hram, é "nobre corvo" (ver Adalbero); Bertram, de beraht e hram, é "corvo brilhante". Diga-se de passagem que de Bertram saiu o nosso Beltrão, que deu origem ao designativo indeterminado beltrano. Com os mesmos elementos de Bertram se formou Ramberto "brilhante como o corvo". Emmeram, de heim e hram, é "lôbo da pátria"; Guntram, Gontrão, de gund e hram, é "corvo de guerra"; Ingram, de Ingo e hram, é "corvo de Ingo", é corvo dêsse mítico antepassado dos germanos; Ostram, de os-, variante de ans, e hram, é "corvo dos deuses", corvo divino"; Wolfram, de wolf e hram, é "corvo-lôbo, etc. Note-se que, para os germanos, era o corvo estimável, por ser ave dos campos de batalha; Vodan fazia-se acompanhar de dois corvos: Hugin "inteligência" e Muninn "memória".

8. Adelinda é "nobre serpente"; Arlinda, alemão Harlindis, Herlinda, Arlind, de hêri e lind, é "serpente do exército"; Deolinda, Teodolinda, de diot e thiuda, e lind, é "serpente do povo"; Ermelinda, Hermelinda, de Irmin e lind, é "serpente de Irmin", é serpente dêsse outro semi-divino genearca dos germanos (ver Ingram); Fridelinda, de fridu e lind, é "serpente da paz"; Godelinda, de got e lind, é "serpente divina"; Odelinda, de ôd e lind, é "serpente da propriedade"; Relinda, alemão Reinlinda, Regulinda, de ragin e lind, é "serpente do conselho"; Sigilinda, de sigu e lind, é "serpente da vitória", etc. Tenha-se presente que, para os germanos, não era a serpente um ser malicioso e amaldiçoado, como na tradição judaico-cristã; mas animal prudente e feiticeiro, conhecedor e guardador de tesouros. Advirta-se também que — lind, como elemento final, só aparece originariamente em nomes de mulheres (ver Dr. Karl Hessel, *Altdutsche Frauennamen*, págs. 20 e 21).

9. Adolfo, Ataúlfo, Etelvolfo, respectivamente do alto-alemão antigo adal, do gótico atha—, do anglo-saxão aethele, e de wolf, wulfs, significam "nobre lobo"; Agilolfo, Aginolfo, Aigolfo, em que os primeiros elementos se ligam ao gótico hipotético agja e ao alto-alemão antigo ekka, significam "lôbo de espada"; Astolfo, de ast e wolf, é "lôbo de lança"; Badulfo, de badu e wolf é "lôbo de combate"; Bertolfo, Bertulfo é "lôbo brilhante"; Botulfo é "lôbo que comanda"; Gangolfo, Gangulfo, de gang e wolf, de que é corruptela Gandolfo, é "lôbo da expedição"; Volfango, Volfango, alterados para Volfando e formados com os mesmos elementos de Gangolfo, significam "o que vai na expedição contra os lobos", correspondendo ao grego Licurgo (Lykourgos) e ao latino Lupércio (Lupercius) "o que repele os lobos"; Gondulfo, Gundolfo, de gund e wolf, é "lôbo de guerra", significação que também cabe a Hildulfo, de hild e wolf; Hardulfo é "lôbo forte"; Landulfo, de land e wolf, é "lôbo do país"; Lindolfo é "lôbo-serpente"; Ludolfo, de hlût e wolf, é "lôbo célebre"; Marculfo, de mark e wolf, é "lôbo da fronteira"; Odufo, é "lôbo da propriedade" (ver Odelinda); Radulfo, de rât e wolf, que se contrai em Raúl e Ralf, é "lôbo do conselho", significação que é também a de Ranulfo, de ragin e wolf; Ramulfo é "lôbo-corvo" (ver Wolfram); Randulfo, de rant e wolf, é "lôbo de escudo"; Rodolfo, de hruod e wolf, é "lôbo glorioso"; Sindolfo, de sind e wolf, é "lôbo da comitiva", é lobo da expedição de guerra; com os mesmos elementos, formase Volfinda, alemão Wolfsindis, "companheira do lobo"; Teodulfo, de thiuda e wolf, é "lôbo do povo" (ver Teodolinda); Volfardo é "forte como o lobo" (ver Bernardo); Volfelmo é "elmo do lobo" (ver Everelmo); Volfoldo é "o que domina o lobo" (ver Bernaldo), etc.

Os gregos também punham o nome do lobo (lykos) em nomes de pessoas: Licomedes (Lykomédes) "o que cuida do lobo" (ver Bernardo); Licofron (Lykóphron, onos) "de coração de lobo"; Autólico (Autólykos) "o próprio lobo", etc.

10. "Forte como o leão" é a interpretação corrente do nome Leonardo, alemão Leonhart, francês antigo Lié-nard. É, porém, pouco provável que a primeira parte do nome (Leon-) corresponda à designação de tal fera, já porque, como foi dito, não era o leão conhecido dos velhos germanos, já porque o seu nome, que nas línguas germânicas é considerado palavra de empréstimo (Lehnwort), — alto-alemão antigo lewo, alto-alemão médio leu, lewe, anglo-saxão léo, — não explicaria a presença do -n-, que o nome contém. É possível que a primeira parte do nome seja afim do alto-alemão antigo lewen e do nórdico antigo ljónar, que significam "ser misericordioso, ser favorável" (ver M. Schönfeld, *Wörterbuch der altgermanischen Personen— und Völkernamen*, vb. Liwigildus, pág. 156; e Max Gottschald, *Deutsche Namenkunde*, pág. 277). Leonardo poderá, assim, interpretar-se como "misericordioso e forte"; e Leovigildo, em que entra êsse semantema e a que se dá o significado de "o que vale como um leão", "der wie ein Löwe gilt" (von Selchow, *Das Namenbuch*, pág. 58), poderá entender-se como "oferenda misericordiosa", "oferenda propiciatória".

O nome do rei dos animais, se está ausente de nomes compostos germânicos, figura, em compensação, nos hebraicos Ariel e Otoniel "leão de Deus" e nos gregos Leontógenes "nascido de um leão", Leontócrates "forte como o leão", Antileão ou Antileonte "igual ao leão", Licoleão ou Licoleonte "leão-lôbo", Pantaleão ou Pantaleonte "inteiramente leão", Timoleão ou Timoleonte "leão no valor", etc.

11. O uro, espécie de boi selvagem, chamado em alto-alemão antigo ur e em alemão moderno Auerochs, também foi lembrado em antropônimos germânicos: Ansúrio, alemão Ansur, de ans e ur, é "uro dos deuses", tendo talvez como variante Osório; e Odório, alemão Odur, é "uro da propriedade" (ver Odelinda).

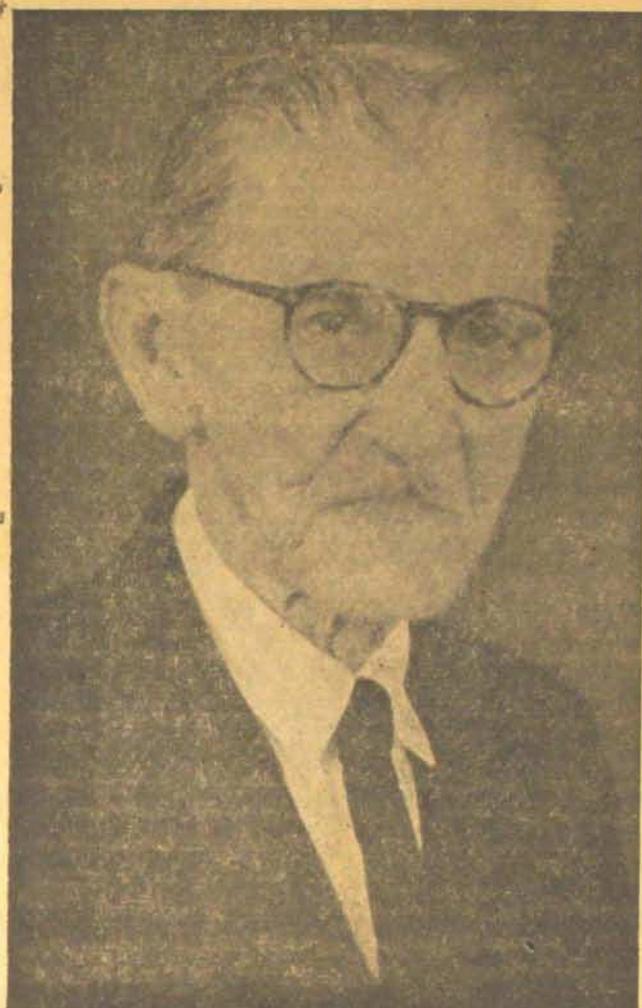
12. É possível que o primeiro elemento de Ursberto, Ursmaro e Ursoldo se ligue ao saxão antigo hros, anglo-saxão hors, alto-alemão antigo ros, inglês horse "cavalo". Se assim fôr, poderão aquêles nomes ser, respectivamente, interpretados como "ilustre pelos seus cavalos", "célebre pelos seus cavalos" e "o que domina o cavalo". "Célebre pelos seus cavalos" é a interpretação de Eomaer, cujo primeiro elemento corresponde ao saxão antigo elu e ao anglo-saxão eoh "cavalo".

É de lembrar que, entre os gregos, era o nome do cavalo (hippos) muito apreciado para a formação de nomes pessoais: Arquipo (Árchippos) é Hiparco (Hipparchos) "primeiro na cavalaria", "chefe da cavalaria"; Damasipo (Damasippos), Hipódamo (Hippódamos), Hipodamante (Hippodámas, antos) e os femininos Hipodâmia (Hippodâmeia) e Hipódame significam "o que doma cavalos", "a que doma cavalos"; Hipócrates (Hippocrátes) e Cratipo (Krátippos) significam "forte como o cavalo", sentido que também cabe a Hipóstenes (Hipposthénés); Hipótoo, e seu feminino Hipótoe (Hippóthoos, Hippothóe) e Hipotoonte (Hippothóon, ontos), significam "rápido como o cavalo"; Hipólito (Hippólytos) e Lísipo (Lysippos) querem dizer "o que liberta cavalos", ao revés de Zeuxipo (Zeúxippos), de que é hipocorístico Zeuxis, que significa "o que atrela cavalos"; Felipe (Philíppos) é "o que gosta de cavalos" e Erasipo (Erásippos) é "o que gosta apaixonadamente de cavalos"; Hipocoonte (Hippokóon, ontos) é "o que vigia os cavalos"; Hipomedonte (Hippomédon, ontos) é "o que se preocupa com cavalos"; Crisipo (Chrysippos) é "o que tem cavalos de ouro", Glaucipo (Glaúkippos) é "o que tem cavalos glaucos"; Leucipo (Leúkippos) é "o que tem cavalos brancos"; Melanipo (Melánippos) é "o que tem cavalos pretos"; Xantipo (Xanthippos) é "o que tem cavalos avermelhados", etc.

13. Urge, porém, pôr termo à estirada digressão, que deu lugar um nome de animal que o nome Bernardo encerra. Voltemos a Bernardo e Bernadette.

Ante o conjunto de nomes germânicos apresentados,

Coronel João Guimarães Pinho



viços prestados ao Estado de Santa Catarina pelo Cel. João Guimarães Pinho.

Eis alguns traços da vida do Cel. João Guimarães Pinho. Nasceu na tradicional e histórica cidade de Laguna, aos 20 dias de março de 1862. Eram seus pais o sr. Manuel José Dias Pinho e Dona Maria Guimarães Pinho. Aprendeu as primeiras letras na terra natal e depois continuou os estudos no famoso Colégio Abílio, do Rio de Janeiro. A chamado do pai, retornou à Laguna para trabalhar na firma Pinho & Cia., da qual foi mais tarde o chefe.

Cedo, o Coronel João Guimarães Pinho ingressou no Partido Federalista, que em Laguna era chefiado pelo pai. Foi eleito Juiz de Paz e depois nomeado suplente de Juiz Federal. Após o acôrdo político entre Lauro Muller e Hercílio Luz, foi indicado e eleito deputado estadual pelo cêspede natal. Tornou-se depois chefe político do sul do Estado. Durante vinte e duas vezes conseguiu ser eleito deputado estadual.

Além de comerciante e homem de partido, devem ser realçadas as suas qualidades de caráter e o seu pendor para o jornalismo. Pena fluente e escorreita, servida pela experiência de constante leitura, sempre se salientou nos comentários políticos e no gênero epistolar. Escreveu durante muitos anos para o hebdomadário lagunense O ALBOR as suas famosas "Cartas do Rio", usando o pseudônimo de Arthur Machado.

ATUALIDADES não podia deixar de render esta homenagem de saudades ao Cel. João Guimarães Pinho. Registrando pesarosamente o seu falecimento, apresenta à numerosa e ilustre família Pinho sentidos pêsames.

No dia 20 de dezembro último, o telégrafo dava-nos a triste notícia do falecimento, na capital da República, do venerando Cel. João Guimarães Pinho. A Assembléia Estadual pela mesa e os partidos políticos ali representados prestaram-lhe homenagens póstumas, vis-

to ter sido o Cel. João Guimarães Pinho seu presidente durante cinco períodos e ter assumido por três vezes a presidência interina do Estado. O Dr. José Boabaid, no exercício do cargo de Governador do Estado, decretou luto oficial por três dias, levando em conta os ser-

nada há de extraordinário na explicação, que se dá a **Bernardo**, de "forte como o urso". Eruditos da Renascença também assim o entenderam, traduzindo-o em latim por "ursipotens" "poderoso como o urso" e "robur ursi" "fôrça do urso"; mas houve, entre êles, quem, julgando que em hart estivesse Herz "coração", o interpretasse como "cor ursinum" "coração de urso" (ver J. Fabre d'Envieu, *Le Dictionnaire Allemand enseigné par l'analyse étymologique des noms propres individuels*, págs. 42 e 43). Outras significações indefessáveis ainda lhe foram dadas, como *thesaurus durationis* "tesouro da duração" *id.*, *ib.*, pág. 246) e flor de nardo". (Bernardes, *Nova Floresta*, vol. III, pág. 199).

Bernadette é o nome da vidente de Lourdes, canonizada em 1933 como **Maria Bernarda Soubirous**, nome que tinha na Congregação das Irmãs de Caridade de Nevers, na França. É festejada a 16 de abril, dia de sua morte, em 1879, aos trinta e cinco anos de idade. Festejada é também a primeira aparição com que, a 11 de fevereiro de 1854, a agraciou a Virgem Imaculada, que passou a ter nova invocação: **Nossa Senhora de Lourdes**.

Na devoção popular, continua, porém, **Santa Maria Bernarda** com o seu carinhoso nome familiar, que lhe vai atraindo afilhadas e admiradoras.

1947

1860

87

D R S.

J. B. BONASSIS

A. G. DE ALMEIDA

F. MAY FILHO

— A D V O G A D O S —

Causas cíveis, comerciais, criminaes, trabalhistas, contratos, naturalizações, consultas e pareceres

Escritórios:

Rua Felipe Schmidt 34 - sala 3 - Florianópolis
Rua Pedro Demoro 971 - Estreito

EDMUNDO DA LUZ PINTO

"A data de 5 de janeiro último, assinalou mais um aniversário natalício do dr. Edmundo da Luz Pinto. Para maior prestígio de nossa revista, sempre temos contado com a sua brilhante colaboração. Como homenagem ao seu formoso talento, transcrevemos nesta oportunidade o trabalho abaixo do escritor Zedar Perfeito da Silva, do livro "Perfis de alguns catarinenses ilustres". Que o Todo Poderoso lhe dê saúde e felicidade, para dessa forma o dr. Edmundo da Luz Pinto prosseguir em sua rota ascendente de sucesso profissional, diplomático e cultural em prol do Brasil, que tanto estremece o filho querido e ilustre".

Já tivemos a grata oportunidade de expressar a nossa opinião sobre o talento e a cultura multiformes de Edmundo da Luz Pinto, quando nos ocupamos de seu livro de história: — "Principais Estadistas do Segundo Reinado".

No "Dia de Camões, Festa da Raça", em sessão solene no Gabinete Português de Leitura, fomos ouvir, como orador oficial da solenidade, e ver o Dr. Edmundo da Luz Pinto proferir o seu belo, conceituoso e oportuno discurso, apreciando o épico dos Lusíadas e apontando a dívida de honra do Brasil ao velho e querido irmão Português. Indelével foi a impressão que nos causou tão extraordinário espetáculo de civismo e bom gosto literário.

Dias depois, relemos alguns de seus mais famosos discursos. Mas ler os seus discursos não é o mesmo que ver o orador e ouvi-lo. Edmundo da Luz Pinto alia à sua grande vocação de homem de letras o dom insopitável de um acabado artista da declamação, sem o furor dos que levantam a voz e gesticulam cheios de esgares e sem usar estilo gongórico.

Em sua qualidade de orador, nota-se de mais interessante o traço acentuado de clareza e de simplicidade. Por isso, não lhe foi difícil gozar do justo título de grande tribuno, aqui e além fronteiras.

É verdade que se lhe aumenta a celebridade, dia a dia. Edmundo da Luz Pinto não se deixa vencer pelo difícil ou complicado da frase, para arrebatá-la a assistência basta o seu magnetismo pessoal. Possui ainda outra qualidade apreciável: — Tem sempre presente que o simples é o gênero mais difícil de ser cultivado e que simples foram todos os grandes valores artísticos em construir as suas obras imortais!

Conhece perfeitamente os ornatos e as figuras de retórica; estuda o valor da eloquência; sente a importância da harmonia e não abandona nunca a correção de linguagem. Não é tudo. Como orador, deseja ainda ser profundo e claro no tema versado e quanto à eloquência imprime invariavelmente um timbre varonil.

Dêsse modo, foi-nos fácil descobrir em Edmundo da Luz Pinto um revolucionário e, ao mesmo tempo, um precursor. Possui uma forma característica. Felizmente, nunca se inclinou para a imitação dos grandes modelos e nem quis tornar-se acadêmico no verdadeiro significado do vocábulo. Ambiciona, porque nele tudo é espontaneidade, ser apenas intérprete da verdadeira arte da palavra articulada, sem jamais sacrificar o pensamento em favor de uma bela imagem ou de uma frase de puro efeito. Assim, consegue fazer o ouvinte viver alguns instantes de emoção e ainda lhe ministrar algo substancial.

Transcreveremos três trechos do discurso pronunciado no "Dia de Camões, Festa da Raça", para que seja verificada pelo próprio leitor a sinceridade de nossa apreciação:

"Bendita seja essa nossa raça! Os seus preconceitos não são de pele, nem de sangue puro; são os da lealdade e da honra; a sua superioridade não consiste em querer dominar, mas em desejar servir. Não se pode confundir com o racismo fratricida de origem obscura num paganismo renascido, porque é flor e fruto da fraternidade cristã, semeada e evangelizada por Portugal em cinco continentes. Raça cheia de ternura humana e de tolerância, temente a Deus e amiga da liberdade, criada pelo gênio povoador e aglutinador de Portugal."

"Eis porque sou ardente partidário, como já tantas vezes me tenho manifestado, de se excluir, naturalmen-



te com reciprocidade, os portugueses das medidas restritivas que as necessidades da segurança nacional e a defesa do nosso patrimônio étnico, cultural e econômico ditaram sabiamente ao Governo nestes conturbados tempos.

Teríamos realizado, assim, depois de mais um século de vida livre, aquela idéia que, devido às circunstâncias da época, não conseguiu vingar, quando das negociações do Tratado de Reconhecimento da nossa Independência, celebrado entre a antiga metrópole e o nascente império americano: — "Os súditos portugueses serão tratados no Brasil como brasileiros e os brasileiros, em Portugal, como portugueses".

"Foram os plasmadores iniciais da alma brasileira, que ensinaram a rezar e encheram de ternura e de bondade; foram os iniciadores, em muitas regiões do país, das nossas indústrias e do nosso comércio, foram os propagadores do espírito de solidariedade, assistência e caridade, que os leva, até hoje, a restituir, em hospitais, bibliotecas, beneficências e escolas, grande parte da prosperidade que conquistaram com árduo e honrado labor na terra acolhedora, que é quase sempre pátria de seus numerosos filhos.

Estrangeiros? Os que nós deram a língua, a religião os costumes, colaborando conosco, mesmo depois da independência política, pela grandeza da terra que descobriram, povoaram e "embarcaram com seus primeiros cantos na virgem selva americana?"

O Dr. Edmundo da Luz Pinto arrebatou a todos os ouvintes que enchiam literalmente o amplo e belo recinto manuelino, que é o Gabinete Português de Leitura. E os apoiados e os bravos eram ouvidos em todos os sítios e as palmas calorosas estrugiam com entusiasmo transbordante, raro acontecer em semelhantes solenidades.

O escritor português Jaime Cortesão, que honra com o seu valor cultural e com a sua presença a nossa pátria, soube dizer que a eloquência de Edmundo da Luz Pinto era como os diamantes: — "breve, límpida e fulgurante!"

Rio, Julho de 1944.

A inauguração do novo edifício do "INCO" em Videira

A benção do edifício. - A churrascada. - Discursos. - A palavra do sr. Prefeito de Videira. - Outras ontas.



GENÉSIO LINS, diretor-superintendente

Dia 6 de março, o Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S/A., inaugurou, em Videira, o seu edifício. Recorda-se que, em dezembro de 1947, foi consumida por um incêndio a casa de madeira em que funcionava aquela Dependência. Dias após o sinistro, a alta administração do "Inco" iniciava os trabalhos preparatórios à construção do novo prédio, cuja conclusão ocorreu há poucos dias.

Ao ato de inauguração do novo edifício estiveram presentes os srs. Dr. Rodolfo Renaux, Bauer, dd. diretor-gerente, Irineu Bornhausen, diretor e Hercílio Deeke, diretor adjunto, além dos srs. José L. Sant'Ana, gerente da Agência de Caçador, Heinz Hauffe, Chefe do Escritório de Tangará, delegações de funcionários da Direção Geral, Joaçaba, Caçador e Tangará.

A benção do novo edifício, feita pelo Revdo. Pároco de Videira foi realizada às 11 horas de domingo e à mesma estiveram presentes as autoridades e povo daquele próspero município, enchendo literalmente todas as dependências do suntuoso prédio. Após a benção, usou da palavra, em feliz improviso, o sr. dr. Rodolfo Renaux Bauer. Referindo-se ao ato religioso que acabava de ser realizado, aludiu à feliz coincidência de ser Videira a terra onde se pro-

duz "pão e vinho", justamente as substâncias escolhidas por Deus para se unir aos homens no milagre de Eucaristia. Continua tecendo comentários sobre o progresso do "Inco" que, em 14 anos de existência, se emparelha hoje aos maiores estabelecimentos bancários do país.

Em seguida, usou da palavra o sr. Angelo Ponzoni, digno Prefeito Municipal de Videira, que leu o seguinte discurso:

"Na qualidade de Prefeito Municipal, e Videira inteira comigo, sentimo-nos bastante orgulhosos e satisfeitos pelos motivos desta reunião cordial e significativa, que assinala a inauguração do novo prédio da Agência do Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S/A., nesta cidade.

Este presente que o "Inco" acaba de dar a Videira é, sem dúvida, um dos marcos mais importantes de progresso desta Comuna, nesta fase renovadora de sua vida administrativa.

Não bastando já os benefícios que o "Inco", como a maior organização financeira do Estado, está dando a esta zona; não bastando os auxílios que está prestando à indústria e ao comércio em todo o Estado, através da sua modelar engrenagem dirigida com zelo e firmeza; não bastando, enfim, todo esse acervo de contribui-



DR. RODOLFO RENAUX BAUER, diretor-gerente

ções ao progresso econômico de Santa Catarina, o Banco "Inco" vai além, consolidando em cimento e ferro, através de importantes edifícios como este, que os tem em quase todas as cidades do Estado, cimentando assim sua união, seu interesse e seu reconhecimento aos centros em que opera.

À Direção do "Inco" e, em particular, à Agência de Videira, meus parabens e votos sinceros de prosperidades sempre crescentes e que sejam coroados de êxito, como até aqui, suas iniciativas e vastos empreendimentos.

Agradecido pela gentileza de vosso convite e de vossa proverbial atenção, hipoteco minha solidariedade a essa importante organização, renovando, mais uma vez, os meus pro-



O novo edifício do "INCO" em Videira

testos de estima a todos os vossos Diretores e colaboradores".

Depois da visita a todas dependências do suntuoso edifício, os presentes foram convidados para uma succulenta churrascada, que se realizou ao lado da Igreja Matriz, num amplo galpão, onde mais de 200 pessoas foram servidas. No transcurso do almoço, falou o dr. Ricarte de Freitas, agradecendo a churrascada. Prosseguindo, usou da palavra o sr. Irineu Bornhausen. S. s. recordou que há 12 anos assistiu a instalação da Agência do "Inco" no então distrito de Perdizes, quando teve ocasião de declarar: "... para aqui viemos trabalhar convosco, progredir convosco e prosperar convosco" e hoje, decorridos 12 anos, vê que não faltaram à sua promessa. Faz considerações sobre o progresso do atual município de Videira e do Banco "Inco", como fatores do engrandecimento de Santa Catarina.

Segue-se com a palavra o Reverendo Padre Romualdo que, de improviso, alude à circunstância muito grata de já existir o "Inco" se dissociado da Igreja, tendo, mesmo, para celebrar a inauguração do seu belo edifício, escolhido uma das dependências da Casa Paroquial.

Novamente com a palavra o dr. Ricarte de Freitas, congratula-se com o sr. Osvaldo Heusi, gerente do "Inco" em Videira, a cujo esforço e boa vontade se deve grande parte da obra realizada pelo Banco naquela localidade.

Faz uso da palavra, em seguida, o sr. Heusi que agradece a colaboração que vem recebendo do povo daquêlê município.

Encerrando o almoço, fala o dr. Rodolfo Renaux Bauer que faz uma saudação especial às senhoras presentes, ao Senhor Paróco, aos Prefeitos de Videira

ra e Caçador e aos funcionários do "Inco".

À noite, em sua residência, o distinto casal Osvaldo Heusi e exma. esposa ofereceu aos diretores presentes e às autoridades

um jantar que contou com a presença de membros da diretoria do "Inco", prefeitos de Videira e Caçador, Padre Romualdo, além de outras pessoas gradas do município.

No Parnaso

Castorina Lobo de S. Thiago.

Vaguei, por muito tempo, em busca do Parnaso
E assim que o descobri, tentei sua escalada,
Conseguindo vencer e com bastante atrazo,
Penetrei na mansão, às Musas, consagrada.

Senti-me deslocada e de um recanto oculto,
Conseguí admirar, num êxtase supremo
De Luiz de Camões, o magestoso vulto,
Coroado de louros e dum alvor extremo!

Vi, também, Castro Alves e Luiz Delfino,
Casimiro de Abreu, o vate da saudade,
Bilac e Cruz e Souza — branco alabastrino,
Tangendo o alaúde em plena claridade!

E lá se achavam os genios, todos, da poesia,
Que souberam cantar as belezas da Vida,
E co'o manto diafano da fantasia,
Disfarçar a crueza da terrena lida.

Soava, pelo espaço, um hino triunfal
E as belas entidades, em talaes vestes,
Pairavam como sílfos, no plano imortal
A dedilhar na lira, criações celestes.

E num momento dado a clandestina ouzada,
Foi descoberta e como Icaro, rolou,
Vindo cair na cama e bem sobressaltada,
Acordou! Fôra um sonho, um sonho que findou.

Rio, 28-1-1949.

Senhoras e senhoritas,

uma visita ao "O P A R A I S O" será o complemento de sua elegância!

Rua Felipe Schmidt, 21

Telefone 1.620

Florianópolis

Um ponto controverso de nossa História

A PROPÓSITO DE ANITA GARIBALDI

Qual o lugar do nascimento de Ana Maria de Jesus, — Anita Garibaldi, — a heroína dos dois mundos?

Teria a gloriosa filha de Santa Catarina nascido em Morrinhos, lugar situado entre os rios Congonhas e Tubarão, tres quilometros distante da cidade deste nome ou em Morrinho de Mirim, localidade à margem oriental da lagôa de Vila Nova?

A maioria dos seus biógrafos, entre os quais os eruditos historiadores irmãos José, Henrique e Lucas Boiteux, dão-na como natural daquele primeiro lugarejo, então pertencente ao Município de Laguna e hoje integrando o de Tubarão, mas em que documentos se basearam para tal afirmação?

Houve até quem aventasse a ideia de ser transformada em monumento nacional, a casa existente em Morrinhos de Tubarão, construída no local onde se encontrava a em que Anita residiu por algum tempo, em a sua meninice, como se a heroína de fato ali houvesse nascido, o que seria mentir à Posteridade, com uma homenagem injustificada.

Em uma de minhas ultimas viagens ao Sul do Estado, demorei-me na fidalga e hospitaleira Vila Nova de Santa Ana, para mim e tantos outros inesquecível, pelo confortador carinho e eloquente patriotismo com que o seu laborioso povo homenageou, em Outubro do ano proximo passado, os membros do 1º Congresso de História Catarinense, que a visitaram, localidade que até Junho de 1836, fôra séde da freguesia a que Mirim estava compreendida, e, em conversa com um dos seus habitantes mais velhos, ao me referir à vida gloriosa de Anita, adiantou-me o anúncio ainda existirem ali, parentes da guerreira, bem como pessoas que conheceram a casa de residência dos seus genitores, mansão onde Anita nascêra.

O saudoso e erudito historiador Saul Ulisséa que, como José Joanny, foi lidima expressão da cultura lagunense, em substancioso artigo pelas colunas do venerando e conceituado jornal O ALBOR, e depois pelo seu excelente e conceituado livro "Coisas Velhas", já nos havia alertado, com a evidenciação dessa incerteza da história catarinense, demonstrando ser muito mais plausível, a opinião agora generalizada, de ter sido Morrinho de Mirim e não de Tubarão o berço de Anita, pelas razões seguintes:

A crença de que Anita nascera em Morrinhos de Tubarão, baseia-se apenas no testemunho de uma sua amiga de infância: Maria Fortunata da Conceição, conhecida por Licota. Presume-se que ambas tinham 10 anos de idade, quando se conheceram, não podendo Licota ter noção exacta do nascimento de sua amiga, no referido lugar, ao passo que o historiador Saul Ulisséa, arrolou inumeros testemunhos em favor de sua judiciosa asserção, como o de diversos moradores de Mirim, seus conhecidos pelo ano de 1876, os quais não hesitaram em confirmar o fato do nascimento de Anita em Mirim; o testemunho do funcionário municipal João Fraga, filho de uma irmã de Anita, o qual afirmou perentoriamente que "tanto sua mãe como sua tia Anita, haviam nascido no Morrinho de Mirim"; de Joaquim Maria da Silva morador em Mirim, velho muito conhecido e estimado em Laguna, que conheceu naquela localidade, a casa onde Anita nascêra; e de Clemente José da Silva Pacheco, negociante em Mirim, que mencionou os membros da familia Machado de Sousa, ali residente, como parentes de Bento Ribeiro da Silva, o Bentão, pae de Anita. Clemente Pacheco lhe afirmou que o velho Pedro Machado, contava a todos, ter Anita ido certa vez a Mirim, afim de se despedir de seus parentes, por ter de acompanhar José Garibaldi para o sul".

Saul Ulisséa possuidor de verdadeiro catarinensismo e de elevado senso patriótico, muito se afadigou no sentido de esclarecer esse ponto obscuro de nossa história. Sotici-

ou, para tal fim, a valiosa ajuda de seu ilustrado amigo padre Dr. Cezar Rossi, antigo vigário de Mirim, o qual nada poude fazer, visto não mais existir naquela igreja o livro de assentamentos de batismo, relativo ao ano que se supõe ter nascido Anita, "presumindo-se terem sido os mesmos recolhidos às dioceses de São Paulo ou Rio de Janeiro, às quais estavam subordinadas as paróquias de Santa Catarina".

O saudoso historiador de "Coisas Velhas", assinala o ano de 1821, como o do nascimento de Anita. Em que se teria baseado para tal afirmação?

A eterna dúvida sobre o lugar do nascimento de Ana Maria de Jesus, a mulher extraordinária que pelo seu valor guerreiro, encheu de orgulho a nossa Pátria e de admiração o mundo inteiro, só poderá ser dissipada com o aparecimento do seu registo de batismo. A História para ser verdadeira, digna e merecedora de fé, — porque deve representar a voz da Justiça proclamando feitos e acontecimentos que se evidenciam no tempo, — há-de basear-se em documentação de reconhecida autenticidade, em provas irrefutáveis e não em suposições.

Nem a propria palavra de Anita, pode ser levada em conta, como elemento de valor incontestável, capaz de esclarecer esse ponto obscuro da historia de sua vida, pois ao receber na matriz de Laguna, a benção que sacramentou a sua união com o sapateiro Manoel Duarte de Aguiar, condecorada pelo vigário Manoel Pereira da Cruz, declarou ser natural de São Paulo, conforme consta do termo encontrado no respectivo livro, pelo saudoso historiador José Boiteux, infatigável pesquisador das preciosidades de nossa História, e ao se matricular em Montevideo, com o condotiére italiano, — consoante a certidão passada a 26 de Março de 1842, pelo cura celebrante Martins Perez, "declarou chamar-se Ana Maria de Jesus e ser natural de Laguna no Brasil".

Quer tenha nascido em Morrinho de Mirim ou de Tubarão, Anita era catarinense e gloriosa filha de Laguna, pois aquela localidade, sómente deixou de ser lagunense, passando a constituir parte do Município de Tubarão, de 7 de maio de 1836 em diante.

A verdade entretanto, é que, até hoje, decorridos cem anos do seu falecimento em Mandriola, na Ravena, Italia, ninguem conseguiu provar por meio de documentos de irrefutável autenticidade, a data em que veio ao mundo a heroína catarinense, bem como ter sido Morrinhos, à margem do rio Tubarão, o venturoso lugar do seu nascimento.

Não se poderá prestar maior homenagem à memoria de Anita Garibaldi, por ocasião do 1º centenario do seu falecimento, a ocorrer no dia 4 de Agosto do corrente ano, do que esclarecendo, em definitivo, este ponto controverso de nossa Historia.

O Estado de Santa Catarina deveria incumbir a historiadores eruditos: Lucas Boiteux e Alfredo Taunay, da missão de pesquisar, respectivamente, nos arquivos ecclesiasticos do Rio e São Paulo, o documento capaz de esclarecer o acontecimento, afim de que outros lugares do Pais, não avoquem amanhã, a honra insigne e o direito inquestionavel de ter sido berço da gloriosa heroína brasileira, com a mesma facilidade com que muitos dos seus biógrafos lhe deram o sobrenome de Ribeiro, pelo fato de seu pai chamar-se Bento Ribeiro da Silva, quando é sabido que, pela tradição, observada até o seculo passado, tempo em que o cognome não era ainda cogitação das leis civis, o filho quando varão recebia o sobrenome do pai, e quando mulher, o da mãe; porisso, sendo Anita filha de Maria Antonia de Jesus somente poderia assinar-se como o fazia: Ana Maria de Jesus.

Araujo Figueredo

"Atualidades" conta hoje fazer de parte do brilhante grupo de seus colaboradores, o festejado escritor gaúcho Antônio Lourenço, nome fartamento conhecido nos meios intelectuais sul brasileiros.

A proposito de sua atuação nas belas letras nacionais, publicou a revista "Brasil Novo", de Porto Alegre o seguinte:

"Tem emprestado seu valioso concurso à redação de nossa revista, o distinto moço, cujo nome encima estas linhas.

Antônio Lourenço, modesto e talentoso, é poeta e prosador de fino quilate, tendo vivido, sempre, ao contato do jornalismo.

Foi, por vários anos, redator-chefe do semanário **O Exemplo**, que se publicou nesta capital. Trabalhou, primeiramente, na gerência, e, depois, na redação do extinto organ republicano, "**A Federação**".

Não existe, como fôra de desejar, um intercambio cultural entre o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, os dois Estados, unidos pelos limites geográficos e por um ponto comum de tradições históricas.

Principalmente por isto, apesar de minha curiosidade intelectual, não me envergonho de dizer que o nome de Araujo Figueredo apenas me era vagamente conhecido, como referência haurida na biografia de Cruz e Souza.

Um acaso feliz, porém, aproximou-me, em Pôrto Alegre, de uma filha do poeta catarinense, a exma. sra. da Izabel de Araujo Figueredo e Silva, em cujo carinho pela memória de seu ilustre pai, a minha simpatia literária encontrou a fonte cristalina das referências e dos depoimentos.

Doado por ela, tenho em meu poder, como raridade bibliográfica, o livro de estreia de Araujo Figueredo, intitulado "Ascetério", e publicado em Florianópolis, em edição íntima, no ano de 1904, com prefácio do então padre Manfredo Leite.

Vim a conhecer, assim, grande parte da obra poética do aedo. Compulsei-lhe as produções e examinei-lhe os necrológicos, inséritos nos jornais do Estado irmão.

Fiquei sabendo que Juvêncio de Araujo Figueredo, ao morrer, empunhava o cetro da poesia na terra barrigaverde, e isto pelo consenso unanime de seus pares e com os aplausos expontâneos da multidão.

Nasceu êle a 27 de setembro de 1864, em Florianópolis. Exerceu o cargo de promotor público das comarcas de Tubarão e Tijucas. Foi secretário da Câmara Municipal de São José.

Faleceu a 27 de abril de 1927, na Capital do seu Estado, de cujo Congresso era sub-diretor, no exercício de diretor, tendo sido sepultado no cemitério de Coqueiros, a-prazível poyoado de São José.

Foi um dos fundadores do jornal "O Abolicionista" e pertenceu às redações do "Gil Braz" "Tribuna Popular" e do Estado", na sua primeira fase.

Secretariou **A Noticia**, primeiro jornal que, em 1929, veio à luz na então vila, hoje cidade de Tapes, em cujo Grupo Escolar exerceu, alguns anos, o magistério.

Contribuiu, intelectualmente, para a feitura dos albuns **O trabalho alemão no Rio Grande do Sul** (São Leopoldo, 1934), **Revista Bagé** (1936), **O Rio Grande do Sul em todos os seus aspectos** (1937).

Publicou, em 1931, **Três Poemas**, "plaquete" de poesia social, que logrou boas referências.

Possue inéditas muitas obras, entre as quais o drama **Farroupilhas**, lido várias vezes, ante seletos auditórios."

É da autoria de, Antônio Lourenço esta pagina sobre o saudoso poeta Araujo Figueredo, publicado no "Brasil Novo", em 1938, sob o pseudônimo de **Floriano Polis**.

Colaborou em quase todos os jornaes de Santa Catarina, na "Cidade do Rio", de José do Patrocínio, e em outras folhas da capital brasileira.

Publicou dois livros de versos: "Madrigaes" e "Ascetério". Deixou inéditos: "Novenas de Maio" "Praias de minha terra" e outro livro.

Foi um dos maiores amigos de Cruz e Souza e pertenceu à Academia Catarinense e ao Centro Catarinense de Letras.

P. Alegre, 1938.

Floriano Polis

PRAIAS

Minha pobre velhinha, ha que tempo que lavas
Nas pedras desta fonte! Ai, pobre da viuva
Que, para ter o pão, anda ao sol e anda à chuva....
E tu que tanto amor no peito acariciavas!...

Moça, pelas manhãs de abril, quanto cantavas!
E nêsse olhar, que vida! E que ressaibos de uva...
Na tua bôca rubra! E o teu corpo era luva,
Tal a fresca maciez e a fôrma que lhe davas.

Mas foi-se a tua linda e alacre mocidade
No torvelinho atroz da augural tempestade
Que atirou teu marido ao mar no mês de agôsto.

E eu me ponho a cismar de que é feita esta fonte...
— Será d'agua que vem da alma verde do monte?...
— Para onde corre então o suor do teu rosto?...

Araujo Figueredo

PETROLINA MINANCORA

CONTRA CASPA,
QUEDA DOS CA-
BELOS E DEMAIS
AFECÇÕES DO
COURO CABELUDO.
TONICO CAPILAR
POR EXCELÊNCIA

O ensino em Santa Catarina, de 1515 a 1834

Ao insigne historiador catarinense, Capitão de Mar e Guerra Lucas A. Boiteux — cujo substancial trabalho "A Instrução Pública em Santa Catarina" permitiu o presente estudo do passado educacional de nossa Província — a minha homenagem reverente e agradecida.

Olivia da Maia

Olivia da Maia é uma das expressões fulgurantes do magistério primário barriga-verde. Nasceu em Joinville, onde fez os seus estudos secundários. Diplomou-se professora pela Escola Normal Coração de Jesús, de Florianópolis. Em 1948, fez, na Capital Federal, um curso de especialização de magistério no Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, Ministério da Educação e Saúde, com a participação de professores de todos os Estados do Brasil. Distinguiu-se sobremaneira, obtendo, na classificação geral, o segundo lugar. *Atualidades* pública um dos seus trabalhos e que mereceu a nota Excelente. Fã-lo, prazerosamente e com simpatia, prestando assim homenagem ao professorado primário catarinense que se revelou sempre à altura da missão que lhe foi confiado.

O sistema escolar em terras catarinenses implantou-se lenta, morrosamente.

Mesmo, de outra forma não poderia ser: o Brasil sob a tutela de Portugal; o analfabetismo dominando não só as massas, como a nobreza da Metrópole; o preparo intelectual quase que somente difundido entre os navegantes da época; enfim, o sistema escolar deficientíssimo nas plagas lusitanas.

O português Henrique Montes e o castelhano Melchior Ramirez, sobreviventes da expedição de João Dias Solis (1515 — 1516) foram os primeiros radicados em Santa Catarina que, conforme atesta a história, sabiam ler, escrever e contar.

"Em 1538, dois frades franciscanos, Bernardo de Armenta e Afonso Lebron, desligados de uma quadrilha espanhola, aportaram a Santa Catarina e passaram cerca de três longos anos no Porto dos Patos, em sítio chamado Ibiacá, a que deram por orago S. Luiz, Rei da França. Além da catequese, que se estendeu por algumas léguas ao redor, é de supor que os referidos religiosos também se preocupassem em esclarecer e cultivar a inteligência dos seus catecúmenos". (1)

No mais, somente em fins do século XVI é que os jesuítas, "os roteadores e primeiros cultores desta seara", como dizia o Visconde de São Leopoldo, entraram em contacto com os carijós (2).

O Padre Leonardo Nunes (o Aba-ré-bebê — Padre que voa), em 1553, teria ido à Ilha de Santa Catarina "recolher algumas senhoras castelhanas", que haviam feito parte da expedição de João Salazar. (3)

Os padres Agostinho de Mattos e Custódio Pires (1597) e os irmãos Pedro Correia, João de Souza e Fabiano Lucena, também é provável, que tenham passado por terras catarinenses; porém sua ação teria sido violentamente combatida pelos caçadores de escravos vermelhos. (4)

Em começos do século XVII, volta de Roma o Padre Fernão Cardin que "trouxe a resolução de iniciar as missões e até se possível, fundar residência na região dos Patos." (5)

Dai o motivo por que chegam a Laguna os padres João Lobato e Joaquim Rodrigues, que visitaram os aldeamentos próximos (11 de agosto de 1605), catequisando os índios e entrando em contacto com o chefe Tubarão — que deu nome ao rio e posteriormente, à freguesia, hoje, cidade deste nome. (6)

Após dois anos de trabalho, estes padres conseguiram arregimentar uns 150 indivíduos de ambos os sexos e levá-los até o Rio de Janeiro, para serem ali doutrinados, uma vez que em Laguna não havia possibilidade para tal. Dá-se aí um episódio digno de menção: no seu regresso, em Santos, foram obrigados a aportar e o Capitão obrigou os moradores a não deixarem os indígenas partir. "E meio por força, meio por embustes, distribuiu-os pelos próprios moradores: os índios acabavam de perder a sua liberdade." (7)

Cabe agora aos padres João de Almeida e João Fernandes Gato (1618) a missão de seguirem a Santa Catarina e catequizar os selvícolas. "E de tal maneira o fizeram e com tal ardor praticaram as suas verdades que conquistaram os indígenas, que de longe acudiam para ouvi-los e quando se prepararam os prégadores para retornar da peregrinação, a custo consentiram que partissem." (8).

Em 1622, partem à Ilha de Santa Catarina o Padre Antônio de Araújo — como superior — e o Padre João de Almeida — como companheiro — sendo que, provavelmente, teriam sido estes religiosos os primeiros que montaram residência jesuíta em terras catarinenses.

O Padre Geraldo Pauwels atribuiu o êxito desta primeira residên-

BEATRIZ MIMOSO RUIZ



A efeméride de 9 de fevereiro, registrou a passagem de mais um aniversário da gentil senhorinha Beatriz Mimoso Ruiz, à qual, embora tarde, enviamos nossos parabéns.

COROAÇÃO DA RAINHA

DOS ESTUDANTES DE 1949

A Sociedade florianópolisita assistiu, a 19 de fevereiro, a um acontecimento social, de grande expectativa: A coroação da senhorita Hedy Rosa, fino ornamento da sociedade local, de distintíssima família, eleita rainha dos estudantes de 1949.

Foi pequeno, o amplo salão de baile do Lira Tennis Clube, para a grande assistência que compareceu ao ato da coroação, seguido depois de elegante "soirée" que contou com a presença das mais distintas famílias locais.

Às 23 horas, acompanhada pelo dr. Osvaldo Bulcão Viana, Presidente do Lira, deu entrada no salão a gentil senhorita Maria Helena Ramos, rainha dos estudantes de 1948. Logo após, sob grande aclamação e entusiasmo impar dos estudantes, dava entrada a senhorita Hedy Rosa, que se fazia acompanhar das senhoritas Sonia Müller e Lea Moritz e de um sequito de 16 moças, que formaram em alas. Vestiam as damas de honra, atraentes vestidos de organza branco.

Dando início à solenidade, usou da palavra a senhorita Maria Helena Ramos, que, após se referir ao ato, passou a sua colega a coroa de rainha, sob os aplausos da numerosa assistência. Vestia a ex-rainha um elegante traje azul claro, de faile, enfeitado com veludo preto. Vestia a rainha, um soberbo vestido branco de organza enfeitado com organdi suíço e fitas de setim. Estava, realmente bela, a jovem soberana.

Após a coroação, leu a rainha um sensato discurso que foi muito bem recebido.

Seguiu-se elegantíssima "soirée", que se prolongou até às 3 horas e vinte minutos.

Quanto à qualidade, o ensino então ministrado decaiu consideravelmente devido à falta de preparo do novo professorado leigo, à pobreza de seus recursos, à desídia governamental. A operosidade e iniciativa de D. João VI, criando e multiplicando escolas superiores de caráter profissional e utilitário, em nada modificou os traços fundamentais do sistema escolar pombalino, antes os reforçou. Tão pouco a proclamação de nossa independência política, em 1822, conseguiu obliterar a estruturação pombalina". (14)

Vítima de sua inclinação aos jesuítas, chega, em janeiro de 1760, a Santa Catarina, o Conselheiro José Marcarenhas Pacheco Pereira de Mello, que é recolhido preso à fortaleza de Sta. Cruz da Anható Mirim e "nela fôsse conservado sempre debaixo de chave e entregue à guarda de pessoa de maior confiança".

É o Conselheiro Pereira de Mello "pessoa de vasta erudição, autor de vários trabalhos de peso, fundador e primeiro Presidente da "Academia Brasileira dos Renascidos", na Bahia. (15)

E sob a influência de amigos, o Conselheiro, durante os 15 anos de sua prisão, até 1775, ocupa-se em ministrar o ensino de primeiras letras e primeiros cálculos aritméticos aos soldados da guarnição e a seus filhos.

Consta que em 1760 fixa, também, residência em Destêrro, Dona Jeronima Gomes de Gusmão, irmã de Alexandre e Bartolomeu de Gusmão. "Essa ilustre matrona estabeleceu um pequeno colégio de meninas, que ali iam aprender a ler, costurar e mais que tudo, instruíam-se nas práticas das virtudes". (16)

É um ex-praça do Regimento do Porto, o alfaiate João Monteiro que em 1779, encontramos como mestre-escola no distrito de Rio Tavares, no Destêrro.

Registremos, porém, um fato de relevada importância para nós, catarinenses: — Com a criação do "Real Colégio dos Nobres", em Portugal, tem a honra de nele lecionar um filho de Santa Catarina, de nome Luiz Carlos Muniz Barreto. "É o primeiro filho da província que se doutorou na Universidade de Coimbra; nascido na cidade de Destêrro, de pais pouco abastados, mas distintos, os parentes o mandaram para Lisboa, donde passou a Coimbra, cursando naquela Universidade os estudos, se doutorou em Jurisprudência; foi muitos anos lente de História no Colégio dos Nobres, em Lisboa, donde veio despachado Ouvidor, cargo que exerceu com dignidade (tomou posse a 16 de agosto de 1787) até que faleceu na mesma cidade do Destêrro (entre sua família e parentes), a 5 de junho de 1791. (17)

Constam ainda dos arquivos os nomes dos padres Francisco José da Rocha Gil (1795) e Francisco José Ramos (1799), como professores na Vila de Destêrro. L. Boiteux afirma que "a êsse último, Professor de Língua Latina na Vila, foi-lhe mandado que continuasse no cargo (19 de março de 1800), sendo que deveria regular-se pelas Instruções Regulamentares de 28 de junho de 1759, parecendo 300\$000 anuais."

G. H. Langsdorff, médico de expedição que visitou Santa Catarina, em 1803, fala-nos de uma escola que encontrou em Barreiros (localidade próxima ao Destêrro), cuja professora era esposa do entomologista catarinense Matheus Cardoso Caldeira: "sentadas em esteiras, além de aprender a ler e as quatro operações, instruíam-se em tecer, cozer, bordar e em fazer rendas." Nada se sabe se a referida escola era mantida pelo governo. (18)

No período de 1794 a 1796, rendeu o "subsídio literário", na Província, a quantia de 2:073\$020, mas não se tem notícia de criação de nova escola. (19)

"É sobremaneira apoucada a educação pública nesta Capitania, nela não há sociedade alguma literária, não há colégios, nem seminários; apenas um Professor Régio de Gramática Latina, na vila capital, e algumas escolas de primeiras letras, são os únicos meios de instrução que couberam em partilha a êsses desgraçados povos, que pela maior parte fóra da vila não sabe ler, nem escrever. Contudo há na Capital pessoas que têm instrução (que elas não adquiriram no país), sendo certo que os homens ricos que querem dar melhor educação a seus filhos os mandam para esta côrte; porém, aquêles que não têm posses para fazer as despesas necessárias a êsse fim, também não têm a satisfação de que os seus filhos saibam mais do que o podem aprender dos tristes mestres que há na Capitania. Qual será a aplicação que se terá feito do tributo que pagam êstes povos, há tantos anos, denominado "subsídio literário"?

Tal é a declaração que faz em "Memórias Políticas de Santa Catarina", o oficial Paulo José de Britto (1816).

Conclue-se daí, o ressentimento dos catarinenses, quíça de todos os brasileiros, ressentimento aliás mais que justificável, tendo em vista a insolência da Côrte em implantar-se ousadamente em terras brasileiras, apoderando-se de bens legitimamente brasileiros, instalando-se em propriedades de brasileiros e, sem ao menos, cuidar da instrução rudimentar dêsses mesmos brasileiros.

Não há que negar os melhoramentos introduzidos por D. João VI no Brasil, mórmente no terreno da Instrução Secundária e Superior, porém, digamos com a ironia fina de Boiteux: "se essa figura ediposa, seródia, glutona (D. João VI), com todo o seu absolutismo, não soube dar uma instrução adequada, necessária ao seu primogênito, ao herdeiro do trono, que nem um simples bilhete escrevia com propriedade, iria ela lembrar-se de abrir os olhos a lançar um pouco de luz, esclarecer o cérebro de um povo escorchado cruelmente como foi o nosso?"

1822. Nossa Independência Política. Pouco progresso porém, no terreno educacional do país. Na Província catarinense é criada uma

IMPrensa OFICIAL DO ESTADO

A data de 5 de fevereiro assinalou a passagem do 15º aniversário da "Imprensa Oficial do Estado", tendo sido a data condignamente festejada pela direção e funcionários.

O programa organizado, foi integralmente cumprido, constando de missa em ação de graças, entronização de Cristo, no gabinete do Diretor, oferta de um brinde ao jornalista Batista Pereira que há 15 anos é Diretor da Imprensa Oficial do Estado, sessão cinematográfica e tarde esportiva e, encerrando os festejos, uma "soirée" dansante nos salões do "Democrata Clube". "Atualidades", gentilmente convidada, fez-se representar, cumprimentando a direção e funcionários, e apresentando votos de ininterruptas felicidades.

SUBSÍDIO PARA A HISTÓRIA MARÍTIMA DO BRASIL

Acompanhado de gentil cartão do sr. Capitão de Mar e Guerra Didio Iratim Afonso da Costa, Diretor do Serviço de Documentação da Marinha, recebemos os volumes V e VI dos "Subsídios Para a História Marítima do Brasil," contendo, além de valiosos apontamentos e artigos, a crônica completa de nossa Marinha de Guerra, referente aos anos de 1939 a 1945.

"Atualidades", acusando o recebimento, sensibilizada agradece a gentileza da oferta.

ANUÁRIO CATARINENSE

Foi posto em circulação em janeiro, o 2º número do "Anuário Catarinense", sendo seus diretores os intelectuais professor Altino Flores e Martinho Callado Junior e diretor comercial Gumercindo Caminha.

Contém o "Anuário", além de grande número de valiosíssimas informações, uma bem cuidada parte intelectual, como sejam artigos, crônicas, poesias e assuntos históricos.

Ao "Anuário Catarinense", nas pessoas de seus diretores, os parabéns de "Atualidades."

"ARTE E INDUSTRIA"

Acompanhado de atencioso ofício da direção da Escola Industrial desta Capital, recebemos o nº 3 da revista "Arte e Industria".

Como os números anteriores, êste apresenta-se impecavelmente impresso, contendo valiosas colaborações de mestres e alunos, estando repleto de clichês de desenhos e fotografias.

Gratos.

"NOVOS DIAS"

Ê este o título do novo jornal que recentemente foi posto em circulação nesta capital sob a direção de Mário Bastos, Hélio Caldeira e Alcides H. Ferreira, sendo seu lema "Lutar com o Povo pelo Povo".

Gratos pela visita, formulamos votos de longa existência.

"ATUALIDADES"

Por circunstâncias contrárias à nossa vontade, entre as quais a mais importante a de estar quebrada a nossa máquina de impressão, vimos-nos forçados a apelar para os bons amigos, colégas de imprensa, podendo, assim, "Atualidades" continuar a circular, si bem que com algum atraso.

Aos nossos leitores pedimos desculpas pelo involuntário atraso e prometemos envidar todos os esforços para voltarmos a circular com pontualidade.

CENTENÁRIO DE BLUMENAU

Proseguem ativamente, em Blumenau, os preparativos para a comemoração do 1º Centenário de fundação da cidade.

As várias comissões constituídas de elementos de destaque na sociedade blumenauense, tem dado o melhor de seus esforços para que se revistam de grande brilho as comemorações.

Em nossas próximas edições daremos detalhes a respeito.

DR. ORLANDO FILOMENO

Cirurgião-Dentista
(20 anos de prática)

Vários Cursos de Especialização
em dentaduras

Consultório

Avenida Hercílio Luz, 69 esquina
da Rua Fernando Machado



Nas
FERIDAS.
ECZEMAS.
ESPINHAS.
FRIEIRAS.
IMPINGENS
Nas
SUORES FETIDOS dos
PÉS e das AXILAS?
POMADA
BRÜGGEMANN
CURA RAPIDA E GARANTIDA!

Escola de Ensino Mútuo e a lei de 20 de outubro de 1822 permite a todo o cidadão brasileiro o livre exercício do Magistério (consequente incremento das escolas particulares).

Data de 7 de maio de 1826, a sessão do "Conselho Geral da Província", em que o Conselheiro Major Joaquim José de Oliveira mostra "o deplorável estado da instrução em que se acha a mocidade da vila de São Francisco e seu termo pela falta de mestre de primeiras letras." Sugere-se, então, que a exemplo do que já se fizera em Laguna, o Presidente da referida Província solicitasse do Imperador a especial graça de escolher dentre os alunos das Escolas Mútuas estabelecidas na Capital, um oficial inferior apto para ministrar as primeiras letras.

A portaria de 9 de julho de 1825, nomeia o Sargento-Mor Patriício Antônio de Sepulveda Ewerard, lente do Corpo de Artilharia, para inspecionar as escolas públicas da Província.

Têm-se documentos também, que comprovam acharem-se estabelecidas pelo Ministério da Guerra, nesta época, duas Escolas de Ensino, Neutras, no Destêrro. (20)

Em 1826, pelo Conselho Geral da Província, foram criadas na capital, 2 escolas (uma para meninos e outra para meninas), e ainda 1 escola na Laguna, em Lages e em São Francisco, respetivamente.

Apesar da dificuldade de se encontrarem pessoas capazes para o exercício do magistério (as cadeiras das escolas acima referidas foram postas em concurso, afixando-se para isso editais), encontramos como professor primário nesta época, no Destêrro, Domingos José Leopoldo.

Como o espirito galhofeiro que ainda hoje existe no ilhéu catarinense, as escolas de primeiras letras, desta época, eram conhecidas por "Tico-Tico" e "Amansa burros", apelidos que teriam provindo de seus professores, os riograndenses Antônio Paraíso Mariano e Antônio Ávila.

Além da doutrina cristã, consistiam motivos de aula o Velho e o Novo Testamento, a leitura de sentenças judiciosas e a aprendizagem se considerava terminada com a leitura da Cartilha do Padre Ignácio. (21)

Em 1826, ainda lecionava Português, Aritmética, Geometria, na capital, o professor José Antônio Xavier de Souza.

O primeiro professor jubilado de que se tem notícia, é Mariano Corrêa Borges, em 1846. (22)

Data de 15 de outubro de 1827, a lei da qual diz: — "A lei de 1827, reformando o sistema escolar primário, regulamentando a carreira do magistério e oficializando o sistema monitorial, abre uma nova era na administração escolar brasileira e exerce sobre as escolas do país uma influência poderosa, que perdura até os últimos anos do II Império, apesar da ação descentralizadora do Ato Adicional de 1834." (23)

Ainda com referência a essa lei, diz-nos um de nossos escritores: (24)

"Embora hoje, diante das conquistas, já integradas no nosso patrimônio espiritual, possamos olhá-la com superioridade, é inegável que ela proveu sobre as mais imperativas necessidades escolares. É o bastante acentuar que não havendo no país escolas normais, o legislador, que de certo ignorava a existência na Alemanha d'esses estabelecimentos, determinava que os professores fizessem a prática nas escolas das capitais onde se ensinasse pelo modo mútuo, então aqui introduzido."

E de conformidade com a lei acima citada, a 26 de abril de 1828 afixavam-se editais, na capital, pondo a concurso o preenchimento das cadeiras de primeiras letras no Destêrro e nas vilas de Laguna, São Francisco e Lages e ainda, na escola para meninas na capital.

Em discurso pronunciado a 1º de dezembro de 1830, por ocasião da instalação do Conselho Geral da Província, Souza Mello e Alvim, informa os presentes de que existiam em Santa Catarina 53 aulas e escolas frequentadas por 952 indivíduos de ambos os sexos. (25)

Estamos no período regencial. De um levantamento hidrográfico que fizera das costas catarinenses, temos a informação do francês Mr. Du Berral:

"... em face da grande ignorância das classes inferiores da província, a Regência procurava estabelecer escolas".

Tal não se deu, porém. Fato, no entanto, de relativa importância para a época, foi o aparecimento do primeiro periódico impresso (julho de 1831), "O Catarinense", iniciativa grandiosa e patriótica que se deve ao então Capitão de Artilharia, Jerônimo Francisco Coelho, fundador também, da Sociedade Patriótica, "destinada à defesa da independência e do trono".

Há fatos que, por sua singularidade, merecem ser registados: — Em 1831, o professor da então Escola Nacional, antiga Escola Régia, officiava ao Conselho da Província "que estando em concertos a aula de primeiras letras não sabia a maneira por que havia de dar as suas primeiras lições". E a resposta vem: — "que o mestre-escola feriasse a sua aula por oito dias, ordenando-se que dentro deles se concluísse o reparo sob a responsabilidade do encarregado de sua administração."

Figura digna de nota no magistério catarinense é a do bahiano José Joaquim Lopes, o Mestre Lopes, provido na cadeira de primeiras letras da vila de Laguna. Dêle diz Boiteux:

"Ai daquele que não trouxesse as unhas bem limpas e aparadas, que não soletrasse cantando as letras do A B C e a taboada das patacas e cruzados. Mestre Lopes, de tudo e por tudo, ampliava sempre os milagres da Santa Luzia, dos cinco olhos vasados. Contam que os próprios

Filhos de um Presidente da Província, não escaparam à cega fêrula do feroz mestre-escola, falecido a 6 de abril de 1894".

Feliciano Nunes Pires, espírito culto e apegado às coisas do Magistério, que em 1834 exercera as funções de Administrador da Província de Santa Catarina, recolheu-se à vida privada "estabelecendo uma grande casa de educação e assim satisfaz sua já reconhecida profissão e capacidade para tão árduo mister, qual o de ensinar". (26).

Há um fato que merece ser registrado, e entusiastamente registrado, neste breve histórico:

É a inauguração do "Gabinete Público de Leitura", no Destêrro, a 19 de abril de 1832.

Diz o Presidente da Sociedade Patriótica, Dr. Thomaz Silveira de Sousa, em seu discurso inaugural:

"O nosso Gabinete, como vêdes, Senhores, ainda não está rico, contudo outros terão tido mais minguado começo: êle contém já 800 volumes sobre diversas matérias, que por donativo e por empréstimo deve à generosidade e patriotismo do sócio, o Sr. Diogo Duarte Silva: está nomeada uma comissão de membros da Sociedade para agenciarem novas aquisições: algumas ofertas têm sido feitas, tanto em numerário, como em livros, que não tardarão a realizar-se; e conhecida, a nobre ambição de aprender de que são dotados em geral os nossos patricios, é de esperar que prospere e se engrandeça tão útil estabelecimento; e sobretudo que por meio d'êle (e é este o principal fim da instituição) vulgarizando-se a inclinação à leitura, e o amor ao estudo, se difundam as luzes por tôdas as classes, para que em tôdas tenhamos cidadãos que conhecendo as excelências das Instituições que temos abraçado, sejam firmes em sustentá-las e que tornando-se aptos para os empregos possam nêles merecer bem da Pátria". (27)

"No orçamento de 1832-1833 aparece um Mestre de Gramática Latina com o ordenado de 300\$000, um de primeiras letras com o de 360\$000; 8 ditos em 8 freguesias com o ordenado de 150\$000 anuais; um para ensino de meninas com o ordenado anual de 260\$000". (28)

Por decreto de 1833, cria-se uma escola primária em Laguna, para a qual foi submetido a exame e julgado capaz Feliciano Nunes Barreto.

"Pela lei provincial nº 9, de 15 de abril de 1835, foram criadas cadeiras de primeiras letras nas paróquias de Imaruí, Rio Vermelho (na Ilha), Itajai e nos curatos de Canasvieiras (Ilha) e Itapocroy, cujos professores teriam o ordenado anual de 180\$000, devendo lecionar, segundo o método individual, a ler, escrever, as quatro operações de Aritmética, a Gramática Portuguesa, Ortografia e Doutrina Cristã. (29)

Tal é o panorama educacional catarinense no período 1515-1834.

Os fatos aí estão: reais, palpáveis. Analisando-os minuciosamente, a que conclusão chegamos?

Nada mais, nada menos que "o desejo e a manifesta disposição da gente barriga-verde para o seu aperfeiçoamento intelectual", embora com o desinteresse do governo, embora sem o amparo que se era de esperar. Sempre e em tôda a parte, as iniciativas particulares se sobrepondo às oficiais e antecedendo-as.

E enfronhando-nos neste passado educacional, detendo-nos ante o exemplo edificante dos que nos antecederam, adquirimos, então, "aquela fecunda consciência histórica que nos permite compreender melhor o momento presente e o papel histórico que, pelo nosso trabalho e pela nossa dedicação bem orientados, podemos representar para o futuro educacional do país".

Rio de Janeiro, 21 de junho de 1948.

BIBLIOGRAFIA

- 1) Lucas A. Boiteux — "Instrução Pública em Santa Catarina" — *Jornal do Comércio* — março de 1944.
- 2) carijós — caray — yó (mistura de branco).
- 3) Padre Serafim Leite, S. J. — *História da Companhia de Jesus no Brasil* Vol. I — Cap. VII, pág. 305. Citação de Osvaldo R. Cabral, em "Os Jesuítas em Santa Catarina e o Ensino de Humanidades" — pág. 10.
- 4) Osvaldo R. Cabral — op. cit. págs. 10 e 11.
- 5) Padre Serafim Leite, S. J. — Op. cit. — pág. 325 — Citado por Osvaldo R. Cabral — Op. cit. — pág. 11.
- 6) Osvaldo R. Cabral — Op. cit. — pág. 12.
- 7) Assim o refere a ANUA de 1608, citada pelo Padre Serafim Leite, Op. Cit. pág. 330 — Citação de Osvaldo R. Cabral — Op. Cit. pág. 330 — Citação de Osvaldo R. Cabral — Op. Cit. pág. 12 e 13.
- 8) Padre Vasconcellos — *Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil*, Livro I, citado pelo Vde. de S. Leopoldo — *Resumo da Hist. da Prov. de Santa Catarina* — Citação de Osvaldo R. Cabral — Op. cit. pág. 13.
- 9) Osvaldo R. Cabral — Op. cit. — pág. 14.
- 10) Lucas A. Boiteux — Op. cit.
- 11) Idem — Idem.
- 12) Almeida Coelho — *Memória da Província de Santa Catarina* — pág. 23 — Citação de Osvaldo R. Cabral — Op. cit. — pág. 15.
- 13) Lucas A. Boiteux Op. cit.
- 14) Luiz N. Alves de Maltos — Prof. de Evolução do Sistema Escolar Brasileiro dos Cursos do I. N. E. P. — *Súmula de aula*:
- 15) Lucas A. Boiteux — Op. cit.
- 16) Almeida Coelho — Citação de Lucas A. Boiteux, Op. cit.
- 17) Idem, Idem, Idem.

COMITÉ PRÓ-MONUMENTO VIDAL RAMOS

Do Comité Pró-Monumento Vidal Ramos, recebemos e agradecemos a circular sob nº 1, que nos foi endereçada:

Comunicamos a V. S. a constituição, nesta Capital, do Comité Pró-monumento VIDAL RAMOS, cuja finalidade consiste na ereção, em Florianópolis, de um monumento a Vidal Ramos, varão de insignes virtudes, a quem Santa Catarina muito deve, especialmente no setor educacional.

São membros do Comité: Presidente de Honra: Desembargador Henrique da Silva Fontes. Presidente: Professor Luiz Sanches Bezerra da Trindade — Vive-Presidente: Deputado Artur Müller — 1º Secretário: Deputado Alfredo Campos — 2º Secretário: Jornalista Plácido Justino Tourinho Gomes — 1º Tesoureiro: Industrial Altino de Oliveira — 2º Tesoureiro: Deputado José Maria Cardoso da Veiga.

Na sessão de Instalação do Comité, ficou deliberado a organização de Sub-Comités nos municípios, com atribuições de angariar fundos para a execução do monumento.

É nosso desejo que na organização dos Sub-comités, sejam aproveitados todos quantos desejarem cooperar para a efetivação desta justa homenagem, sejam quais forem as suas atividades políticas, para que o monumento a ser erigido, represente a admiração e o respeito de todos os catarinenses a Vidal Ramos.

Saudações cordiais

Henrique da Silva Fontes — Presidente de honra; Luiz Sanches Bezerra da Trindade — Presidente; Alfredo Campos — Secretário.

P. S. — Tôda correspondência deve ser encaminhada para o seguinte endereço: Luiz Sanches Bezerra da Trindade — Presidente do Comité Pró-monumento Vidal Ramos — Avenida Rio Branco, 166 — Florianópolis — Santa Catarina.

COMISSÃO FEMININA DE DEFESA DO PETRÓLEO

Teve lugar a 21 de janeiro, no Teatro Alvaro de Carvalho, a solenidade da posse da Diretoria da Comissão Feminina de Defesa do Petróleo constituída como segue: Presidente de Honra Maria Frago Galotti e Iracema Pedrosa. Patrona: Alice Tibiriça — Presidente: Adil Garofallis Ribeiro — vice-Presidente: — Janice de Luna Freire — 1ª Secretária: Euridice Monteiro Sagaz — 2ª Secretária: Jucira Moreira — 1ª Tesoureira: Helena Fanny Kather — 2ª Tesoureira: Ilza Ferreira — Conselho Fiscal: Silvia Amélia Carneiro da Cunha — Laurita Filomeno e Isabel Machado.

Ao ato assistiram grande número de pessoas de todas as classes sociais, usando, ainda, da palavra, a escritora Da. Alice Tibiriça que proferiu aplaudidíssima conferência, historiando todo o movimento pró petróleo nacional.



"Atualidades" tem tido o prazer de publicar vários trabalhos do jovem poeta catarinense Ary Lucas Carioni, cujo cliché acima esta nota.

Nascido a 25 de dezembro de 1927, nesta capital, filho do casal Francisco Carioni e da Maria Carioni, fez seus estudos preliminar e colegiais nesta capital, frequentando, por último, o Colégio Catarinense.

Seu primeiro trabalho publicado, foi "Vida" em 1947, na "Folha da Juventude". — Posteriormente publicou vários trabalhos em "Atualidades" e "Leia-me". Tem vários contos prontos para o prélo e atualmente está escrevendo um romance moderno.

No presente número de "Atualidades" colaborou com "O Trovador."

**"SÃO PAULO" CIA.
NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA**

Como nos anos anteriores, também no corrente ano reuniram-se, num jantar íntimo, os funcionários da "São Paulo," no Lira Tennis Clube.

Presidiu a mesa o sr. Atilio Ribas, Diretor-Gerente da Sucursal do Paraná e Santa Catarina, tomando assento à mesma os médicos srs. dr. Biase Faraco, dr. Dib Mussi e dr. Rosário de Araujo, Presidente do Lira dr. Osvaldo Bulcão Viana, jornalista Waldir Grisard, representando o jornalista Batista Pereira, sr. E. Riggenbach, jornalistas Plácido Gomes de "Transito" e João Kuehne de "Atualidades" sr. Paulo Reis, inspetor da zona sul, da "São Paulo", srs. Felix

Dessa sociedade, com sede em Itajaí, recebemos um exemplar do Relatório anual apresentado aos sócios referente ao ano de 1948.

Estão contidos no relatório: o nome dos sócios, movimento de caixa, entrada de livros, realizações florísticas e notas gerais, entre estas a da publicação do 1º número dos "Anais Botânicos do Herbário "Barbosa Rodrigues", periódico especializado em assuntos botânicos, que já se acha no prélo.

Gratos pela gentileza.

É a seguinte a nova diretoria do "Texaco Clube de Florianópolis:"

Presidente de Honra: Evandro Tupinambá de Carvalho; Presidente: Dr. Dioscórides de Mello; Vice-Presidente: Onor Campos; 1º Secretário: Saúl Ulysséa Baião; 2º Secretário: Rachel Peixoto Bayer; 1º Tesoureiro: Mauro Viera Brisk; 2º Tesoureiro: Milton Campos; Orador: Pedro de Lima Brenneisen; Diretores de Esporte: Nelson Santiago de Andrade, Aldo Santos.



Faleceu recentemente na capital Federal, o nosso assíduo colaborador Alvaro Sant'Helena Borba.

Poeta e jornalista, catarinense de nascimento, foi muito sentido o infausto acontecimento.

"Atualidades" registrando a irreparável perda do bemquisto colaborador, envia à família enlutada sentidos pezames.

Da "Sociedade Harmonia Lira" de Joinville, recebemos comunicação de ter sido empossada a 8 de fevereiro a seguinte diretoria:

Presidente: Dr. Manuel A. da Luz; Fontes; 1º Vice-Presidente: Dr. Albano Schulz; 2º Vice-Presidente: Sr. Arnaldo Wetzell; 1º Secretário: Sr. Peter Gofferjé; 2º Secretário: Sr. Heinz Lepper; 1º Tesoureiro: Sr. Curt Freissler; 2º Tesoureiro: Sr. Edgar Klein; Orador: Dr. Plácido Olympio de Oliveira; Bibliotecário: Sr. Otto Lepper Junior; Diretor de Propaganda: Sr. Wolfgang Brosig; Diretor de Patrimônio: Sr. Jaroslau Pesch; Diretores de Festas: Sr. Carlos Busch; Sr. Oswaldo Schlemm e Sr. Eugenio Trinks; Suplentes: Srs. Ernesto Buschmann, Carlos Schneider, Guilherme Buch Pereira, Emilio G. Voigt, Dr. Pedro A. Lobo, Adoniro Rosa e Jorge Parucker Junior. Comissão Fiscal: Dr. Xavier Arp Drolshagen, Sr. Rudolfo Rechenberg, Sr. L. B. Buschle. Suplentes: Srs. Conrado Hagemann, Roberto Stein e Felinto Jordan. Departamentos Sociais: Musica: Sr. Julio Birekholz; Teatro: Sra. Erica Schlemm; Bailados: Sra Liselotte Niemeyer; Ornamentação: Sr. A.P. Schmalz; Exposições: Sr. Adalberto Schmalz.

COLCHOARIA
Gonzaga DE APOLONIO GONZAGA
Especialista em
REFORMAS DE MOVEIS ESTOFADOS, ACOLCHOADOS PARA AUTOMOVEIS, CAPAS, COLCHÃO DE MOLAS E MOVEIS EM GERAL.
Felipe Schmidt 31- Fpolis. STA CATARINA

Lemser, Eudalicio Amorim, Alfredo Pinheiro e Oscar Pereira.

Usando da palavra, o sr. Atilio Ribas comunicou aos presentes a nomeação do sr. Paulo Reis para inspetor regional com sede em Florianópolis, sendo a noticia recebida com vibrante salva de palmas.

Transmitiu o agradecimento do sr. Paulo Reis o dr. Dib Mussi, que historiou a vida pregressa do nomeado.

DR. RAFAEL G. CRUZ LIMA

— E —

DR. CARLOS LOUREIRO DA LUZ

ADVOGADOS

Escritório : — RUA JOAO PINTO Nº 18

Organização Comercial Catarinense

- 18) Lucas A. Boiteux — Op. cit.
- 19) Lucas A. Boiteux — Op. cit.
- 20) Lucas A. Boiteux — Op. cit.
- 21) Lucas A. Boiteux — Op. cit.
- 22) Lucas A. Boiteux — Op. cit.
- 23) Luiz N. Alves de Matos — Súmula de aula.
- 24) Referência feita por Lucas A. Boiteux — Op. cit.
- 25) Lucas A. Boiteux — Op. cit.
- 26) Citação de Lucas A. Boiteux — Op. cit.
- 27) Lucas A. Boiteux — Op. cit.
- 28) Visconde de S. Leopoldo — Resumo Histórico de Sta. Catarina — Citação de Lucas A. Boiteux — Op. cit.
- 29) Lucas A. Boiteux — Op. cit.

Quanto à qualidade, o ensino então ministrado decaiu consideravelmente devido à falta de preparo do novo professorado leigo, à pobreza de seus recursos, à desídia governamental. A operosidade e incialiva de D. João VI, criando e multiplicando escolas superiores de caráter profissional e utilitário, em nada modificou os traços fundamentais do sistema escolar pombalino, antes os reforçou. Tão pouco a proclamação de nossa independência política, em 1822, conseguiu obliterar a estruturação pombalina". (14)

Vítima de sua inclinação aos jesuítas, chega, em janeiro de 1760, a Santa Catarina, o Conselheiro José Marcarenhas Pacheco Pereira de Mello, que é recolhido preso à fortaleza de Sta. Cruz da Anható Mirim e "nela fôsse conservado sempre debaixo de chave e entregue à guarda de pessoa de maior confiança".

É o Conselheiro Pereira de Mello "pessoa de vasta erudição, autor de vários trabalhos de peso, fundador e primeiro Presidente da "Academia Brasileira dos Renascidos", na Bahia. (15)

E sob a influência de amigos, o Conselheiro, durante os 15 anos de sua prisão, até 1775, ocupa-se em ministrar o ensino de primeiras letras e primeiros cálculos aritméticos aos soldados da guarnição e a seus filhos.

Consta que em 1760 fixa, também, residência em Destêrro, Dona Jor a Gomes de Gusmão, irmã de Alexandre e Bartolomeu de Gusmão. "Essa ilustre matrona estabeleceu um pequeno colégio de meninas, que ali iam aprender a ler, costurar e mais que tudo, instruírem-se nas práticas das virtudes". (16)

É um ex-praça do Regimento do Porto, o alfaiate João Monteiro que em 1779, encontramos como mestre-escola no distrito de Rio Tavares, no Destêrro.

Registremos, porém, um fato de relevada importância para nós, catarinenses: — Com a criação do "Real Colégio dos Nobres", em Portugal, tem a honra de nele lecionar um filho de Santa Catarina, de nome Luiz Carlos Muniz Barreto. "É o primeiro filho da província que se doutorou na Universidade de Coimbra; nascido na cidade de Destêrro, de pais pouco abastados, mas distintos, os parentes o mandaram para Lisboa, donde passou a Coimbra, cursando naquela Universidade os estudos, se doutorou em Jurisprudência; foi muitos anos lente de História no Colégio dos Nobres, em Lisboa, donde veio despachado Ouvidor, cargo que exerceu com dignidade (tomou posse a 16 de agosto de 1787) até que faleceu na mesma cidade do Destêrro (entre sua família e parentes), a 5 de junho de 1791. (17)

Constam ainda dos arquivos os nomes dos padres Francisco José da Rocha Gil (1795) e Francisco José Ramos (1799), como professores na Vila de Destêrro. L. Boiteux afirma que "a êsse último, Professor de Língua Latina na Vila, foi-lhe mandado que continuasse no cargo (19 de março de 1800), sendo que deveria regular-se pelas Instruções Regulamentares de 28 de junho de 1759, percebendo 300\$000 anuais."

G. H. Langsdorff, médico de expedição que visitou Santa Catarina, em 1803, fala-nos de uma escola que encontrou em Barreiros (localidade próxima ao Destêrro), cuja professora era esposa do entomologista catarinense Matheus Cardoso Caldeira: "sentadas em esteiras, além de aprender a ler e as quatro operações, instruíam-se em tecer, cozer, bordar e em fazer rendas." Nada se sabe se a referida escola era mantida pelo govêrno. (18)

No periodo de 1794 a 1796, rendeu o "subsídio literário", na Província, a quantia de 2:073\$020, mas não se tem notícia de criação de nova escola. (19)

"É sobremaneira apoucada a educação pública nesta Capitania, nela não há sociedade alguma literária, não há colégios, nem seminários; apenas um Professor Régio de Gramática Latina, na vila capital, e algumas escolas de primeiras letras, são os únicos meios de instrução que couberam em partilha a êsses desgraçados povos, que pela maior parte fóra da vila não sabe ler, nem escrever. Contudo há na Capital pessoas que têm instrução (que elas não adquiriram no país), sendo certo que os homens ricos que querem dar melhor educação a seus filhos os mandam para esta côrte; porém, aquêles que não têm posses para fazer as despesas necessárias a êsse fim, também não têm a satisfação de que os seus filhos saibam mais do que o podem aprender dos tristes mestres que há na Capitania. Qual será a aplicação que se terá feito do tributo que pagam êstes povos, há tantos anos, denominado "subsídio literário"?"

Tal é a declaração que faz em "Memórias Políticas de Santa Catarina", o oficial Paulo José de Britto (1816).

Conclue-se daí, o ressentimento dos catarinenses, quiça de todos os brasileiros, ressentimento aliás mais que justificável, tendo em vista a insolência da Côrte em implantar-se ousadamente em terras brasileiras, apoderando-se de bens legitimamente brasileiros, instalando-se em propriedades de brasileiros e, sem ao menos, cuidar da instrução rudimentar dêsses mesmos brasileiros.

Não há que negar os melhoramentos introduzidos por D. João VI no Brasil, mórmente no terreno da Instrução Secundária e Superior, porém, digamos com a ironia fina de Boiteux: "se essa figura ediposa, seródia, glutona (D. João VI), com todo o seu absolutismo, não soube dar uma instrução adequada, necessária ao seu primogênito, ao herdeiro do trono, que nem um simples bilhete escrevia com propriedade, iria ela lembrar-se de abrir os olhos a lançar um pouco de luz, esclarecer o cérebro de um povo escorchado cruelmente como foi o nosso?"

1822. Nossa Independência Política. Pouco progresso porém, no terreno educacional do país. Na Província catarinense é criada uma

IMPrensa Oficial DO ESTADO

A data de 5 de fevereiro assinou a passagem do 15º aniversário da "Imprensa Oficial do Estado", tendo sido a data condignamente festejada pela direção e funcionários.

O programa organizado, foi integralmente cumprido, constando de missa em ação de graças, entronização de Cristo, no gabinete do Diretor, oferta de um brinde ao jornalista Batista Pereira que há 15 anos é Diretor da Imprensa Oficial do Estado, sessão cinematográfica e tarde esportiva e, encerrando os festejos, uma "soirée" dansante nos salões do "Democrata Clube". "Atualidades", gentilmente convidada, fez-se representar, cumprimentando a direção e funcionários, e apresentando votos de ininterruptas felicidades.

SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA MARÍTIMA DO BRASIL

Acompanhado de gentil cartão do sr. Capitão de Mar e Guerra Didio Iratim Afonso da Costa, Diretor do Serviço de Documentação da Marinha, recebemos os volumes V e VI dos "Subsídios Para a História Marítima do Brasil," contendo, além de valiosos apontamentos e artigos, a crônica completa de nossa Marinha de Guerra, referente aos anos de 1939 a 1945.

"Atualidades", acusando o recebimento, sensibilizada agradece a gentileza da oferta.

ANUÁRIO CATARINENSE

Foi posto em circulação em janeiro, o 2º número do "Anuário Catarinense", sendo seus diretores os intelectuais professor Altino Flores e Martinho Callado Junior e diretor comercial Gumercindo Caminha.

Contém o "Anuário", além de grande número de valiosíssimas informações, uma bem cuidada parte intelectual, como sejam artigos, crônicas, poesias e assuntos históricos.

Ao "Anuário Catarinense", nas pessoas de seus diretores, os parabéns de "Atualidades."

"ARTE E INDUSTRIA"

Acompanhado de atencioso officio da direção da Escola Industrial desta Capital, recebemos o nº 3 da revista "Arte e Industria".

Como os números anteriores, êste apresenta-se impecavelmente impresso, contendo valiosas colaborações de mestres e alunos, estando repleto de clichês de desenhos e fotografias.

Gratos.

"NOVOS DIAS"

É êste o título do novo jornal que recentemente foi posto em circulação nesta capital sob a direção de Mário Bastos, Hélio Caldeira e Alcides H. Ferreira, sendo seu lema "Lutar com o Povo pelo Povo".

Gratos pela visita, formulamos votos de longa existência.

"ATUALIDADES"

Por circunstâncias contrárias à nossa vontade, entre as quais a mais importante a de estar quebrada a nossa máquina de impressão, vimos-nos forçados a apelar para os bons amigos, colégas de imprensa, podendo, assim, "Atualidades" continuar a circular, si bem que com algum atraso.

Aos nossos leitores pedimos desculpas pelo involuntário atraso e prometemos envidar todos os esforços para voltarmos a circular com pontualidade.

CENTENÁRIO DE BLUMENAU

Proseguem ativamente, em Blumenau, os preparativos para a comemoração do 1º Centenário de fundação da cidade.

As várias comissões constituídas de elementos de destaque na sociedade blumenauense, tem dado o melhor de seus esforços para que se revistam de grande brilho as comemorações.

Em nossas próximas edições daremos detalhes a respeito.

DR. ORLANDO FILOMENO

Cirurgião-Dentista
(20 anos de prática)

Vários Cursos de Especialização
em dentaduras

Consultório

Avenida Hercílio Luz, 69 esquina
da Rua Fernando Machado

nas
FERIDAS.
ECZEMAS.
ESPINHAS.
FRIEIRAS.
IMPINGENS
nos
SUORES FÉTIDOS dos
PÉS e das AXILAS?
BRÜGGEMANN
CURA RÁPIDA E GARANTIDA!

Escola de Ensino Mútuo e a lei de 20 de outubro de 1822 permite a todo o cidadão brasileiro o livre exercício do Magistério (consequente incremento das escolas particulares).

Data de 7 de maio de 1826, a sessão do "Conselho Geral da Província", em que o Conselheiro Major Joaquim José de Oliveira mostra "o deplorável estado da instrução em que se acha a mocidade da vila de São Francisco e seu termo pela falta de mestre de primeiras letras." Sugere-se, então, que a exemplo do que já se fizera em Laguna, o Presidente da referida Província solicitasse do Imperador a especial graça de escolher dentre os alunos das Escolas Mútuas estabelecidas na Capital, um oficial inferior apto para ministrar as primeiras letras.

A portaria de 9 de julho de 1825, nomeia o Sargento-Mor Patriício Antônio de Sepulveda Ewerard, lente do Corpo de Artilharia, para inspecionar as escolas públicas da Província.

Têm-se documentos também, que comprovam acharem-se estabelecidas pelo Ministério da Guerra, nesta época, duas Escolas de Ensino, Neutras, no Destêrro. (20)

Em 1826, pelo Conselho Geral da Província, foram criadas na capital, 2 escolas (uma para meninos e outra para meninas), e ainda 1 escola na Laguna, em Lages e em São Francisco, respetivamente.

Apesar da dificuldade de se encontrarem pessoas capazes para o exercício do magistério (as cadeiras das escolas acima referidas foram postas em concurso, afixando-se para isso editais), encontramos como professor primário nesta época, no Destêrro, Domingos José Leopoldo.

Como o espirito galhofeiro que ainda hoje existe no ilhéu catarinense, as escolas de primeiras letras, desta época, eram conhecidas por "Tico-Tico" e "Amansa burros", apelidos que teriam provindo de seus professores, os riograndenses Antônio Paraiso Mariano e Antônio Ávila.

Além da doutrina cristã, consistiam motivos de aula o Velho e o Novo Testamento, a leitura de sentenças judiciosas e a aprendizagem se considerava terminada com a leitura da Cartilha do Padre Ignácio. (21)

Em 1826, ainda lecionava Português, Aritmética, Geometria, na capital, o professor José Antônio Xavier de Souza.

O primeiro professor jubilado de que se tem notícia, é Mariano Corrêa Borges, em 1846. (22)

Data de 15 de outubro de 1827, a lei da qual diz: — "A lei de 1827, reformando o sistema escolar primário, regulamentando a carreira do magistério e oficializando o sistema monitorial, abre uma nova era na administração escolar brasileira e exerce sobre as escolas do país uma influência poderosa, que perdura até os últimos anos do II Império, apesar da ação descentralizadora do Ato Adicional de 1834." (23)

Ainda com referência a essa lei, diz-nos um de nossos escritores: (24)

"Embora hoje, diante das conquistas, já integradas no nosso patrimônio espiritual, possamos olhá-la com superioridade, é inegável que ela proveu sobre as mais imperativas necessidades escolares. É o bastante acentuar que não havendo no país escolas normais, o legislador, que de certo ignorava a existência na Alemanha desses estabelecimentos, determinava que os professores fizessem a prática nas escolas das capitais onde se ensinasse pelo modo mútuo, então aqui introduzido."

E de conformidade com a lei acima citada, a 26 de abril de 1828 afixavam-se editais, na capital, pondo a concurso o preenchimento das cadeiras de primeiras letras no Destêrro e nas vilas de Laguna, São Francisco e Lages e ainda, na escola para meninas na capital.

Em discurso pronunciado a 1º de dezembro de 1830, por ocasião da instalação do Conselho Geral da Província, Souza Mello e Alvim, informa os presentes de que existiam em Santa Catarina 53 aulas e escolas frequentadas por 952 indivíduos de ambos os sexos. (25)

Estamos no período regencial. De um levantamento hidrográfico que fizera das costas catarinenses, temos a informação do francês Mr. Du Berral:

"... em face da grande ignorância das classes inferiores da província, a Regência procurava estabelecer escolas".

Tal não se deu, porém. Fato, no entanto, de relativa importância para a época, foi o aparecimento do primeiro periódico impresso (julho de 1831), "O Catarinense", iniciativa grandiosa e patriótica que se deve ao então Capitão de Artilharia, Jerônimo Francisco Coelho, fundador também, da Sociedade Patriótica, "destinada à defesa da independência e do trono".

Há fatos que, por sua singularidade, merecem ser registados: — Em 1831, o professor da então Escola Nacional, antiga Escola Régia, oficiava ao Conselho da Província "que estando em concertos a aula de primeiras letras não sabia a maneira por que havia de dar as suas primeiras lições". E a resposta vem: — "que o mestre-escola fizesse a sua aula por oito dias, ordenando-se que dentro deles se concluisse o reparo sob a responsabilidade do encarregado de sua administração."

Figura digna de nota no magistério catarinense é a do bahiano José Joaquim Lopes, o Mestre Lopes, provido na cadeira de primeiras letras da vila de Laguna. Dêle diz Boiteux:

"Ai daquele que não trouxesse as unhas bem limpas e aparadas, que não soletrasse cantando as letras do A B C e a taboada das patacas e cruzados. Mestre Lopes, de tudo e por tudo, ampliava sempre os milagres da Santa Luzia, dos cinco olhos vasados. Contam que os próprios

filhos de um Presidente da Província, não escaparam à cega fêrula do feroz mestre-escola, falecido a 6 de abril de 1894".

Feliciano Nunes Pires, espírito culto e apegado às coisas do Magistério, que em 1831 exercêrã as funções de Administrador da Província de Santa Catarina, recolheu-se à vida privada "estabelecendo uma grande casa de educação e assim satisfêz sua já reconhecida proficiência e capacidade para tão árduo mister, qual o de ensinar". (20).

Há um fato que merece ser registrado, e entusiastamente registrado, neste breve histórico:

É a inauguração do "Gabinete Público de Leitura", no Destêrro, em 19 de abril de 1832.

Diz o Presidente da Sociedade Patriótica, Dr. Thomaz Silveira de Sousa, em seu discurso inaugural:

"O nosso Gabinete, como vêdes, Senhores, ainda não está rico, contudo outros terão tido mais minguado começo: êle contém já 800 volumes sobre diversas matérias, que por donativo e por empréstimo deve à generosidade e patriotismo do sócio, o Sr. Diogo Duarte Silva: está nomeada uma comissão de membros da Sociedade para agenciar novas aquisições: algumas ofertas têm sido feitas, tanto em numerário, como em livros, que não tardarão a realizar-se; e conhecida, a nobre ambição de aprender de que são dotados em geral os nossos patricios, é de esperar que prospere e se engrandeça tão útil estabelecimento; e sobretudo que por meio dêle (e é este o principal fim da instituição) vulgarizando-se a inclinação à leitura, e o amor ao estudo, se difundam as luzes por tôdas as classes, para que em tôdas tenhamos cidadãos que conhecendo as excelências das Instituições que temos abraçado, sejam firmes em sustentá-las e que tornando-se aptos para os empregos possam nêles merecer bem da Pátria". (27)

"No orçamento de 1832-1833 aparece um Mestre de Gramática Latina com o ordenado de 300\$000, um de primeiras letras com o de 360\$000; 8 ditos em 8 freguesias com o ordenado de 150\$000 anuais; um para ensino de meninas com o ordenado anual de 260\$000". (28)

Por decreto de 1833, cria-se uma escola primária em Laguna, para a qual foi submetido a exame e julgado capaz Feliciano Nunes Barreto.

"Pela lei provincial nº 9, de 15 de abril de 1835, foram criadas cadeiras de primeiras letras nas paróquias de Inaruí, Rio Vermelho (na Ilha), Itajai e nos curatos de Canasvieiras (Ilha) e Itapocroy, cujos professores teriam o ordenado anual de 180\$000, devendo lecionar, segundo o método individual, a ler, escrever, as quatro operações de Aritmética, a Gramática Portuguesa, Ortografia e Doutrina Cristã. (29)

Tal é o panorama educacional catarinense no período 1515-1834.

Os fatos aí estão; reais, palpáveis. Analisando-os minuciosamente, a que conclusão chegamos?

Nada mais, nada menos que "o desejo e a manifesta disposição da gente barriga-verde para o seu aperfeiçoamento intelectual", embora com o desinteresse do governo, embora sem o amparo que se era de esperar. Sempre e em tôda a parte, as iniciativas particulares se sobrepondo às oficiais e antecedendo-as.

E enfronhando-nos neste passado educacional, detendo-nos ante o exemplo edificante dos que nos antecederam, adquirimos, então, "aquela fecunda consciência histórica que nos permite compreender melhor o momento presente e o papel histórico que, pelo nosso trabalho e pela nossa dedicação bem orientados, podemos representar para o futuro educacional do país".

Rio de Janeiro, 21 de junho de 1948.

BIBLIOGRAFIA

- 1) Lucas A. Boiteux — "Instrução Pública em Santa Catarina" — Jornal do Comércio — março de 1944.
- 2) carijós — caray — yó (mistura de branco).
- 3) Padre Serafim Leite, S. J. — História da Companhia de Jesús no Brasil Vol. I — Cap. VII, pág. 305. Citação de Osvaldo R. Cabral, em "Os Jesuítas em Santa Catarina e o Ensino de Humanidades" — pág. 10.
- 4) Osvaldo R. Cabral — op. cit. págs. 10 e 11.
- 5) Padre Serafim Leite, S. J. — Op. cit. — pág. 325 — Citado por Osvaldo R. Cabral — Op. cit. — pág. 11.
- 6) Osvaldo R. Cabral — Op. cit. — pág. 12.
- 7) Assim o refere a ANUA de 1608, citada pelo Padre Serafim Leite, Op. Cit. pág. 330 — Citação de Osvaldo R. Cabral — Op. Cit. pág. 330 — Citação de Osvaldo R. Cabral — Op. Cit. pág. 12 e 13.
- 8) Padre Vasconcellos — Crônica da Companhia de Jesús do Estado do Brasil, Livro I, citado pelo Vde. de S. Leopoldo — Resumo da Hist. da Prov. de Santa Catarina — Citação de Osvaldo R. Cabral — Op. cit. pág. 13.
- 9) Osvaldo R. Cabral — Op. cit. — pág. 14.
- 10) Lucas A. Boiteux — Op. cit.
- 11) Idem — Idem.
- 12) Almeida Coelho — Memória da Província de Santa Catarina — pág. 23 — Citação de Osvaldo R. Cabral — Op. cit. — pág. 15.
- 13) Lucas A. Boiteux Op. cit.
- 14) Luiz N. Alves de Mattos — Prof. de Evolução do Sistema Escolar Brasileiro dos Cursos do I. N. E. P. — Súmula de aula:
- 15) Lucas A. Boiteux — Op. cit.
- 16) Almeida Coelho — Citação de Lucas A. Boiteux, Op. cit.
- 17) Idem, Idem, Idem.

COMITÉ PRÓ-MONUMENTO VIDAL RAMOS

Do Comité Pró-Monumento Vidal Ramos, recebemos e agradecemos a circular sob nº 1, que nos foi endereçada:

Comunicamos a V. S. a constituição, nesta Capital, do Comité Pró-monumento VIDAL RAMOS, cuja finalidade consiste na ereção, em Florianópolis, de um monumento a Vidal Ramos, varão de insignes virtudes, a quem Santa Catarina muito deve, especialmente no setor educacional.

São membros do Comité: Presidente de Honra: Desembargador Henrique da Silva Fontes. Presidente: Professor Luiz Sanches Bezerra da Trindade — Vive-Presidente: Deputado Artur Müller — 1º Secretário: Deputado Alfredo Campos — 2º Secretário: Jornalista Plácido Justino Tourinho Gomes — 1º Tesoureiro: Industrial Altino de Oliveira — 2º Tesoureiro: Deputado José Maria Cardoso da Veiga.

Na sessão de Instalação do Comité, ficou deliberado a organização de Sub-Comités nos municípios, com atribuições de angariar fundos para a execução do monumento.

É nosso desejo que na organização dos Sub-comités, sejam aproveitados todos quantos desejarem cooperar para a efetivação desta justa homenagem, sejam quais forem as suas atividades políticas, para que o monumento a ser erigido, represente a admiração e o respeito de todos os catarinenses a Vidal Ramos.

Saudações cordiais

Henrique da Silva Fontes — Presidente de honra; Luiz Sanches Bezerra da Trindade — Presidente; Alfredo Campos — Secretário.

P. S. — Tôda correspondência deve ser encaminhada para o seguinte endereço: Luiz Sanches Bezerra da Trindade — Presidente do Comité Pró-monumento Vidal Ramos — Avenida Rio Branco, 166 — Florianópolis — Santa Catarina.

COMISSÃO FEMININA DE DEFESA DO PETRÓLEO

Teve lugar a 21 de janeiro, no Teatro Alvaro de Carvalho, a solenidade da posse da Diretoria da Comissão Feminina de Defesa do Petróleo constituída como segue: Presidente de Honra Maria Frago-so Galotti e Iracema Pedrosa. Patrona: Alice Tibiriça — Presidente: Adil Garofallin Ribeiro — vice-Presidente: — Janice de Luna Freire — 1ª Secretária: Euridice Monteiro Sagaz — 2ª Secretária: Jucira Moreira — 1ª Tesoureira: Helena Fanny Kather — 2ª Tesoureira: Ilza Ferreira — Conselho Fiscal: Sílvia Amélia Carneiro da Cunha — Laurita Filomeno e Izabel Machado.

Ao ato assistiram grande número de pessoas de todas as classes sociais, usando, ainda, da palavra, a escritora Da. Alice Tibiriçã que proferiu aplaudidíssima conferência, historiando todo o movimento pró petróleo nacional.



"Atualidades" tem tido o prazer de publicar vários trabalhos do jovem poeta catarinense Ary Lucas Carioni, cujo clichê acima esta nota.

Nascido a 25 de dezembro de 1927, nesta capital, filho do casal Francisco Carioni e da Maria Carioni, fez seus estudos preliminar e colegiais nesta capital, frequentando, por último, o Colégio Catarinense.

Seu primeiro trabalho publicado, foi "Vida" em 1947, na "Folha da Juventude". — Posteriormente publicou vários trabalhos em "Atualidades" e "Leia-me". Tem vários contos prontos para o prelo e atualmente está escrevendo um romance moderno.

No presente número de "Atualidades" colaborou com "O Trovador."

**"SÃO PAULO" CIA.
NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA**

Como nos anos anteriores, também no corrente ano reuniram-se, num jantar íntimo, os funcionários da "São Paulo," no Lira Tennis Clube.

Presidiu a mesa o sr. Atilio Ribas, Diretor-Gerente da Sucursal do Paraná e Santa Catarina, tomando assento à mesma os médicos srs. dr. Biase Faraco, dr. Dib Mussi e dr. Rosário de Araujo, Presidente do Lira dr. Osvaldo Bulcão Viana, jornalista Waldir Grisard, representando o jornalista Batista Pereira, sr. E. Riggenbach, jornalista Plácido Gomes de "Transito" e João Kuehne de "Atualidades" sr. Paulo Reis, inspetor da zona sul, da "São Paulo", srs. Felix

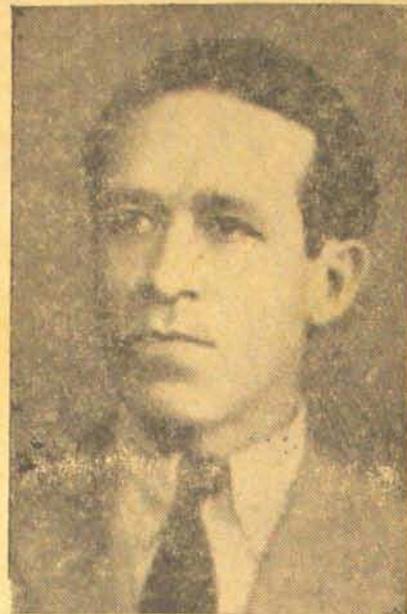
Dessa sociedade, com sede em Itajaí, recebemos um exemplar do Relatório anual apresentado aos sócios referente ao ano de 1948.

Estão contidos no relatório: o nome dos sócios, movimento de caixa, entrada de livros, realizações florísticas e notas gerais, entre estas a da publicação do 1º número dos "Anais Botânicos do Herbário "Barbosa Rodrigues", periódico especializado em assuntos botânicos, que já se acha no prelo.

Gratos pela gentileza.

É a seguinte a nova diretoria do "Texaco Clube de Florianópolis:"

Presidente de Honra: Evandro Tupinambá de Carvalho; Presidente: Dr. Dioscórides de Mello; Vice-Presidente: Onor Campos; 1º Secretário: Saúl Ulysséa Baião; 2º Secretário: Rachel Peixoto Bayer; 1º Tesoureiro: Mauro Viera Brisk; 2º Tesoureiro: Milton Campos; Orador: Pedro de Lima Brenneisen; Diretores de Esporte: Nelson Santiago de Andrade, Aldo Santos.



Faleceu recentemente na capital Federal, o nosso assíduo colaborador Alvaro Sant'Helena Borba.

Poeta e jornalista, catarinense de nascimento, foi muito sentido o infausto acontecimento.

"Atualidades" registrando a irreparável perda do bemquisto colaborador, envia à família enlutada sentidos pezames.

Da "Sociedade Harmonia Lira" de Joinville, recebemos comunicação de ter sido empossada a 8 de fevereiro a seguinte diretoria:

Presidente: Dr. Manuel A. da Luz Fontes; 1º Vice-Presidente: Dr. Albano Schulz; 2º Vice-Presidente: Sr. Arnaldo Wetzel; 1º Secretário: Sr. Peter Gofferjé; 2º Secretário: Sr. Heinz Lepper; 1º Tesoureiro: Sr. Curt Freissler; 2º Tesoureiro: Sr. Edgar Klein; Orador: Dr. Plácido Olympio de Oliveira; Bibliotecário: Sr. Otto Lepper Junior; Diretor de Propaganda: Sr. Wolfgang Brosig; Diretor de Patrimônio: Sr. Jaroslau Pesch; Diretores de Festas: Sr. Carlos Busch; Sr. Osvaldo Schlemm e Sr. Eugenio Trinks; Suplentes: Srs. Ernesto Buschmann, Carlos Schneider, Guilherme Buch Pereira, Emilio G. Voigt, Dr. Pedro A. Lobo, Adoniro Rosa e Jorge Parucker Junior.

Comissão Fiscal: Dr. Xavier Arp Drolshagen, Sr. Rudolfo Rechenberg, Sr. L. B. Buschle. Suplentes: Srs. Conrado Hagemann, Roberto Stein e Felinto Jordan. Departamentos Sociais: Musica: Sr. Julio Birkholz; Teatro: Sra. Erica Schlemm; Bailados: Sra. Liselotte Niemeyer; Ornamentação: Sr. A.P. Schmalz; Exposições: Sr. Adalberto Schmalz.

COLCHOARIA
Gonzaga DE
APOLONIO GONZAGA
Especialista em
REFORMAS DE MOVEIS ESTOFADOS, ACOLCHOADOS PARA AUTOMOVEIS, CAPAS, COLCHÃO DE MOLAS E MOVEIS EM GERAL.
Felipe Schmidt 31 - Fpolis. STA CATARINA.

Lemser, Eudalicio Amorim, Alfredo Pinheiro e Oscar Pereira.

Usando da palavra, o sr. Atilio Ribas comunicou aos presentes a nomeação do sr. Paulo Reis para inspetor regional com sede em Florianópolis, sendo a noticia recebida com vibrante salva de palmas.

Transmitiu o agradecimento do sr. Paulo Reis o dr. Dib Mussi, que historiou a vida pregressa do nomeado.

- 18) Lucas A. Boiteux — Op. cit.
- 19) Lucas A. Boiteux — Op. cit.
- 20) Lucas A. Boiteux — Op. cit.
- 21) Lucas A. Boiteux — Op. cit.
- 22) Lucas A. Boiteux — Op. cit.
- 23) Luiz N. Alves de Matos — Súmula de aula.
- 24) Referência feita por Lucas A. Boiteux — Op. cit.
- 25) Lucas A. Boiteux — Op. cit.
- 26) Citação de Lucas A. Boiteux — Op. cit.
- 27) Lucas A. Boiteux — Op. cit.
- 28) Visconde de S. Leopoldo — Resumo Histórico de Sta. Catarina — Citação de Lucas A. Boiteux — Op. cit.
- 29) Lucas A. Boiteux — Op. cit.

DR. RAFAEL G. CRUZ LIMA

— E —

DR. CARLOS LOUREIRO DA LUZ

ADVOGADOS

Escritório: — RUA JOAO PINTO Nº 18

Organização Comercial Catarinense

JANICE

Romance de JOSÉ CORDEIRO

A minha irmã, Clarice Cordeiro da Silva, esta pequena lembrança.

II

Há talvez obra de ano e meio — começou Ernesto a contar em voz baixa — chegou a nosso hotel um novo hóspede. Era um moço alto, simpático, bem proporcionado, trajando-se com apuro. Dirigiu-se ao empregado que se achava na portaria, e pediu acomodação. O hotel estava inteiramente ocupado.

— Lamentamos — desculpou-se o porteiro. — Todos os quartos e apartamentos estão tomados.

— Todos ?

— Todos. O último foi cedido não faz meia hora.

— Então não há remédio; terei que procurar outro hotel.

— Sim. A não ser que...

— Compreendo... Pagamento adiantado?

— Não, senhor! A não ser que não se aborreça de ir para o último andar. Posso dar-lhe um aposento lá.

— Aborrecer-me? Por que? Qual será a desvantagem do último andar?

— Têm algumas desvantagens. Em primeiro lugar vem o preço; é mais caro. Depois, todo pavimento serve de residência aos proprietários. Alguns apartamentos que eles não utilizam podem ser cedidos, em ocasiões como esta, a pessoas distintas. Têm entrada e serviço independente. Fica um pouco isolado, e muita gente não gosta de lá.

— Não há movimento? Há mais sossêgo?

— Sem dúvida. E devido a isto certos hóspedes, principalmente, é claro, os moços de sua idade e do seu tipo — gracejou o porteiro — têm pavor lá de cima. Cá em baixo é mais divertido; existe sempre muita gente, — muitas moças bonitas. Quem é que não gosta? até eu, que já fiz 56...

A sorrir da loquacidade do velhote, o recém-chegado preencheu a ficha de entrada: Geraldo Gomes de Avelar, brasileiro, 32 anos, viuvo, engenheiro, procedente de Santa Catarina.

Ao terminar, disse:

— Sou muito retraído. Gosto de silêncio e paz. Prefiro, pois, o andar de cima.

— Prefere ?!

— Prefiro, sim.

O porteiro fez uma cara de espanto; e abanando a cabeça, exclamou:

— É... É diferente. Muito diferente...

— Eu ?

— Não, doutor. O último andar...

* *

*

E Geraldo — continuou Ernesto — passou a residir conosco, ou melhor dito, passou a ocupar um apartamento do piso que ocupamos. Revelou-se desde logo dissemelhante de outros moços da mesma idade. Retraído sem ser tímido, grave, calmo, refletido e tranqüilo, — não se fazia notado. Passava os

dias a ler e a escrever, e só muito raramente aparecia onde houvesse agitação, balbúrdia e muita gente reunida. Não procurava amizades. Não mantinha relações íntimas com pessoa alguma. Nós mesmos, não obstante a proximidade de nossos aposentos, raramente o víamos, — assim mesmo à noite, quando saía para dar um passeio à pé. Ninguém o conhecia na intimidade; ninguém se aproximava d'êlo. Fazendo refeições em seu próprio apartamento, evitava, de certo, contacto com quem quer que fosse. E em meio a seus livros, calmo, quieto sereno, oculto, desapercibido, ia vivendo, — e parecia feliz. Uma noite, e isto há uns seis meses aproximadamente, regressava êle de um de seus passeios noturnos; e Janice, minha irmã, voltava de uma festa aniversária. Encontraram-se em caminho. Chegaram quase juntos. Ela dirigiu-se ao elevador, êle fez o mesmo.

— O cavalheiro está me seguindo? — perguntou ela agastada, cuidando que êle a seguisse.

— Eu? Não, senhorita — respondeu êle com naturalidade.

— Não está?

— Não.

— Por que, então, veio até aqui? Por que se atreve?

— Porque moro aqui.

— Mora aqui?!

— Sim.

— No hotel?

— Exatamente.

— Perdôe-me, mas a desculpa não procede. Se, de fato residisse "nêste" hotel, deveria saber que a entrada não é esta. Esta entrada e êste elevador são exclusivos do último andar, residência da família Piazza.

Geraldo começava a achar divertido o episódio.

Janice causara-lhe forte impressão, — que se acentuava à medida que os olhos d'êlo se fixavam na cabeleira, no rosto, no busto, nos quadris e nos membros dela; e aumentando-lhe a irritabilidade e prolongando o diálogo, faria êle duas coisas de uma só vez: conservava-se mais tempo em companhia dela, o que lhe dava prazer, e concorria para que maior fôsse a surpresa dela, quando se desfizesse o equívoco e viesse a conhecer-lhe a identidade.

— Perfeitamente — concordou Geraldo a rir. Sei disso.

— E por que insiste? Por que fica parado diante de mim, rindo? Quer fazer-me o favor de voltar? Ou prefere que eu chame um empregado para que o obrigue a retirar-se?

— Senhorita, sinto bastante não ser possível atendê-la... Eu fiz um longo passeio à pé; acho-me um tanto fatigado; tenho sono e vou dormir...

— Retire-se ou eu...

— Calma, senhorita! Não adianta exasperar-se. Eu estou bem intencionado... Êste é o meu

elevador. Esta é a entrada para minha residência. Moro aqui. Ocupo um apartamento nesta parte do edifício. Chamo-me Geraldo de Avelar e...

— Chama-se? — perguntou Janice admirada.

— Geraldo de Avelar, senhorita.

— Mora...

— Aqui. Há um ano, mais ou menos. Admira-se?

Janice pôs-se a rir; fitando-o demoradamente, exclamou:

— O senhor é o homem!

— O homem?

— Sim. O homem que veio para nosso pavimento, e não o quis mais deixar. Que engraçado! E eu que o imaginava um velho gordo, barrigudo, careca, enrugado, neurastênico e implicantemente...

Geraldo pôs-se a rir também, gracejando:

— Assim, perfeitamente assim, ainda não sou...

— É completamente diverso do que eu imaginava! — confessou ela.

— Vejo, portanto, que estava meio longe da realidade, — e isto é desvanecedor para mim.

— Estava; estava completamente errada! A culpa, entretanto, não foi minha. Meu erro foi devido à sua fama...

— Fama? Eu não sabia que já era famoso...

— Pois saiba que é. Dizem tanta coisa a seu respeito...

Tão retraído e tão solitário, — tão esquisito, só mesmo uma pessoa de idade avançada, desiludida da vida. O senhor é até o contrário do que eu julgava...

— Antes disso. É preferível que a impressão causada seja melhor que a idéia que se fazia. Não acha?

— Acho. Sem comparação; é muito melhor. Há surpresa agradável, o que satisfaz a ambos: à pessoa que causa a impressão e à pessoa em quem a impressão é causada.

E os dois, a conversar, despreocupados, foram-se aproximando lentamente da porta do elevador. Junto a ela pararam.

— Senhorita — perguntou êle — como é seu primeiro nome?

— Janice — respondeu ela sem demora.

— Senhorita Janice, vai subir?

— Vou sim. Aliás, já ia subir quando nos encontramos.

— Quer ter a bondade de entrar?

— Agradecida.

Janice entrou primeiro; Geraldo entrou depois. As portas fecharam-se; o elevador subiu. E quando parou no ponto determinado, e as portas se abriram, o moço rompeu o silêncio que fizera durante o trajeto:

— Chegámos, por fim...

— E chegámos, — mais ligeiro...

— Por que?

— Parece que o elevador correu mais...

— Não. Não correu mais. O tempo é que se escoou com maior rapidez.

— Ou nós, distraídos, não sentimos o tempo passar...

Ela saiu; êle seguiu-a. Deram alguns passos ao longo do vestibulo, e pararam. Entrelharam-se e sorriram.

— Foi singular o nosso encontro — disse êle para entabular conversa, retendo-a por alguns minutos mais. — E também o modo como nos conhecemos pessoalmente... Não houve apresentação formal; não houve frases convencionais ou protocolares. Tudo resultou de um equívoco.

— De uma "gaffe" de minha parte, deveria dizer — emendou ela. Pensei que me estivesse acompanhando, e fiquei furiosa.

— Furiosa de verdade?

— De verdade, sim...

— Mas acalmou-se logo; e tanto é certo que ri, e passou a conversar alegremente.

— Eu não podia deixar de achar graça do contraste. Estive em Araraquára, em casa de um tio, quase um ano. Ao voltar, soube que aqui morava alguém demasiado esquisito; e eu esperava, é claro, que o excêntrico e misterioso personagem fôsse velho, feio, rabugento, sisudo, inacessível, e vi-me diante de um moço elegante, bem humorado, agradável e simpático. Olhe, eu até me espantei!

— Fico-lhe grato pelo conceito bondoso que faz de mim. E deixe que lhe confesse: eu, de certo modo, também tive grande surpresa a seu respeito...

— Calculava que eu fôsse pior do que sou?

— Não exagere, por favor! Não seja tão injusta consigo própria! A surpresa que eu tive foi esta: não pensava pudesse existir aqui, tão perto de mim, uma criaturinha encantadora, agora sei que existe...

— Não exagere o senhor também, dr. Geraldo...

Como se a não escutasse, êle acrescentou:

— É simples, sóbria, natural e bonita!

Janice enrubesceu. Movimentou-se, como se pretendesse sair de perto d'êle e ir para o interior do pavimento; mas não saiu do lugar.

Olhou-o, e deu com os olhos d'êle fixos em seu rosto. Encabulou, e limitou-se a dizer:

— O senhor acha?

— Muito bonita. É linda! — confirmou êle, olhando-a firmemente nos olhos.

Fez-se silêncio entre os dois. Ela pôs-se a olhar o tapete: mas sem nada ver; êle vagava os olhos pelas paredes e pelo teto, sem os deter em coisa alguma; e assim decorreu um bom lapso de tempo.

— Bem, vou entrar — disse ela a certa altura.

— Também eu. Vou recolher-me...

— É...

— Boa noite — despediu-se êle, apertando-lhe a mão e retendo-a na sua.

— Boa noite — respondeu ela, retirando a mão devagar.

— Até amanhã, Janice...

— Até amanhã, Geraldo...

E cada um foi para seu lado.

Levavam, entretanto, em cada coração, a parte de uma doce lembrança do episódio que viveram, uma semente que havia de germinar...

*

* *

Esse primeiro encontro puramente ocasional — prosseguiu Ernesto — marcou o início de uma série de encontros propositados. Geraldo e Janice sentiram-se desde logo atraídos um pelo outro.

Poderia dizer-se que ambos se completavam. Ele, — calmo, forte, sereno, confiante, retraído, mais invulgar, possuía, — e possui, é claro, tôdas as qualidades que a ela faltavam; ela, irrequieta, fragil, nervosa, despreocupada, divertida, mas sincera e afetuosa, tinha determinantes psicológicas que êle estava longe de ter. Em consequência de tal diversidade de caracteres, não seria possível haver monotonia entre ambos. Além de tudo, deve levar-se em conta a atração pessoal que êle tem, do mesmo modo a beleza singular de Janice. Ora, com tantas e tão acentuadas circunstâncias favoráveis, cresceu rapidamente a amizade que se estabelecera entre êles, e em pouco tempo um puro e sincero amor veio substituir essa amizade.

Nêste ponto da narrativa D. Júlia, que até então se mantivera calada, houve por bem intervir.

— Eu fiquei satisfeita — disse ela — e fazia gosto no casamento, se êles quisessem casar. Levei até um choque, ao vir a saber da verdade. É um caso triste, Frei Gabriel! Mas que se vá fazer? Quando não há remédio...

— Não há mal irremediável — interrompeu o Vigário. E isto porque nada há absoluto. Sendo o mal e o bem idéias relativas, são transitórios e têm duração limitada. Mal sem remédio é, por conseguinte, impossibilidade filosófica. E convém que não nos esqueçamos: Deus dá remédio para tudo. Deixemos, porém, que o Ernesto prossiga...

Nós estávamos contentes — continuou êle. O comportamento de Geraldo era o que se podia desejar de melhor; sua situação econômica, — ótima. Janice, por sua vez, modificara-se bastante sob a influência benéfica do namorado. Tornara-se mais calma, refletida, otimista, — animada de uma alegria sã, que a todos surpreendia. Adquirira, ao influxo das idéias dêle, percepção e concepção mais exatas da vida, — principalmente do amor, que se espiritualizara para ela. Tudo corria às mil maravilhas quando, uma destas manhãs, Juvêncio, um empregado nosso, entrou por meu gabinete a dentro, a chamar:

— Seu Ernesto! Seu Ernesto!

— Que é, Juvêncio? — perguntei, sem grande interesse. — Que é o que você quer?

— Dá licença?

— Alguma novidade?

— Temos um caso a resolvê. Me parece muito complicado. Vá dá que fazê...

— Eu é que tenho muito que fazer...

— Uê! E por que não deixa para depois?

— Você é que pôde deixar êsse caso complicado para outro dia!...

— Não!

— Por que não?

— Não posso! É urgênço!

— É que?

— Ora, o senhor não sabe? É urgênço...

— Urgente. Urgente é o que você quer dizer, não é?

— Sim, é urgente. A lingua às vezes não ajuda. Eu não posso deixá pra depois. "Não deixedes para depois o que podedes fazê agora" — é o que dizia minha mãe, que era uma máquina de trabalho. "Vamos deixá pra amanhã" — dizia meu pai, que era nêgo preguiçoso. O senhor parece meu pai...

— Vamos é deixar de retórica, Juvêncio! Ouviu? Talvez haja alguma coisa para você fazer lá em baixo...

— Tá bem! Tá bem! Não qué? Melhor!

— Isso! É melhor que se vá.

— Vou; vou-me embora. Mas eu hei, de mostrá o jornal a D. Júlia e a D. Janice. Se D. Júlia tivé um ataque de coração, e D. Janice tivé ataque de choro, não tenho nada com o peixe! Juiz apita, pronto! Para o jogo... A culpa é sua, seu Ernesto! Não qué me ouvir...

Juvêncio ia sair — é ainda Ernesto quem fala — e eu o detive:

— Espere um pouco. Jornal? Você falou em jornal?

— Jornal sim.

— De que jornal se trata? Que relação terá êle, afinal, com Mamãe e com Janice?

— Aí é que o juiz apita mesmo! O jornal é êste que eu tenho aqui comigo. Eu tava conserutando o cano do banheiro do dr. Geraldo. Passei e vi o jornal perto da mesa, no chão. No jornal tem o retrato dêle e de uma mulher. Li mal e mal, e vi que o negócio era sério, não sabe? Os dois se amam, tá comprendendo? Vá daí e eu conjuminei, conjuminei e pensa dali e pensa daqui, e resorvi vim lhe mostrá.

— Que embrulhada você faz, Juvêncio! Dê-me cá o jornal. Deve ser tolice, na certa...

— Acha que é? Pois, seu Ernesto, eu digo que não é!

— Vá lá que seja... Mas dê-me o jornal.

— Tá aqui êle; e eu continuo a dizê, e posso até apostá dinheiro, que tem muita importância.

Peguei do jornal — prosseguiu Ernesto — e corri os olhos nêle. Fiquei lívido! Juvêncio notou a reação que em mim se produziu, e observou:

— Uê, xentes! Que é isso? Tá ficando amarelo? Tá tremendo? Eu não disse? Tem importância, sim. Eu bem que disse...

— Tem sim; e muita, Juvêncio — disse eu, acalmando-me um pouco. — Você fez bem em trazer-me o jornal, e não o mostrar a Mamãe ou a Janice!

— Eu agradeço, Juvêncio.

— Seu Ernesto, não precisa agradecer... O senhor até me deixa em sinuca...

— Pôde ir. É um favor, — não fale a ninguém sôbre o que leu no jornal...

— Ora, seu Ernesto! Pensa então que eu vou batê lingua? O senhor pensa que eu tenho cara de faladô?

— Posso contar com você?

— Mas nem se pergunta! Pôde contar comigo em qualqué terreno! E contar ali na batata...

— Obrigado, Juvêncio.

— Não tem que agradecê. Eu também conto com o senhor em tôdas as imergências. Agora, por exempro, eu tô meio malexo... O senhor vá me defendê... Eu preciso de vintão, — vinte bagos, vinte cruza...

— Está certo. Aqui estão os vinte cruzeiros. E podê ir.

— Mas, seu Ernesto, não tinha pressa — disse Juvêncio, pegando o dinheiro e pondo-o nos bolsos. O senhor é camarada de verdade!

(Continúa)

As criações do Vento Sul

T. C. Jamundá

Aquelas pitangueiras de Canasvieiras lembraram-me meu professor de botânica com seus exemplos de tropismo.

Depois que a gente se dá à literatura e vai esquecendo as coisas da botânica passa a ver outras espécies de tropismos: são os determinados pelo modo de viver. Aquelas pitangueiras de Canasvieiras ficaram assim da ação do vento sul; dobradas como se suportassem efetiva e constantemente pesos sobre as frondes. — Será que não ficam ali, sentadas a olharem o mar como de mirantes os espíritos dos marinheiros veteranos? — Pensei olhando aqueles caules mas, outra idéia também anda a este respeito: — são muitas mãos atirando adeuses para o horizonte. É imaginação literária, mas o que não é imaginação?

Existe qualquer coisa de humano na curvatura forçada daquelas pitangueiras, parecem, também, indivíduos dobrados pela dor, por ulceras do destino. É a ação do vento do sul, que não somente nelas aparece com sua dinâmica modeladora.

A ironia peculiar ao florianopolitano, este humor exclusivamente seu e inimitável; esta verticalidade para franqueza; esta rebeldia ao dogma e superior ao asneirento, enfim, todos os traços livres de definições acadêmicas ou revolucionárias, sádicos e enfeixando ecletismo sedutor, não será consequência de muito arejamento, e o vento sul não terá seu papel na personalidade do florianopolitano? — Dirão por certo... — Invencionices de literato mas, afinal, quem de nós não terá algo de literato?

O vento sul em Florianópolis parece ser exclusivamente seu. Para os de fóra e noviços e desacostumados ao acolhimento da figueira histórica ele é algo temível, importuno e mau; para o florianopolitano ele é apenas pilheria periódica, coisa de casa para gastar o espírito humorístico. Qualquer coisa do

vento sul fundamenta algo do "savoir-faire" do homem que é alisado por êle dès o berço e, não traço banal, por exemplo dar-se à vida do mar ou ser marinheiro à maneira dos forjados por Joseph Conrad, isto é destino pleonástico, afinal, já nascem numa ilha batida pelos ventos e fundeada no Atlântico.

O que há no espírito do florianopolitano, marcado pelas rajadas do vento sul, é a indiferença pelo mínimo e pelo máximo de modo geral; se há nuvens escuras ou o sol é primaveril, o florianopolitano vê com certeza filosófica que tudo tem seu momento no espaço e no tempo e, não se perde de paixões, por isso é diferente, sabe rir ou procura rir do quanto pode.

Este aspecto do florianopolitano traça-lhe um perfil que não é imitado em Santa Catarina nem no Brasil, juntando-lhe uma onda de simplicidade que prende muito, mórmente ao nordestino; conta-se porção deles já no seio da família florianopolitana; suportam o vento sul com a mesma displicência do ilhéu catarinense e suponho que fora dali sintam falta de arejamento.

Este certo quê, classificado fora de ironia indelicada, é humor de bom quilate, absolutamente, sem jaça; nele não existem baïrrismos histéricos e é dono de hospitalidade notória, a ausencia de arestas mostra-lhe o polimento racional, natural e fixo na personalidade, é traço da natureza nesta ilha onde o Brasil tem padrão acrisolado da mais pura brasilidade.

Não há dúvidas que o ambiente influi no caráter, quanto mais hostil é um elemento ao homem, mais êste se lhe contrapõe.

É o caso do nordestino e seu meio, as agruras do sertão bruto fazem o homem sisudo, macio na aparência e engenhoso para vencer; quando na cidade dá-se a profissão das letras transmuda a falta de conforto em literatura multi-

colorida e é quasi sempre seu drama ou do seu meio. Por aí se vê, não se pode separar o florianopolitano dos elementos que vivem com êle; é comum e observável que os do interior quando voltam de visita à Capital recebem a pergunta: então, como vai Florianópolis, havia vento sul?

Seguem-se os considerandos do libelo acusatório: — Que vento!!! — Como aquela gente o aguenta? — Porém, a ponte!!! — Viu a figueira?... — Engraxou os sapatos à sua sombra?

É o vento sul, a figueira e a ponte maravilhosa que tornam mais grandiosa a paisagem.

A primeira vez que fiquei ali remexendo lembranças e olhando para os lados de São José, encontrei aparências de uma vista da baía de Todos os Santos.

Entretanto o vento sul por fustigar os de fora não lhes escancara as belezas da ilha que êle fustiga sádico, esculpindo formas fenícias, alisa calçadas e assovia polindo esquinas, torcendo arbustos, e passa sacudindo, carregando, alevantando o que é do chão. Felizmente o florianopolitano, para quem o vento sul não é anormalidade, com este jeito de tudo oferecer para bem hospedar, abre aos de fora tôdas as portas: — já foi à Lagoa?... — Viu os cômoros?... Foi a Canasvieiras?...

Se lhe falamos do vento sul, êle responde: dura algum tempo, porém logo vem tempo bom. E compreendendo que o vento sul dura somente algumas horas os de fora vão experimentando suportá-lo, se ficam, acabam familiarizados e viram florianopolitano, aos poucos vão sendo temperados pelo clima, adquirem o humor indigena e compreendem que êste não é propensão para a crítica é um modo de interpretar, numa filosofia sem extremos, cuja base está em rir, rir de ontem, de hoje e preparar para rir no futuro.

FARMACIA MODERNA

De EDUARDO SANTOS

A Farmácia que mais lhe convem pelos seus módicos preços, escrupulo e enorme variedade em seu estoque de tudo quanto diz respeito a esse ramo de negocio.

Aviamento de receitas feita com todo escrupulo e sempre por preços sem concurrencia.

Perfumarias dos melhores fabricantes.

Agora à Rua João Pinto n. 4

Telefone, 1375

PELA HISTÓRIA

O ditador Solano Lopez do Paraguai e o cabo Chico Diabo. Outros pormenores 1864 - 1870

Ao brioso major Francisco das
Chagas Melo Soares.

(Lupercio Lopes.)

São decorridos setenta e nove anos que o Brasil, no dia de hoje, cobriu-se de glórias pela morte do atrevido ditador que foi Francisco Solano Lopes, então o déspota do Paraguai.

Muito pouco se tem escrito e publicado sôbre a tremenda guerra que arrancou a vida de tantos brasileiros succumbindo na defesa da ordem, da integridade e da soberania do Brasil, quer nos inhóspitos campos Paraguaio ou nas curvas das matas, quer nas artilhadas margens dos rios ou em pleno mar. Da bravura, disciplina e despreendimento do soldado ou do marinheiro, temos ali no Monumento levantado no jardim Oliveira Belo à praça Quinze de Novembro, lado sul, esculpidos com letras de ouro todos os seus nomes, sob a significativa legenda:

"Abençoada a Pátria que não esquece de seus filhos."

Mas esta homenagem ainda não satisfaz. É mistér que se reproduza o que nos ensina a História, para conhecimento daqueles, moços ou velhos, que ainda desconhecem o aludido Monumento, que foi construído em 1876, como um preito de verdadeira saudade, patriotismo e gratidão do povo catarinense aos heróis que tomaram em defesa do Brasil.

O dia 1º de Março, que hoje decorre, devia ser de festa nacional mas... nem um pontossinho facultativo nas repartições públicas!

O Brasil, ainda Império soube bem repelir as diversas afrontas que a Nação vizinha lhe atirou como um formal desafio à luta sangrenta que então se desenrolou. Diante dos acontecimentos históricos que vamos transcreecer, poderemos também repetir: Abençoado seja o cabo de cavalaria, de nome José Francisco de Lacerda, conhecido por Chico Diabo, que em combate a arma branca, desferiu certo pontaco com a sua lança no tirano Solano Lopes — prostrando-o por terra, sem vida no dia de hoje, do ano de 1870.

Abençoado seja, pois, o cabo Chico Diabo que, matando o responsável por tantas mortes, pos termo a terrível guerra que tanto sangue fez derramar.

Os fatos beligerantes antes e durante o grande conflito foram os seguintes:

10 de Junho de 1865 o tenente coronel Antônio de Lá Cruz Estigarribia, à frente de uma coluna paraguaia de mais de nove mil e seiscentos homens, invade o Rio Grande do Sul, por diversos pon-

tos, sendo que, duas mil praças de sua divisão, tomam a vila de São Borja, que era apenas defendida por oitocentos e cinquenta brasileiros, sendo 100 do 3º batalhão de infantaria da Guarda Nacional, 350 de outro corpo de cavalaria da mesma milícia, o 1º batalhão de Voluntários da Pátria e mais as forças do coronel Menna Barreto que, achando-se a duas leguas de distância, prontamente acudiram em socorro da vila. Este punhado de bravos ainda pode proteger a retirada das famílias, livrando-as dos ultrajes da desenfreada horda invasora e matando mil e quinhentos soldados atacantes.

Estavam, dest'arte implantados na então provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul o desassocego e o terror, ao mesmo tempo que a sua mocidade, impelida pelo entusiasmo apresentava-se às autoridades militares, prontas para vingarem o ultraje e o desrespeito à nossa bandeira, pela invasão do nosso território. Experimentávamos assim o verdadeiro estado de guerra.

Haviam decorridos 7 meses a contar de doze de Novembro de 1864, quando o tirano do Paraguai nô-la declarou, cometendo um ato brutal de pirataria — o aprisionamento do vapor mercante "Marquês de Olinda" a cujo bordo seguia para a provincia de Mato Grosso o seu presidente, coronel Frederico Carneiro de Campos que ficou prisioneiro.

Este golpe de audacia e traição, surpreendeu o governo do Império do Brasil por não haver guarnecido, como devia, as suas fronteiras, apesar do inqualificável atentado contra o presidente Carneiro de Campos, em 1864, como já nos referimos.

Em Setembro de 1865 seguia para Uruguaiana S. Magestade, o Sr. D. Pedro II, acompanhado do ministro da guerra, e outras pessoas de destaque, tendo no dia 18 do mesmo mês, após renhido combate, os paraguaioes que ocupavam a Vila de Uruguaiana, sob o comando do coronel Estigarribia se rendido às nossas forças, com um efetivo de 5.515 homens, entregando êles 6 bandeiras e 6 canhões, na presença do mesmo Sr. D. Pedro II, Imperador do Brasil, dos generais Mitre, presidente da República Argentina e Flores, governador provisório da República Oriental. Estavam também presentes o marechal Conde d'Eu e o almirante Duque de Saxe, o marechal Caxias e o general Cabral (Barão de Itapagipe.)

O exército aliado, diante de Uruguaiana compunha-se de 17.346 homens, sendo: brasileiros — 12.393; argentinos — 3.733 e orientais — 1.220 homens. Comandava o exército brasileiro, o general Barão de Porto Alegre. A esquadra brasileira, compunha-se de cinco vapores e duas chatas, sob o comando em chefe do almirante Tamandaré (Marquês Joaquim Marquês Lisboa.)

Estes foram, de inicio, os combates travados. Outros porém, mais importantes foram os que se deram em terras paraguaias como vamos transcreever:

"No dia 1º de Março de 1870, na Sanga de Aquidabanigui, imediações de Cerro Corá, caiu mortalmente ferido por um golpe de lança o ditador Francisco Solano Lopes, o algoz do heróico povo paraguaio.

Estava assim terminada a campanha tremenda que, durante cinco anos, arrastára aos campos de batalha, os exércitos de três nações, para varrer do território sul americano os últimos vestígios da tirania e dos caudilhos, campanha na qual o Brasil sacrificou a vida preciosa de 100.000 filhos além dos recursos do seu tesouro e do seu crédito comprometido por um largo futuro.

Quando Francisco Solano transpuz a serra do Maracujá, dirigindo-se apressadamente a rumo de Cerro — Corá, o fim do tirano e da guerra aproximavam-se rapidamente.

No dia 27 de Janeiro de 1870 o coronel Jardim, com uma pequena coluna composta de cavalaria e do 9º batalhão de infantaria, sob o comando, então, do major Floriano Peixoto, seguiu para a vila de S. Pedro, para bem de arrancar à morte certa, um grande número de famílias paraguaias que o sombrio tirano arrastára na rapidez da fuga, deixando-as miseravelmente abandonadas, à sanha feroz da soldadesca sem freios e que a certeza da derrota irremediável, havia transformado em salteadores sem piedade.

A expedição regressava tendo salvo da morte, pela fome e pela degola 450 pessoas das mais distintas famílias de Assunção.

As deserções do exército inimigo aumentavam diariamente e só no mês de Janeiro um grupo superior a 1.500 oficiais e soldados havia procurado asilo nas forças brasileiras."

Apagára-se totalmente a estrêla do tirano e os heroicos soldados

guaranis abandonavam, à sua própria sorte, o caudilho sanguinário! Marchando apressadamente para Cerro — Corá, a intenção de Solano Lopez se manifestava com segurança: — internar-se em Mato Grosso e daí fugir para a Bolívia, escapando assim à perseguição das forças brasileiras.

No intuito de impedir a realização desse plano, o general Câmara, depois Visconde de Pelotas, mandou que o coronel Paranhos com as suas forças, impedisse o passo do arroio Guassú, “enquanto êle, general, marchava sobre os DouRADOS.

A 18 de Fevereiro alcançou as imediações de Bela Vista e, deste ponto, destacou uma ala do 15º batalhão de infantaria para aumentar a coluna do coronel Paranhos. Ai, teve notícias de que Lopez, quasi abandonado, acompanhado apenas de 500 homens e tendo deixado atrás de si, na picada de Chiringuelo, grande quantidade de despojos, achava-se acampado à margem esquerda do “Aquidaban,” em Cerro — Corá.

A 28 de Fevereiro a vanguarda do general Câmara alcançou o arroio Guassú, de onde o major Floriano Peixoto comandando uma ala do 9º batalhão de infantaria, com o tenente coronel Francisco Antônio Martins à frente dos seus clavineiros a cavalos, foram destacados para, de surpresa, tomarem as bocas de fogo que guardavam o passo das Taquaras, a uma légua distante do Aquidaban.

Essa missão foi cumprida com feliz êxito. Daí ao rio Aquidaban não houve tempo a perder; depois dos reconhecimentos seguiram rumando ao acampamento do tirano.

Estava iminente a queda formidável de todo o poder da família maldita, que, por mais de cinquenta anos, asfixiava o Paraguai, desonrando a democracia e a república, ensanguentára a América do Sul e roubára a liberdade.

Lopez, desconfiado, mandou um ajudante de ordens em busca de notícias: Êsse oficial, porém, não voltou, ficou prisioneiro das forças do major Peixoto. Lopez designou e fez seguir então um piquete de dez homens da sua guarda pessoal e, destes, apenas um pdeu voltar e nove caíram prisioneiros do coronel Martins”.

Escreveu um historiador desse dia:

“Nesse interim, já o general Câmara chegára à picada e colheira do ajudante de Solano Lopez as mais exatas informações e ordenou o coronel Jôca Tavares que, com as forças da vanguarda, fosse, sem perda de tempo, tomar o passo do Aquidaban guardado por quatro bocas de fogo e destroçar a força do tirano a pouca distância. O 9º batalhão, da barranca, à direita da picada, cruzou os fogos com os clavineiros do Coronel Martins sobre a artilharia inimiga e tendo esta se mostrado fraca, se arrojou sobre ela. O próprio general Câmara arrojou-se também, ao soar o toque de carga. Atravessámos o rio.”

Depõe ainda o general Câmara, já vitorioso naquela hora histórica:

“O coronel Silva Tavares, os oficiais do seu estado maior e alguns clavineiros, que o seguiam assim como alguns infantes, tomaram a estrada do centro e foram arremessar-se sobre a força, a cuja frente se achava o ditador. O mesmo coronel Tavares não lhe deixou mais tempo para respirar. Carregando sobre êle, dezimando os seus defensores, mutilando o seu piquete de oficiais, ceifando com o gladio da vitória aquelas vidas, que como anjos do mal se opunham à Paz e à Regeneração de um povo, levou-o de envolta no pó e no fumo, de encontro ao mato que margeia o Aquidabanigui.

A tão encarniçada perseguição não pdeu o tirano fazer face! A-

bandonando-se à fuga, lançou-se para o interior do mato, onde de perto o seguira um punhado de bravos que lhe juraram extermínio até que ferido, desanimado, exausto, apeando-se do seu cavalo, dirigiu-se para aquele arroio tentando transpô-lo, caiu de joelhos na barranca oposta. Foi, nessa posição, que, tendo me apeado e seguido em seu encalço, o encontrei: Intimei-lhe que se rendesse e entregasse a espada, que lhe garantiria os restos de vida o general que comandava aquelas forças”.

Respondeu-me atirando-me um golpe de espada.

O gesto do tirano foi belo, mas não bastava para redimir os crimes hediondos que cometêra. Neste momento, vindo em perigo a vida do seu general e antes que êste houvesse lançado a ordem de prisão do ditador, um cabo da comitiva, um gaúcho destemido José Francisco Lacerda, conhecido pela antonomasia de Chico Diabo — avançou rapidamente e transpassou-lhe o peito com o ferro da sua lança.

Solano Lopez ainda gritou:

— “Me muerdo coa mi patria...”

Um tiro de revólver o prostrou definitivamente na barranca que tentava êle escalar: seu corpo rolou no arroio e o último alento do monstro, restabeleceu a Paz na América do Sul”.

No dia seguinte, a mãe e a irmã da fêra Solano Lopez deveriam ser executadas da sentença de morte da qual já haviam sido notificadas. O general Câmara chegára a tempo de as salvar e, quando, sobre o cadaver do filho maldito, chorava sua mãe — que o general brasileiro acabava de libertar, — a irmã, também condenada, esta à degola, disse indignada: “Não chores, senhora, sobre êste monstro que não foi filho nem irmão”.

S. José, 1º de Março de 1949.

IRMÃOS AMIN

CONCESSIONARIOS
— F O R D —
AGÊNCIA — OFICINA

Agência:

RUA DUARTE SCHUTEL, 11

Edifício próprio

Caixa Postal, 117 — Telefones, 1665 - 1347 - 1605

End. Teleg.: “TUFFI AMIN”

Oficina:

RUA DUARTE SCHUTEL, 7

Edifício próprio

Telefone, 1295 — Florianópolis — Santa Catarina

Peças e acessórios legítimos

Pneus Pirelli

Soldas a oxigênio e elétrica

RECONDICIONAMENTO DE MOTORES

Posto de Serviços: Lavagem — Lubrificação — Gazolina

Óleo Diesel e Óleos Lubrificantes

Discurso proferido pelo Major Demerval Cordeiro, no dia 27 de Novembro de 1948

Exmo. Sr. Presidente da Assembléa Legislativa, no exercício do cargo - de Governador do Estado. Exmo. Sr. Almirante Comandante do 5º Distrito Naval. Exmos. Srs. Representantes dos Poderes Legislativo e Judiciário. Exmos. Srs. Cmts. das Forças Armadas e suas Reservas — Meu Comandante. Exmas. autoridades civís, militares e eclesiásticas. Exmas. Sras., Senhoritas, meus srs. — Povo Brasileiro.

A P. M. de S. Catarina, não tem maior orgulho, não ostenta mais resplandecente brasão do que ser uma parcela dêste povo brasileiro, por cuja grandeza é por cuja vida se imolaram aquêles que, pela indômita coragem e pelo desprezo sereno da morte, fizeram fracassar o nefando golpe comunista de 27 de novembro de 1935.

Ela se associa de alma e coração às homenagens de reconhecimento e admiração à memória dêsse púgilo de bravos que "foram a consciência mesma do Exército", num momento sombrio da História da nacionalidade brasileira.

Exmas. Sras., meus Srs.

A conquista do Mundo, objetivo de Hitler que pretendia cumprir à risca o esquema do Instituto Géopolítico de Munique, não foi realizada porque se apagou a sua estrêla. Como se sabe até as estrêlas caem...

No esquema do Instituto de Hitler, lia-se isto: "Conquistar a Europa, consolidar as suas forças industriais e militares por meio de um único golpe de força. Conquistar o Ocidente. Isto significa despojar a Inglaterra e a América da superioridade nos mares. Fazer isso com o mínimo de luta possível. Empregar a intimidação. As democracias são meúrosas e não gostam de lutar. Conquistar o Extremo Oriente e as Américas".

O Instituto teria sido mais exato se houvesse dito que as Democracias, embora aceitando e suportando as guerras, adoram a Paz.

Adorar a Paz não é ter medo da Guerra.

Ninguém, mais do que o saudoso Presidente Franklin Delano Roosevelt — o cidadão do mundo — pregou a concórdia entre as nações; ninguém, no entanto, realizou maior esforço bélico do que a América do Norte sob o seu governo.

Não foram as ditaduras, por outro lado, que ganharam a guerra; foram as democracias que não temem a guerra, porém, procuram, ao contrário, eliminá-la.

Como se evidenciou, falharam abertamente as previsões do Instituto Géopolítico de Munique e o seu conceito sobre as democracias e a guerra, e isto porque escapou à perspicácia dos militares, geógrafos, economistas, psicólogos, historiadores, industriais e engenheiros daquela Corporação, cuja exclusiva missão consistia em elab-



Major Demerval Cordeiro

borar planos políticos, econômicos e militares de conquista mundial, que uma democracia não pôde efetivamente fugir à luta, pois ela é um regime que luta para conseguir e manter um lugar ao só.

O nosso País, esteve presente na última guerra. Revidou o ato de afronta à sua soberania, com a declaração de beligerância. Guerra de defesa, justa, necessária, porque não a desejamos. Imposta pelos traidores torpedos que afundaram nossos navios, vitimando nossos irmãos, tingindo de rubro com o sangue de inocentes indefesos as águas do Atlântico Sul para nos defendermos do inimigo que escarneceu da nossa soberania, nos levantámos num bloco único e a justiça exigiu sacrifício e renúncia para lavar em sangue a vil ignominia atirada à face de um povo livre.

A F. E. B. desfilou sob os arcos do triunfo e depôs no altar da Pátria os louros imarcescíveis da Vitória. O Brasil venceu o totalitarismo desleal e de má-fé, que esgrimia rapaces persuasivas, unificadas num programa ideológico incompatível com a realidade nacional.

Não é em vão que se proclama: "A eterna vigilância é o preço da liberdade".

Uma democracia, não pôde, jamais, dormir sobre os louros de uma vitória, alcançada com sacrifícios ingentes dos seus filhos, como o Brasil que pagou o seu tributo de sangue em novembro de 1935.

O Brasil têm de lutar, não só contra as inclinações totalitárias que existem no fundo da política profissional, mas, principalmente, contra as forças ocultas que mais se avolumam nas trevas e que tentam solapar-lhe os alicerces.

Êstes dois grandes inimigos ameaçam, permanentemente, a existência, o prestígio e a realização da democracia.

A democracia é então um es-

tado de guerra permanente. Guerra, sobre tudo, às ambições que não se ajeitam dentro das leis populares; guerra, que não deixa margem para se pensar em outra coisa que não seja honra e sacrifício.

Por isso, quando exterminados os inimigos comuns da democracia, se houvermos de considerar a nossa parçela de esforços para a vitória, estaremos entre os que partilhamos dos sacrifícios gratos a todos os povos que defendem a própria liberdade.

Somos — o Brasil — um povo bravo e independente, pacífico e hospitaleiro, sentinela avançada, de uma democracia substancial que proscreeve, por índole e por princípio, a guerra de conquista. Se não possuímos a vocação agressiva, não perdemos, porém, o respeito às nossas leis fundamentais, o amor às nossas tradições, a noção do dever de conservar intácto todo um patrimônio histórico, sagrado e intangível, a dignidade de legítima defesa contra a infiltração, o descrédito, a desunião, a fraqueza, o derrotismo, a sabotagem, a propaganda e a espionagem do inimigo, a dentro de nossas lindes geográficas, onde se instalou traiçoeiramente, dissimulando sua conduta criminosas, acobertada pela magnanimidade de nossas leis, com o objetivo de subverter a ordem social, esquecendo de que na democracia brasileira, são realidades nacionais o respeito à Justiça, o amor à Ordem e o direito à Liberdade.

Decorre precisamente 13 anos, que o 27 de novembro assumiu excepcional importância histórica. O Brasil, desferiu certo golpe, contra interesses expansionistas do Comunismo no território nacional, que serviu para acentuar o seu firme propósito de castigar os que lhe traíram a conduta pacifista e refletir as suas tradições lidamente democráticas. Por isso, confiamos estar vivendo o nosso Estado, a hora que todo o Brasil vive — hora de veemente restauração da segurança coletiva nos admiráveis rumos da nossa nacionalidade.

O devotamento do egrégio Presidente Exmo. Sr. Gal. E. Gaspar Dutra, a actuação enérgica do seu incontestável patriotismo, conduz a Nação a passos gigantêscos na gloriosa rota do seu destino histórico.

O Estado de S. Catarina, seu Governo, suas autoridades, órgãos e elementos que atuam no sector da Segurança Pública, percebendo os perigos que sempre tentam abalar os alicerces da estrutura política do Brasil, para demolir o prestígio das autoridades constituídas pela vontade soberana do Povo, estão articulados e vigilantes, unidos e solidários, inspirados na actuação patriótica do seu governante, figura inconfundível de democrata convicto, para quem acima de tudo está a salvação da Pátria — o Exmo. Sr. Dr. Aderbal Ramos

da Silva — associado espiritualmente, neste momento de exaltação cívica, à comunhão de esforços para salvaguarda dos postulados democráticos em território catarinense.

Fiéis a esse magnífico sentido da nacionalidade brasileira, o Povo, o Governo, as Forças Armadas e suas Reservas, encontram expressão lídima dos seus anseios, no preito de gratidão e de saudade aos mortos das forças legais, na intencionalidade de 35 movimento comunista que ceifou vidas preciosas e cobriu do crépe da viúva e da orfandade muitos lares brasileiros. Encontrou repulsa decidida a felonía e traição da horda comunista que, empunhando o guante assassino, saiu da luta farta do sangue de suas vítimas.

As P. M., 70.000 corações pulsando uníssonos e ritmados pela grandiosidade da Pátria e que constituem Forças Auxiliares do Exército, como reservas, tomaram parte ativa na luta, representadas pela Brigada Militar de Pernambuco, cuja resistência aos amotinados prevaleceu durante 19 horas; pela P. M. da Baía que aprestou o 1. B. I. que, célere, acorreu em defesa do governo constituído, integrando o grupamento formado pelo 3. G. A. Do. e 19. B. C.; pela P. M. do Rio G. do Norte que resistiu valentemente ao assédio dos rebeldes, só deixando o seu Quartel, onde se apresentavam vestígios de metralha nas paredes crivadas de balas, quando se exauriram as munições.

Os sangrentos sucessos que agitaram os Estados nordestinos e a Capital da República, deixaram em relevo nome de Oficiais, Sgts., e praças do Exército que tombaram em defesa do regime e da disciplina militar, provando ao mesmo tempo que perfeito sentimento de honra e lealdade: uma bravura que os elevou para a admiração de todo o País, na estrangulação do movimento patrocinado pela 3ª Internacional. Explodindo com violência a revolta na Escola de Aviação Militar, desenvolveu-se o trabalho repressivo das forças da Aeronautica sob o Comando do então Cel. Eduardo Gomes que teve ação decisiva na rendição dos amotinados. O Gal. E. Gaspar Dutra, Cmt. das forças atacantes, expôz-se ao fogo, no afan de apressar a rendição e no momento exato em que esta se iniciava, o Chefe do Governo, Presidente Getúlio Vargas e o Ministro da Guerra, Gal. João Gomes, chegavam ao Quartel do 3. R. I, demonstrando extraordinária coragem e sangue frio, durante os acontecimentos.

Exmas. Sras., Meus Srs.

A alma ardente e altruista dos povos, para triunfar na luta cotidiana e eterna, ergueu ao ápice da veneração humana, os heróis e as gerações varonis que afrontaram a morte pela sobrevivência da Pátria. A reverência, o culto, as expressões de gratidão aos mortos de 35, são motivos de exaltação profissional que buscamos na vida das armas, cantando aqui, toda a poesia rubra que há no sofrimento, no dor, no martirologio dos que derramaram o seu sangue de sol-

dados, conscientes do cumprimento dos seus deveres, em holocausto à integridade nacional à própria Pátria, glorificando-a; envoltos em túnicas rôtas e empoeiradas, sabres partidos nas lutas árduas e desiguais, mortos que cantam pela boca vermelha de suas feridas, o hino máximo da profissão, honrando-a e sublimando-a.

As bênçãos das famílias brasileiras, se convertem em flores sobre os sepulcros dos Ten. Cel. Misael Mendonça, Majores João Ribeiro Pinheiro e Armando de Souza Melo. Caps. Danilo Paladini, Geraldo de Oliveira e Benedito Lopes Bragança, 2º Sgt. José Bernardo Rosa, 3 os Sgts. Abdiel Ribeiro dos Santos e Coriolano Ferreira Santiago, 1. Cabo Luiz Augusto Pereira, 2os. Cabos José Harmito de Sá, Alberto Bernadino de Aragão, Pedro Maria Neto, Clodoaldo Ursulano, Fidélis Batista de Aguiar, Manoel Biré de Agrela, sd. Francisco Alves da Rocha, e sd. n. 57. Nos dias tetricos da rebelião comunista, o ódio exterminador, a competição brutal. Finda a refréga calamitosa, a saudade encheu os corações fatigados. Anos depois uma onda de ternura se manifestou e o reconhecimento e gratidão da Pátria, perpetuou em monumento grandioso, a lembrança dos que haviam experimentado as agruras da peréne incerteza, do inconstante perigo, da ansiedade inenarrável das horas lutuosas dos combates tremendos que culminaram na morte e a necrópole de S. João Batista, viu surgir o marco severo da saudade e do louvor coletivos, num mausoléu tracejado pela imaginação de hábil artista, apumado na solenidade de suas linhas, recordando os heróis.

Ao heroísmo do sd. n. 57, foi erigido em Natal, um túmulo modesto e grandiloquente na mudéz do granito e na frialdade da marmórea lousa, voltada para a amplidão dos céos e assinalando no chão da Pátria, tantas vezes regado pelo sangue da creatura, o alto, o inexorável sentido do seu destino de vítima, que militou nas fileiras da P. M., na repressão do sedicioso movimento.

O Brasil agradecido, sintetizou no bronze e no granito, o espírito da época com as suas qualidades marcantes, para admiração e enlêvo: observação e exemplo, das gerações presentes e porvindouras monumentos encantadores pela beleza e pela expressão, nos quais se eternizam episódios de sublime sacrifício pela honra da Pátria.

Aí também, nosso destino de sds. nos acena ao cumprimento do dever, nos dá mais consciência das nossas responsabilidades, mais fé nas virtudes da Democracia e nos incita mais claramente para as realizações objetivas da defesa nacional.

Contentes com esse destino, livres das angústias que a desconfiança gera, vivemos com a certeza de que a injustiça não nos atingirá nunca. Vivemos calados. Não pelo temór que nossas vózes atróem os ares. Só pelo dever de Silêncio.

Hoje, porém, dia de indulgências, vai escapar-se nossa voz, para dizer em tom forte, que, "no Quartel da P. M. em Natal, encontrava-se enfermo um sd., o de n. 57. Quando os revoltosos tomaram o edificio ele protestou com a máxima energia. Cortaram-lhe com violento golpe de sabre, o ventre. O sd., apoiou a mão direita sobre a ferida, e, depois, sobre a folha de uma porta, junto à qual expirou. Ali, se gravou o sinal sangrento da mão do valente miliciano", prova inconcussa de um heroísmo superior à própria morte, excelso sacrifício que o sobrelevou para a transfiguração da História. Para esse herói, quasi anônimo, as nossas ladainhas de amor se transmudam em aromas que perfumarão a glória da sua imortalidade.

O seu nome está registrado no patrimônio moral das P. M.: LUIZ GONZAGA DE SOUZA, sd. n. 57 da P. M. do Rio Grande do Norte.

Genuflexos diante do altar da Pátria, que a temos todos em nossos corações, na unção sagrada de um sentimento profundo que se ampara na força dos exemplos edificantes, como demonstração notável de que o amor ao Brasil ainda e sempre crepita intangível entre os brasileiros e a certeza de que os mártires de 35, no rodopio incessante do perpassar inflexível dos tempos, jamais serão olvidados, juremos, com o mesmo fervor e exaltada fé que iluminou a histórica jornada, juremos todos, na presença de Deus e diante dos homens, que não consentiremos nunca, que o Comunismo transtorne esta Pátria inegalável, num mercado sórdido e ignóbil do nosso feitiço moral, da nossa honra, das tradições que devemos legar aos pósteros, intáctas, como as recebemos dos nossos avoengos e acrescidas com os rasgos de bravura d'esses numes constelares que a História da brasilíia gente guardou.

Grande e reluzente é a significação desta solenidade, porque exprime o pensamento de um país inteiro, vibrando de revolta e indignação contra os escravocratas da honra e dignidade nacional ao mesmo tempo que é um brado de alerta, uma preciosa advertência de que o Presente só é honroso quando está vinculado ao Passado, pelo culto aos que se souberam conduzir destemerosa e galhardamente, com tão altas virtudes que se enobreceram e se eternizaram nos fastos da nacionalidade.

E, o incenso da História, lembra, sem cessar, todos aqueles que souberam batalhar e morrer, pela ambição santa de ver o Brasil resurgir incólume dos ataques da insídia internacional multiforme, mais forte na sua soberania, assegurando as suas conquistas sociais através dos séculos já vividos. Esses heróis, cujos nomes estão gravados na placa aurifulgente da consciência brasileira e no panteão da glória nacional, plantaram um marco de epopéa que é um símbolo de força e de triunfo, síntese expressiva das qualidades viris da Pátria Brasileira, que se projéta, no tempo e no espaço, em toda a plenitude de sua grandeza.

AS ORIGENS DO HOMEM AMERICANO

EGON SCHADEN

(Universidade de São Paulo)

Nenhum problema antropológico do Novo Mundo despertou até hoje interesse tão vivo e tão constante como o da origem dos índios. Desde os tempos de Colombo se vêm sucedendo as hipóteses — ora ingênuas ou simplistas, ora engenhosas ou extravagantes — com que se pretende descobrir o segrêdo da esfinge. E hoje em dia dificilmente surgirá uma conjectura que ainda não tenha sido apresentada para explicar o mistério. Povos de tôdas as regiões do Velho Mundo, como escandinavios e egípcios, fenícios e judeus, cários, cananeus e mongóis, para citar sòmente alguns dos mais importantes, têm sido apontados como os ascendentes das tribos ameríndias. Muitos preferiam (e alguns preferem ainda) remontar o «homo americanus» a velhas populações da Atlântida ou de algum outro continente desaparecido. Outros, enfim, com o «sábio» Ameghino à frente, situavam o berço das raças indígenas e da própria humanidade em plagas americanas, imaginando que nas extensas planícies da Argentina desprovida de vegetação aborescente um dos precursores do homem (o «Tetraprothomo») teria inventado a posição vertical pela necessidade de «levantar-se sôbre os membros posteriores para explorar o horizonte». E por aí a forã.

Não podia, porém, ser de outra forma, uma vez que não se dispunha de material positivo, nem existiam ainda métodos científicos adequados ao tratamento de assunto tão complexo. Cabe-nos reconhecer, portanto, que não deixa de haver um pouco de injustiça no ar de superioridade e no sorriso irônico com que hoje remetemos quase tôdas essas interpretações ao reino da poesia.

O estudo do problema entrou numa fase inteiramente nova com os trabalhos de Paul Rivet, que há mais de vinte anos vem insistindo na necessidade de se conjugar o testemunho de tôdas as disciplinas científicas que, de uma ou de outra forma, possam contribuir para a sua elucidação. As conjecturas e as conclusões de uma devem encontrar apoio e confirmação nos dados obtidos pelas outras. E' preciso, por conseguinte, confrontar os testemunhos da geologia, da antropologia física, da linguística, da arqueologia e da etnologia. Essa norma, que hoje se nos afigura tão natural quão indispensável, foi estabelecida por Rivet, que a pôs em prática numa série sucessiva de estudos. Há, aliás, uma data memorável, que marca o início dessa nova fase: 12 de Dezembro de 1924. Foi nesse dia que Paul Rivet, em comunicação à «Academie des Inscriptions et Belles Lettres» de

Paris, depois de lembrar que até aí haviam fracassado tôdas as tentativas de se descobrir uma ligação entre as línguas americanas e as do mundo antigo — exceção feita do caso do esquimó, cujo parentesco com o grupo uralo-altaico estava mais ou menos seguro, — expôs as primeiras provas de correlações linguísticas intercontinentais. Conseguiu apontar surpreendentes semelhanças não sòmente entre as línguas do grupo Hoka, da América do Norte, e a família idiomática melanésio-polinésica, mas também entre o grupo Txon, da Patagônia, e as línguas da Austrália. O fato de essas afinidades linguísticas corresponderem a correlações, não menos surpreendentes, no domínio da antropologia física e da etnologia, confere-lhes uma significação especial e um elevado grau de probabilidade.

Depois de muitas pesquisas sôbre o assunto — que, aliás, vinha merecendo redobrado interesse desde 1913, ano em que o Padre Wilhelm Schmidt applicou ao continente sulamericano os princípios da teoria histórico-cultural — Paul Rivet resolveu, em 1940, dar o balanço nas conclusões obtidas. Surgiu assim o pequeno volume «Les origens de l'homme américain», publicado pela primeira vez no Canadá durante a guerra. O

A CAPITAL

Oscar Cardoso S. A.

Confecção DISTINTA - Marca registrada

Da Fábrica ao consumidor, distribuida pela casa

A CAPITAL

Endereço Telegráfico: CAPITAL

Filiais: Blumenau e Lages

O melhor sortimento em artigos para homens, senhoras e crianças

Instituto Progresso Editorial, de São Paulo, acaba de lançar uma tradução brasileira, feita por Paulo Duarte, discípulo, colaborador e amigo do cientista francês. Trata-se, pois, duma edição de confiança dêsse livro simpático e valioso, em que se traçam, com mão segura e hábil, as linhas fundamentais do problema em seu estado atual. Simpático, em primeiro lugar, pela modéstia com que nele se expõe o assunto, sem a menor preocupação de salientar a importância das pesquisas do autor, mas também pela ausência da animosidade com relação aos que, rejeitando a posição de Rivet, o combateram de maneira às vezes bastante violenta. E valioso porque é uma síntese magistral.

Três grandes movimentos migratórios, um asiático, outro australiano e um terceiro melanésio-polinésio, teriam povoado o Novo Mundo. Êsse último, o mais recente e também o mais importante, seria o resultado de comunicações diretas entre as ilhas do Pacífico e a costa ocidental da América. Aí está talvez o ponto mais controvertido das explicações de Rivet, apesar do grande número de elementos oceânicos apontados em culturas tribais americanas. Os mais céticos dentre os estudiosos do problema negam que as embarcações usadas pelos polinésios, bem como as que serviam à navegação costeira dos índios do Peru pudessem ter oferecido segurança bastante para a travessia do grande oceano. Mas não há razão para tão grande ceticismo. E' o que se provou, há um ou dois anos, pela proeza de Thor Heyerdahl e um punhado de aventureiros, que, largando do pôrto de Callao, na costa peruana, com uma balsa ou jangada construída rigorosamente segundo os moldes ori-

ginais das embarcações incaicas, desafiaram os tubarões e as tempestades e se fizeram levar, ao sabor das correntes marítimas e dos ventos. Depois de 101 dias de odisséia, e percorridas mais de quatro mil milhas marítimas, arribaram à praia deserta duma ilhota do longínquo Pacífico. Assim provaram pelo menos uma coisa: os índios peruanos dispunham de recursos para viajar até as ilhas da Polinésia. Ademais, é notório que muitas tribos insulares do Pacífico tinham uma tradição náutica antiquíssima e incomparavelmente superior à dos índios da América. As populações que possuíam a chamada piroga de balancim podiam, sem dúvida, fazer viagens mais ou menos regulares à costa ocidental do Novo Mundo. E, finalmente, não se deve esquecer que o caráter efetivo de expedições realizadas pelos incas de um lado, e pelos polinésios, do outro, se confirma pela insistência das tradições aborígenes, de fundo histórico-lendário, que a elas se referem.

E' claro que, apesar de todos os argumentos disponíveis, o Professor Paul Rivet é bastante sensato para não pretender que o problema esteja resolvido. Volta e meia, êle próprio faz sentir ao leitor a insegurança do terreno em que pisa e a relativa fragilidade de muitas de suas conjecturas, se tomadas isoladamente. Mas é por isso mesmo que inspira confiança o caminho trilhado pelo autor, que, aliás, não receia citar também a opinião de americanistas que se inclinam ou se inclinavam a interpretações diferentes das suas. Cita, entre outras, a atitude de Nordenskiöld, que preferia explicar pela convergência os surpreendentes paralelos etnográficos entre o mundo oceânico e as Américas, e a de

Friederici, que admitia a possibilidade da introdução postcolombiana da batata doce nas ilhas do Pacífico.

Embora se possam levantar objeções contra vários argumentos em particular, não há dúvida de que em sua estrutura básica o conjunto das conclusões — que, no decorrer do tempo, serão corrigidos por certo em mais de um ponto — constitue um sistema bastante sólido. E' o máximo que se pode exigir de um trabalho dessa natureza, porque afinal não se deve esquecer que nesse domínio os resultados particulares terão sempre um caráter mais ou menos provisório.

O livro do Rivet, apesar de seu cunho essencialmente científico, é ao mesmo tempo uma obra de calor humano, que faz reviver epopéias de bravos anônimos que realizaram longas e penosas migrações por terras inhóspitas e mares revoltos, e que não tiveram cronistas que lhes registrassem os feitos, nem poetas que lhes celebrassem o heroísmo.

CLINICA MÉDICO-CIRURGICA

- do -

Dr. Saulo Ramos

Ex-assistente do
Professor Brandão Filho — Rio

Consultório:

RUA VIDAL RAMOS, 28

Consultas:

Das 9,30 - 12 e das 16,30 - 18

Telefone 1009

Restaurante Lira Tennis Clube

de FRANCISCO PRAZERES

Diariamente

Atende serviços externos

Cozinha de 18,

Confôrto - Higiene = Ótima vista - Ambiente próprio para homenagear uma família ou amigos de fóra

Lira Catarinense

GERALDINO AZEVEDO, o saudoso bardo, desaparecido prematuramente no ano de 1946, era natural de Canasvieiras, o poético distrito de nossa ilha, onde também nascera Virgílio Varzea — admirável paizagista e cantor em prosa, das belezas de nossa marinha. Geraldino era filho de antigo professor público distrital. Passou tôda a sua mocidade no poético lugar de seu nascimento, cantando-lhe as belezas naturais. Casando-se passou a residir em Biguassú, onde continuou a cultivar as letras, nas horas de lazer.

Bondosos amigos seus, vem de enfeixar em livro alguns dos melhores versos, por êle produzidos, dando à publicação o sugestivo título de «O poeta de Biguassú».

Paizagem

Ao meu inteligente amigo Ildelfonso Juvenal

Aqui o mar sereno a espreguiçar-se
Na praia, o longo leito alvinitente;
O céu límpido e puro a retratar-se
Das águas no espelho transparente!

Qual argêntea serpente a enroscar-se
Passa ali o ribeiro mansamente,
Em cujas águas à tarde vai banhar-se
De garças brancas um casal contente!

Lá estende-se o verde e alegre prado
De policromas flores matizado,
Onde adejam falênas multicores.

Além, distante, à beira estrada,
A casinha gentil de minha amada.
Ninho doce e feliz de meus amores!...

Canasvieiras, Julho de 1916.

Pai João

Lá longe, muito longe, à margem de um ribeiro,
Em plena mata virgem, havia uma cabana,
Onde depois de um longo e duro cativoiro,
Moravam Pai João e Tia Juliana.

Nas horas de lazer, sentados no terreiro,
Ali sós, sem ouvirem uma outra voz humana,
Do mísero, cruel e rude cativoiro,
Evocavam com horror, a quadra agra e tirana.

Da vida aproveitando o último alento,
Tirava Pai João, da roça o seu sustento,
E a tia Juliana tecia o vestuário.

E à noite, na paz erma e triste da cabana
Cismava Pai João e a Tia Juliana
Rezava, desfiando as contas de um rosário!...

Mãe Maria

(Uma reminiscência de minha doce infância)

Conheci mãe Maria bem velhinha,
Já trôpega, arrimada a um bordão,
De sua basta e negra carapinha
Restava um níveo flóco de algodão.

Eu pequeno, ia ouvi-la na cosinha
Da casa grande, às horas do serão,
Os contos infantis da carochinha,
As histórias pueris de assombração.

Às vezes com tristeza e com saudade,
Falava-me de sua mocidade,
De sua pátria, do longínquo Congo,

Onde à noite escutava docemente,
O som terno, nostálgico, dolente,
Saudoso, evocador do urucongo!...

Redenção

Treze de Maio! Neste dia outr'ora
Entre festas e flores e alegria,
Para sempre Izabel, a Redentora,
Quebrava o vil grillhão da tirania.

E' que há muito uma raça então vivia
Na escravidão cruel e opressora,
Sem ter razão, direito, garantia,
Sob lei férrea, dura, esmagadora.

Lá das longínquas plagas africanas,
Iam mãos miseráveis, deshumanas,
Roubar o filho à pátria, à mãe querida.

Mas raiou esse dia alviçareiro
E do execravel e rude cativoiro
Viu-se essa raça livre, redimida!...

Linhos Para Terno de Cavalheiros

da fabrica diretamente ao consumidor
pelo Serviço Reembolso Postal

FABRICA DE TECIDOS DE LINHO

Acêita-se agentes em todas as cidades

ITAJAÍ - Santa Catarina - Caixa postal 2

Quem é maior ?

Entrevistando

«...olhai as aves do céu...» (Sermão da Montanha-S. Mateus)

A Junenal Melchiades de Souza

Para o ilustre amigo
Dr. GILBERTO FONTOURA REY

Perlustro a História, as épocas divago,
Ouço a Platão, de Sêneca a doutrina:
«Nossa Era — dizem — no esplendor culmina
De Péricles, de Augusto o sec'lo mago —».

Quem é maior ? És tú, meu pobre amigo,
Que tens à terra vil o corpo atado
E caminhas, assim como eu prossigo,
Ao pêso do sofrer sempre curvado,

E passo à Média Idade e à ciência indago
De Bacon e Pascal... — «Nossa Era ensina
A fé imóvel, a razão supina
Do cósmos; — do erro enjeita o véu pressago —».

Ou as aves do Céu que, sem perigo,
Percorrem todo o azul, em bando alado,
Gozando a liberdade que eu bendigo
Mas que não gózo, qual um condenado ? ...

Mas já tornando à Época Moderna,
Das ciências luminares dogmatizam :
«No afã revel da evolução hodierna,

Tú nada tens e os pássaros têm tudo,
Vivem cantando quando vives mudo
Ante a dor que faz tréva em teus caminhos ...

Pobre vivente, oh insensato homem,
Pesando os males cruéis que te consomem
Tens que invejar, por certo, os passarinhos !

Nos falta a fé, moralidade, — ajuizam —
Os homens, a viver em ânsia externa,
Num futebol a vida divinizam».

Janeiro de 1949.

S. VIEIRA

TRAJANO SOUZA

A CLIPER

Rua Trajano, 4

Confecções finas

Tecidos em geral

Grande sortimento

de

Tapetes e Congoleuns



E todos, a seu turno, pedirão

«Saturno»

Fabrica de Choco-
late Saturno
BLUMENAU, S. C.

Representante em Florianop.:
JOSÉ P. LIMA
Caixa Postal, 49

A distância do Passado

Romance de Juvenal Melchades de Sousa

INTRODUÇÃO

Conforme fora anunciado no número de Novembro, ATUALIDADES tem, nesta ocasião, a feliz oportunidade de iniciar a publicação do romance de Juvenal Melchades de Sousa, que se intitula "A DISTANCIA DO PASSADO".

O autor dispensa apresentação. É um nome sobejamente conhecido em nosso Estado. Já publicou dois romances, intitulados respectivamente "ESQUECIDO DOS DEUSES" e "FRONTEIRAS DA MISÉRIA". A nossa revista tem se honrado com a sua permanente colaboração, nos gêneros poesia, conto e crônica.

Em "A DISTANCIA DO PASSADO" fixa Juvenal Melchades de Sousa um aspecto de nossa vida social e dá aos seus personagens movimento e realidade. Trata-se realmente de uma história comovida e empolgante. Rio de Janeiro, Florianópolis e São Paulo o cenário do romance. Entretanto, pelo seu fundo psicológico, poderia ter sido vivido em qualquer outro meio.

A narrativa é fluente. Dir-se-ia que Juvenal Melchades de Sousa escreveu com o sangue da própria experiência. À proporção que se penetra em "DISTANCIA DO PASSADO", vai aumentando o nosso interesse pelo entredo e pela sorte dos personagens.

Digno de registro é, por exemplo, a ação e o sentimento de Lia. Uma rameira, rameira que nos grandes momentos prova como é pura a sua alma e como é capaz de se sacrificar pelo bem amado, o qual se encontra em situação crítica e que pouco valor lhe deu até ali. Contrastando com Lia, encontramos Lígia, que, apesar das aparências, é no fundo só volubilidade e egoísmo. Louro, que é o personagem principal, consegue, muitas vezes, pelo lado humano de sua ação, comover. É conveniente não contar mais nada. Achamos melhor que o leitor por si mesmo viva os momentos de ansiedade, comoção, dúvida e tristeza, que são sentidos quando se começa a ler o empolgante romance do escritor conterrâneo, o qual tanto tem se esforçado para alcançar um lugar no mundo da ficção, em cujo gênero literário o nosso Estado é quase inexpressivo pela sua modesta contribuição quantitativa.

A técnica e o estilo de Juvenal Melchades de Sousa são muito pessoais. Um defeito? Uma qualidade? Opinamos ser uma qualidade. Pelo menos o artista é o que deve ser. E este escritor é fiel ao seu temperamento e à sua inspiração.

ATUALIDADES, apresentando, deste número em diante, em capítulos, o romance "A DISTANCIA DO PASSADO", está convencida de que presta um bom serviço às letras catarinenses.

I

O dia estava claro e alegre, a luminosidade de um sol de janeiro emprestava mais vida à cidade.

Ônibus super-lotados rumavam para o centro, vindo de vários pontos de Florianópolis.

Oito horas da manhã! Protegidas pela ramagem da imponente figueira, quase secular, do jardim

Oliveira Belo, várias pessoas conversavam animadamente. Quase todos os bancos estavam ocupados.

Os pardais em bando desciam para o chão, emitindo os seus piôs, não se importando com as pessoas presentes. Também os pardais se abrigavam nessa copada figueira. Ela conhece a história destes passaros e a história de muita gente... De dia, os pardais cantam, brigam e trocam ternos beijos à sombra dessa figueira; à noite, os namorados também.

As cigarras cantavam o seu nostálgico cântico.

Dirigi-me ao banco em que se achava Miguel; sentei-me. Ele já esperava por mim.

Era hábito nosso conversarmos, aos domingos, à sombra da velha árvore.

Miguel iniciou a palestra:

— Como vai o seu novo livro? Adiantado?

— Ontem concluí mais um capítulo, respondi. Espero poder publicá-lo em julho, se tudo correr normalmente.

— Estou ansioso por conhecê-lo; gostei muito do último que publicou — acudiu Miguel.

— Qual o título do novo livro?

— "Almas Vazias" foi o nome que me pareceu mais compatível com o tema que escolhi — respondi.

— O título agrada-me — concluiu Miguel; por certo, vou gostar dele.

— Creio, meu caro Miguel, que você gosta apenas de mim, e, por isso, sente prazer em ler os meus rabiscos.

Você bem o sabe, sou um intruso na cristalina seara das letras... Quando escrevi o meu primeiro romance, fi-lo movido apenas pelo sentimento de comisseração que se apossou de mim ao conhecer os personagens do meu livro. Nunca pude imaginar tanta dor numa só dor... Ousei, depois, publicar o que você leu. Fui feliz com o segundo trabalho; daí, resultou o estímulo que deu origem à "Almas Vazias".

As vezes, sinto-me sem coragem para prosseguir, meu caro Miguel. Você poderá aquilatar o quanto é difícil a jornada pelo caminho que escolhi.

Não temos em Florianópolis uma organização literária, um organismo que desperte o interesse do iniciante. E o pior é que os livros são editados por conta própria, resultando daí, que o escritor pobre lança as suas edições microscópicas, chegando ao fim da carreira, nos primeiros trabalhos que publicou, posto que, do resultado obtido nos primeiros livros, depende o seu futuro. E quase sempre, meu bom Miguel, os livros do ilustre desconhecido, dormem indefinidamente nas livrarias, não sendo expostos, muitas vezes. Diz o adágio: "Santo da terra não faz milagre".

— Ora, deixe de tolices — interveio Miguel. Prossiga com ânimo,

seja persistente e há-de vencer. Eu lho asseguro.

Sempre gostei de conversar com Miguel. Ao seu lado julgo que raciocino melhor. Na sua simplicidade tudo se torna tão claro, tão fácil. Miguel é um tipo original. Às vezes chego a não entendê-lo. Há dias em que se torna bastante comunicativo; outros em que me dá a impressão de uma redoma de ferro insondável, misteriosa.

Nas horas de bom humor, é o maior palrador com quem mantenho contacto nesses últimos três anos. Às vezes, até se torna filósofo.

Quem o vê todo teso no seu terno de linho branco, não lhe dá mais de trinta e oito anos e entretanto Miguel tem quarenta e sete anos de idade.

— Podíamos ir à praia da Saudade, que tal? — perguntou Miguel. Hoje deve estar adorável aquilo lá; o dia está magnífico — continuou ele.

Tomamos o ônibus de Coqueiros e partimos. Não sem grande dificuldade, pois a fila estava enorme.

A praia já estava bastante concorrida. Um grupo de banhistas divertia-se jogando peteca; crianças corriam ao longo da praia. Outros deitados sobre a areia fina, deixavam-se acariciar pela reverberação do sol. Mais além, outro grupo de meninos estava empenhado numa renhida batalha de areia. Alguns mais novos tentavam imitar os nadadores abraçados aos seus patos de borracha e salva-vidas.

As reverberações solares iam pouco a pouco aumentando o grau de calor.

O número de barracas aumentava a todo instante; os ônibus continuavam despejando na praia a multidão alegre.

Caminhávamos ao longo da praia quando Miguel propôs que procurássemos uma sombra para sentarmos.

Aquieci.

Lá fora as velas brancas dos barcos, pareciam asas de gigantescas garças. Os barcos deslisavam serenamente. Na praia crescia a camada de banhistas.

— Meu caro — disse Miguel — por que você não adquire uma casa próxima ao mar? Creio que fugindo ao bulício da cidade, você produziria bem mais.

— E melhoraria um pouco — acudí.

— Não se trata de melhorar, meu caro, e sim de produzir, posto que você satisfaz plenamente. Quiz insinuar que se você passasse a residir nas proximidades do mar, buscando um recanto calmo, forçosamente teria livre a faculdade de raciocinar.

Claro está que não me refiro a uma praia de banho, onde apenas à noite o silêncio está presente.

— Compreendo perfeitamente — concordei. Geralmente as praias nos oferecem recantos bucólicos, onde a beleza da paisagem reunida à vontade de produzir algo, torna as coisas mais fáceis, mais claras.

— Era o que eu faria se fosse propenso a escrever — disse êle. Aliás prefiro ler em lugares assim. A leitura é mais suave, a compreensão mais nítida, de vez que nos desligamos totalmente do círculo vicioso em que vivemos.

— Você que já viveu bastante, por certo, deparou em seu caminho, com muitas histórias originais, não é mesmo?

— Não meu amigo — acudiu Miguel. Quase tôdas as histórias, todos os romances escritos pela pena sábia do destino, são muito parecidos, quase semelhantes. Uma é plágio de outra história.

Conheço apenas uma história original: — esta.

*

**

— O Colégio D. Pedro II, no Rio de Janeiro, estava apinhado de pessoas. Muitas famílias ansiosas aguardavam naquele estabelecimento o desejado momento de poderem abraçar os seus filhos, que acabavam de receber o diploma de bacharel.

A proporção que os bacharelados juntavam-se aos seus, uma cascata de alegria inundava o ambiente.

Risos, ternos abraços e beijos, comentários, sucediam-se como o prefixo daquela explosão de felicidade.

Um rapaz de estatura mediana, claro, de olhos e cabelos castanhos, permanecia à porta do Colégio. Trajava um linho branco e sapatos da mesma côr. Envolto por uma fita verde-amarela segurava o jovem o diploma que acabara de receber do diretor do estabelecimento, ainda comovido pelas suas últimas palavras.

As suas maneiras agitadas demonstravam nitidamente a presença de um desejo que o abrasava.

Finalmente, os seus olhos tomaram um estranho brilho e a sombra de uma esperança veio n'alma morar-lhe. Sorriu meigamente, demonstrando nítido um fiapo de felicidade.

Ao seu encontro vinha uma senhorita de dezoito anos no máximo. Trajava também vestido e sapatos brancos. O jovem caminhou em sua direção.

— Louro querido! — exclamou a moça. Abraçaram-se.

Não foi aquêle um abraço trocado entre colegas. Êle refletia algo mais que isso. Uma rajada de felicidade os envolveu e êles permaneceram alguns minutos estreitando-se mutuamente, sussurrando palavras ternas, que mais se assemelhavam a beijos furtados numa noite enluarada. E do climax da sua ventura, embalados ao ritmo da melodia cascadeante da felicidade, esqueceram todos os seres, as coisas ali presentes, e alheios ao mundo que os cercava tinham palavras apenas para êles mesmos.

Os seus olhares confundiam-se, e cada vez mais se estreitavam mutuamente.

— Quizera poder beijá-la aqui mesmo — disse êle.

— Estaremos a sós na sessão das

cinco — respondeu Lígia. Também quero beijá-lo muito...

Caminhavam lado a lado para o interior do estabelecimento.

— Papai e mamãe estão à minha espera — disse Lígia, indicando com um gesto de cabeça um grupo de pessoas a uns dez passos do ponto em que se achavam. Pararam.

— Preciso voltar para junto dêles. Logo nos veremos, querido.

Promete que não chega atrasado hoje, não é? — pediu Lígia, num tom suplicante.

— Claro que não, meu amor — respondeu Louro. Separaram-se.

O meu interlocutor, à proporção que se infiltrava no drama que iremos conhecer, revelava-se um perito narrador de histórias.

Um sorriso leve brincava-lhe nos lábios, demonstrando-me o prazer que sentia pela minha curiosidade que avançava sempre mais, com o decorrer da narrativa.

Estávamos distantes uns duzentos metros do ponto mais concorrido pelos banhistas. Êle falava pausadamente, como se tentasse fazer uma excursão ao passado, qual se estivesse lentamente abrindo uma cortina que encerrasse um relicário.

Com os olhos fitos na superfície espelhante do mar, continuava a falar sem fugir à ordem cronológica.

Ocultos por uma pedra aproximadamente de uns quinze pés de altura, estávamos frente à imponente Natureza, isolados do resto da humanidade, tendo presente apenas, o meigo marulhar das águas cintilantes e claras, beijando a fina areia da praia.

Agora êle não tinha a fisionomia inexpressiva que lhe é peculiar. Às vêzes, esforçava-se por vislumbrar algo que não lhe ocorria, mas logo prosseguia como se estivesse a correr os olhos sôbre as páginas de um livro.

— Louro voltou novamente para a porta onde se achava anteriormente — prosseguiu Miguel.

Não tardou em que Lígia cruzasse com êle acompanhada de seus pais. Parou a certa distância fazendo-lhe um sinal para que êle se aproximasse.

— Meus pais querem abraçá-lo — disse ela.

O rapaz avançou para êles descobrindo-se cortêsmente. Apertou as mãos de dona Adélia e do doutor Silveira.

— Aceite os nossos parabéns, meu rapaz. Desejamos-lhes um futuro brilhante — disse êste.

— Obrigado senhor — murmurou Louro.

— Lígia já nos falou bastante em você — prosseguiu o doutor Silveira. Ela o elogia e o admira muito; contou-nos que é o primeiro aluno da turma.

— É bondade de Lígia, meu caro doutor — respondeu o jovem em tom modesto, não podendo no entretanto esconder o prazer que experimentou ao ouvir aquelas palavras.

Êle era, realmente, o primeiro aluno de sua classe. Há três anos vinha mantendo aquêle lugar. Recebera três menções honrosas. Êle bem sabia que Lígia o distinguia mais que a todos os outros rapazes. Ela o amava; isso era tudo.

Era um prazer sem limites ou-

vir aquela confissão dela, pelos lábios de seu próprio pai.

— Dê-nos o prazer de sua visita — convidou-o dona Adélia.

— Muito grato, senhora, aparecerei com infinita satisfação — respondeu Louro, um tanto surpreso por aquele convite tão espontâneo com o qual êle sonhava muitas vezes.

E antes que se refizesse da surpresa que acabara de experimentar, Lígia veio em seu auxílio, dizendo:

— Poderá passar o domingo conosco. Que tal? Está comprometido, Louro?

— Não, Lígia. Ficaria imensamente grato uma vez que isso não altere planos, que por ventura, estejam traçados por seus pais.

— Nada disso, meu caro, teremos muito prazer em recebê-lo — afirmou o pai de Lígia.

— Obrigado — balbuciou Louro. Dona Adélia, batendo-lhe de leve no ombro, observou:

— Vá cedo para aproveitarmos o dia todo, em sua companhia. Darnos-á tanto prazer!

— Não faltarei, dona Adélia — acudiu Louro.

Atravessaram a rua Marechal Floriano, entrando na Avenida Passos.

Dona Adélia e Lígia, de braços dados, caminhavam, seguidas de Louro e o doutor Silveira.

— Reside no sul a sua família? — indagou o pai de Lígia. Creio que Lígia nos disse isso.

— Perfeitamente. Minha mãe reside em Santa Catarina. Meu pai faleceu quando eu contava apenas nove anos de idade. Residimos na Capital do Estado.

— Você é unigênito? — indagou o doutor Silveira.

— Tenho mais dois irmãos — respondeu Louro. Uma moça que vive em companhia de minha mãe e outro irmão, casado. Este reside aqui no Rio.

— Mora em sua companhia? — indagou ainda o doutor Silveira.

— Não, resido no Andaraí, em casa de um tio materno.

Quando faleceu meu pai, meu tio mandou buscar-me para sua companhia.

Já vivo aqui há dez anos.

— Por certo sente muitas saudades de casa, pois não?

— Claro, doutor — afirmou Louro, visto que lá deixei a minha mãe. Confesso também, um tanto humilhado diante da magistral beleza do Rio, que sinto saudades da minha cidadezinha.

Até parece uma herezia, doutor. Não sei se sou bairrista, mas quero muito bem a minha Ilha.

Florianópolis é uma cidadezinha pacata, mas lá foi que nasci. Eis porque a adoro. Espero lá viver a minha velhice, doutor Silveira.

— Muito bem, meu caro. Eu já vivo no Rio há vinte e oito anos. Formei-me aqui, e logo constituí família. Estou mais enraizado do que você, meu rapaz — disse o doutor Silveira.

Louro, instintivamente, fitou Lígia, que caminhava altiva, no seu andar elegante, de braços dados com dona Adélia.

— Tenho saudades de Minas — prosseguiu o doutor. Nasci em Diamantina. Apesar de que me lembro com freqüência da minha infância, estando até hoje familiar-

zado com as cousas locais, confesso que não trocaria voluntariamente o Rio por cidade alguma de Minas Gerais. Eu adoro isto aqui, meu caro Louro.

Os cenários diversos que o Rio nos oferece a cada instante, são o seu ímã.

— Seria crime negar as belezas do Rio, concordou o jovem. Prefiro no entretanto, fugir à sua vida agitada.

Nem todos pensam da mesmas maneira. O doutor há-de convir comigo que mister se faz uma boa situação financeira para realmente se gozar a vida. Do contrário viver-se-á eternamente correndo em busca da sombra de uma nova esperança, ao vermos esvaír-se, como um sonho a se esfumar, a derradeira esperança.

— Sim, concordou o doutor. No entretanto, se todos os habitantes das grandes metrópoles, desfrutassem uma situação financeira que lhes permitisse compartilhar de todos os gozos e prazeres mundanos, sem a preocupação da luta diária isso aqui seria um paraíso.

— Talvez eu não me fizesse tão claro, como o supus — atalhou Louro. Além de achar que todos precisam ganhar o suficiente para viverem relativamente folgados, quis insinuar que, no interior, parece-me que uma pessoa que realmente queira produzir, poderá com mais facilidade adquirir uma situação financeira que lhe permita viver como um ser, realmente humano. Com isso quis dizer que numa cidade, onde o custo de vida é bastante elevado, quem ganha pouco, forçosamente se vê obrigado a privar-se do conforto que deseja desfrutar, ao passo que no interior do país não se faz mister uma remuneração invejável para que qual-

quer pessoa que tenha capacidade de produção possa ter um lar confortável, que ao meu ver é a preocupação de todos os bons chefes de família.

— É, realmente, você tem razão — concordou o pai de Lígia. Apressei o meu juízo. Onde o custo de vida é mais suave, está lógico que se desfruta mais conforto.

— Não desejei com a minha apreciação fugir à jornada da existência. Compreendo que lutar é necessário, visto que só há mérito na luta.

Não estou tão pouco, deixando-me levar à vertigem das alturas nas asas da ambição. Bem ao contrário; não aspiro a grandezas, quero ser sempre simples como o fui até aqui. Esforçar-me-ei bastante para que não fique o vácuo apenas, como o rastro em meu caminho.

Ao meu ver todos os homens lutam contra os embates do destino, na esperança de saírem vitoriosos dessa batalha, visto que dela depende o seu bem estar.

— Claro está que se não lutar-mos, não sairemos vencedores — atalhou o doutor Silveira.

— E eu, meu caro doutor, nada mais fiz se não escolher o campo para lutar.

Chegaram à esquina da rua Lêdo e Louro resolvendo deixá-los, pediu permissão para retirar-se. Pararam todos.

— Minha senhora, vai permitir-me que os deixe agora.

— Pois não. — acudiu dona Adélia. Esperaremos pelo senhor, no domingo. Não se esqueça.

— De forma alguma, — acrescentou Louro.

Trocando um breve olhar com Lígia, despediu-se retomando o caminho percorrido.

Aquela conversa com o pai de

Lígia, despertára em Louro reminiscências da infância.

Ele viu-se, menino de sete anos, feliz em casa de seus pais. O cacula chamava-lhe seu pai.

Lembrou-se de quando ele e sua irmã, de mãos dadas, saíam pela manhã, a caminho do grupo.

Ela fatigava-se dos cuidados que tinha com o cacula, que gostava de bulir em tudo e mexer com todos.

As vêzes um ou outro garoto mais taludo prometia-lhe uns bofetões. Louro agarrava-se ao vestido de sua irmã e prosseguia ileso. Ela era a sua protetora.

No grupo, muitas vêzes fôra ficar de joelhos no gabinete do diretor. Dona Rosa foi sua última professora no grupo. Como Louro lhe deu trabalho!

O tempo corria sem que Louro percebesse que se avizinhava a borrascosa tarde da sua orfandade.

Um dia seu pai faleceu. Louro não compreendia muito bem o que se passava. Todos choravam. Sua mãe tivera um desmaio.

Seu pai inerte jazia numa eça, iluminada por quatro círios tremulantes. A sala estava tãda fechada.

De quando em vez, um conhecido pegava-o no colo e beijava-o; quase todos choravam.

Ele sem compreender bem, chorava também, ao ver os outros chorar.

No outro dia, a dona Noêmia er-gueu-o à altura do caixão e fê-lo beijar o rosto de seu pai. A princípio ele gostou chegando a achar graça naquilo, depois viu chegar a sua irmãzinha trazida por dona Teodolinda, que lhe dava a mão.

Continúa

MATRIZ

Rua 15 de Novembro, 533

Caixa Postal, 90 - Fone 1085

Blumenau — Sta. Catarina

End. telegr.: "Siewert"

GRAFICA 43 S. A.

INDÚSTRIA E COMÉRCIO

FILIAL

Rua João Pinto 9-A

Fone 1407-Caixa postal, 309

Florianópolis-Sta. Catarina

End. telegr.: "Siewert"

IMPRESSOS EM TIPO LITOGRAFIA E OFSETT — LIVRARIA
— PAPELARIA — ARTIGOS DE ESCRITÓRIOS E ESCOLAR

Restaurante Estrêla

Bebidas nacionais e estrangeiras

Cosinha a la "carte"

Asseio e prontidão

WALDEMIRO ALVES

Praça 15 de Novembro

A Exposição

de ELIAS FEINGOLD

RUA FELIPE SCHMIDT, 54 - TEL. 1603

Casemiras - Tropicais - Linhos - Brins
e Sedas. - Confeções finas para homens,
senhoras e crianças.

TAPETES E CONGOLEUNS.

Distribuidor dos aparelhos de rádio "Olimple",
"Airmec" e RCA Radiola

VENDAS A VISTA E PELO SISTEMA
CREDIÁRIO
FLORIANÓPOLIS

BANCO INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE SANTA CATARINA S. A.

SÉDE: ITAJAÍ — SANTA CATARINA

"I N C O"

— FUNDADO EM 1935 —

(13 anos de existência)

"I N C O"

FILIAIS, AGÊNCIAS E ESCRITÓRIOS NO ESTADO DE SANTA CATARINA:

Araçuaá — Blumenau — Braço do Norte — Brusque — Caçador — Cambreia — Campos Novos — Canoinhas — Concórdia — Criciúma — Curitiba — Florianópolis — Gaspar — Itaipava — Indaial — Ituporanga — Jaraguá do Sul — Joinville — Laguna — Lages — Mafra — Orleans — Piracuba — Porto União — Rio Negrinho — Rio do Sul — São Francisco do Sul — São Joaquim — Taló — Tangará — Tijuca — Tubarão — Urussanga — Videira — Xapacó

FILIAL CURITIBA: — Rua Monsenhor Celso, 50
Caixa Postal, 384 — Endereço Telefônico: "INCO"

(39 Departamentos)

FILIAL RIO DE JANEIRO: — Travessa do Ouvidor, 17 A. (Térreo)
Caixa Postal, 1.239 — Endereço Telefônico: "RIONCO"

Capital Cr\$ 15.000.000,00
Fundos de reserva Cr\$ 22.343.244,40
Depósitos em 31-12-1948 Cr\$ 251.525.728,70

BALANÇO GERAL EM 31 DE DEZEMBRO DE 1948

A T I V O

A — DISPONÍVEL

C A I X A
Em moeda corrente 29.063.269,20
Em depósito no Banco do Brasil S. A.:
Florianópolis 5.690.402,30
Rio de Janeiro 4.817.936,90
Curitiba 2.374.887,60
Tubarão 1.340.000,00
Joinville 1.224.755,10
Blumenau 942.257,80
Rio do Sul 845.337,60
União da Vitória 200.000,00
Em depósito à ordem da Sup. da Moeda e do Crédito .. 3.123.747,40 49.622.593,90

B — REALIZÁVEL

Titulos e valores mobiliários:
Apólices e Obrigações Federais:
Em depósito no Banco do Brasil S/A. à ordem do Crédito, no valor total nominal de Cr\$ 3.825.800,00
Em carteira 3.200.645,10
Apólices estaduais 575.138,30
Apólices municipais 171.534,00
Ações e debentures 57.000,00
1.663.297,30
Letras do Tesouro Nacional 62.797.871,80
Empréstimos em c/corrente 900.639,40
Titulos descontados 181.244.536,70
Agências no país 276.473.129,00
Correspondentes no país 19.490.047,60
Outros créditos 1.528.326,20 552.434.550,70

Inovela 2.502.222,50
Outros valores 560.667,00 563.707.074,90

P A S S I V O

F — NÃO EXIGÍVEL

Capital 15.000.000,00 15.000.000,00
Fundo de reserva legal 2.350.000,00
Fundo de provisão 18.000.000,00
Fundo para depreciação de móveis e utensílios 1.000.768,80
Outras reservas 992.475,60 37.343.244,40

Juros e descontos a vencer que passam para o semestre seguinte, e provisão de juros sobre c/prazo fixo e c/aviso 3.023.851,00

G — EXIGÍVEL

DEPÓSITOS

a vista e a curto prazo
de Poderes Públicos 3.377.855,50
de Autarquias 12.132.619,90
em c/c. sem limite 60.243.618,50
em c/c. limitadas 7.663.014,10
em c/c. populares 44.359.853,70
em c/c. sem juros 7.723.729,60
em c/c. de aviso 7.465.177,40 142.965.868,70

a prazo

de Poderes Públicos 125.235,40
de Autarquias 7.348.032,60
a prazo fixo 53.777.230,50
de aviso prévio 42.309.361,50 108.559.860,00
251.525.728,70

LABORATÓRIO ELECTRO TÉCNICO "ELECTRON"

OTOMAR GEORGES BÖHM

Profissional Formado na Europa com 20 Anos de prática

Especializado em reconstrução de

MOTORES, DINAMOS, TRANSFORMADORES, etc.

Rapidez e Garantia

Florianópolis - Estreito, Estado de Santa Catarina

Rua Osvaldo Cruz, n. 613

C — IMOBILIZADO

Edifícios de uso do Banco 9.386.668,40
 Móveis e utensílios 2.463.162,10
 Material de expediente 39,00
 Instalações 39,00

E — CONTAS DE COMPENSAÇÃO

Efeitos a cobrar:
 De conta própria, do Interior 35.665.463,70
 De conta de terceiros, do Interior 264.407.371,30
 De conta de terceiros, do Exterior 69.688,20
 300.142.523,20

Valores caucionados 119.365.500,00
 Valores depositados 236.238.526,30
 Valores em cobrança no Banco do Brasil 3.586.356,20
 Hipotecas 1.311.862,90
 660.644.768,60

1.285.824.345,90

DEMONSTRAÇÃO DA CONTA LUCROS E PERDAS —

D É B I T O

Despesas gerais (Incluídos os honorários e bonificações aos funcionários) 9.043.402,60
 Impostos 551.260,10
 Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários 315.266,30
 Gratificação aos funcionários 1.992.546,30
 Juros pagos a terceiros 7.851.465,00

Creditado às seguintes contas, por balanço:
 a Dividendo n. 25 900.000,00
 a Fundo de reserva legal 350.000,00
 a Fundo de provisão 1.290.000,00
 a Gratificação da diretoria 650.000,00
 a Carteira de assistência aos funcionários 50.000,00
 a Fundo para depreciação de móveis e utensílios 230.478,20
 3.380.478,20

Juros e descontos a vencer, que passam para o semestre seguinte, e provisão de fundos s/c/prazo fixo e c/aviso

8.023.851,00

31.158.269,50

OUTRAS RESPONSABILIDADES

Obrigações diversas 10.436.303,40
 Agências no país 289.650.876,90
 Correspondentes no país 21.827.150,90
 Ordens de pagamento e outros créditos 5.398.662,90

Dividendos:
 Saldo não procurado 73.769,40
 Dividendo n. 25 900.000,00
 328.266.753,20

579.812.661,90

I — CONTAS DE COMPENSAÇÃO

Efeitos a cobrar do país e do exterior 303.728.879,40
 Títulos em caução e em depósitos 355.694.026,30
 Valores hipotecários 1.311.862,90
 660.644.768,60

1.285.824.345,90

BALANÇO GERAL EM 31 DE DEZEMBRO DE 1948

C R É D I T O

Saldo dos juros e descontos não distribuídos no semestre anterior 2.213.968,10
 Agio de saques, Agio de passes, descontos e outras rendas 14.208.784,30
 Juros, comissões e títulos diversos 14.735.517,10

31.158.269,50

GENESIO MIRANDA LINS
 Diretor-Superintendente
DR. RODOLFO RENAUX BAUER
 Diretor-gerente
DR. MÁRIO MIRANDA LINS
HERCILIO DEEKE
 Diretores-Adjuntos

Itajaí, 12 de Janeiro de 1949.

BONIFACIO SCHMITT
OTTO RENAUX
IRINEU BORNHAUSEN
ANTONIO RAMOS
 Diretores

PARECER DO CONSELHO FISCAL,

O conselho fiscal do "Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S. A.", desatendendo-se de sua tarefa legal e tendo examinado todos os livros e documentos, recomenda a aprovação do Inventário, balanço e contas da diretoria, concernentes ao segundo semestre do ano de 1948, em virtude de haver encontrado tudo na mais perfeita ordem.

Itajaí, 14 de Janeiro de 1949.
FRITZ MAXIMILIANO SCHNEIDER
ARNO BAUER
DR. JOSÉ MENESCAL DO MONTE
NESTOR E. DE SOUSA SCHEFFLER

ERICO SCHEFFER
 chefe da Contabilidade Geral
 Dipl. Reg. na DEC n. 22.638 e CRC n. 0179
SERAFIM FRANKLIN PEREIRA
 sub-chefe da Contabilidade Geral
 Dipl. Reg. na DEC n. 17.391 e CRC n. 0181

Pães, doces, biscoitos, balas, caramelos nos Varejos

MORITZ

SOBERANA, Praça 15 — Tel. 1505 — TIRADENTES, 45 — Tel. 1225

— Conselheiro Mafra, 59 — Tel. 1180 —

Estadística Esportiva

Nelson Maia Machado

Os vencedores do Campeonato Sul - Americano de Futebol

1916 — Uruguai.
1917 — Uruguai.
1919 — Brasil.
1920 — Uruguai.
1921 — Argentina.
1922 — Brasil.
1923 — Uruguai.
1924 — Uruguai.
1925 — Argentina.
1926 — Uruguai.
1927 — Argentina.
1929 — Argentina.
1935 — Uruguai.
1936 — Argentina.
1939 — Perú.
1941 — Argentina.
1942 — Uruguai.
1944 — Argentina.
1946 — Argentina.
1947 — Argentina.

Os vice-campeões sul-americanos de futebol

1916 — Argentina.
1917 — Argentina.
1919 — Uruguai.
1920 — Argentina.
1921 — Brasil, Uruguai e Paraguai.
1922 — Paraguai.
1923 — Argentina.
1924 — Argentina.
1925 — Brasil.
1926 — Argentina e Chile.
1927 — Uruguai.
1929 — Paraguai.
1935 — Argentina.
1936 — Brasil.
1939 — Uruguai.
1941 — Uruguai.
1942 — Argentina.
1944 — Brasil.
1946 — Brasil.
1947 — Paraguai.

Os campeões de Joinville

1934 — Ipiranga.
1935 — Caxias.
1936 — Caxias.
1937 — Caxias.
1938 — Caxias.
1939 — Caxias.
1940 — Caxias.
1941 — Caxias.
1942 — América.
1943 — América.
1944 — Caxias.
1945 — Caxias.
1946 — Caxias.
1947 — América.
1948 — América.

Os campeões do Torneio

Início do campeonato carioca

1916 — Fluminense.
1917 — Não foi disputado.
1918 — São Cristovão.
1919 — Carioca.
1920 — Flamengo.
1921 — Palmeiras.
1922 — Flamengo.
1923 — Mackenzie.
1924 — Fluminense.
1925 — Fluminense.
1926 — Vasco.
1927 — Fluminense.
1928 — São Cristovão.
1929 — Vasco.
1930 — Vasco.
1931 — Vasco.
1932 — Vasco.
1933 — Não foi disputado.
1934 — Bangú.
1935 — Não foi disputado.
1936 — Não foi disputado.
1937 — Não foi disputado.
1938 — Botafogo.
1939 — Madureira.

1940 — Fluminense.
1941 — Fluminense.
1942 — Vasco.
1943 — Fluminense.
1944 — Vasco.
1945 — Vasco.
1946 — Flamengo.
1947 — Botafogo.
1948 — Vasco.

Os campeões do Paraná

1916 — Curitiba.
1917 — Internacional.
1918 — Britania.
1919 — Britania.
1920 — Britania.
1921 — Britania.
1922 — Britania.
1923 — Britania.
1924 — Palestra.
1925 — Atlético.
1926 — Palestra.
1927 — Curitiba.
1928 — Britania.
1929 — Atlético.
1930 — Atlético.
1931 — Curitiba.
1932 — Palestra.
1933 — Curitiba.
1934 — Atlético.
1935 — Curitiba.
1936 — Atlético.
1937 — Ferroviário.
1938 — Ferroviário.
1939 — Curitiba.
1940 — Atlético.
1941 — Atlético.
1942 — Curitiba.
1943 — Atlético.
1944 — Atlético.
1945 — Atlético.
1946 — Curitiba.
1947 — Curitiba.
1948 — Ferroviário.

Torrefação e moagem de café

“MIMI”

Fabricante: I. C. Pires

Rua Cel. Pedro Demoro, 1352

ESTREITO

FLORIANÓPOLIS — S CATARINA

“Tome Café MIMI”

Exija-o de seu fornecedor

COMERCIAL E INDUSTRIAL

FETT LTDA.

Indust. e Exportadores

Madeiras beneficiadas :

Forro, assoalhos, abas, caibros, reguas, e demais madeiras para construções.
Caixarias pinho. — Resserrados.

ESCRITÓRIO E DEPOSITOS :

Rua 24 de Maio 246/258.

Tel. 23 — Estreito — Florianópolis.

End. Telegr. — “TELMO”

Caixa Postal 16

Fábrica: CAMBIRÉLA, mun. de Palhóça

Versos

O TROVADOR

No imenso casarão tristonho e solitário
É fragil a claridade!...
Lá uma vez ou outra, n'um reflexo áureo,
O sol entra-lhe... e foge à louca soledade!...

Oh, lembro-o ainda com angústia e medo!...
Lá dentro, se acredita,
Que almas penadas, tristes, jogam-se em segredo
Em atroz sofreguidão, fugaz, indefinita...

Dizem que havia ali um belo trovador,
Um pobre sabiá,
Que embora inconfundível fôsse a sua dôr,
Com cristalina voz perdia-se em cantar.

Uma gaióla, ininvejável mundo,
Era-lhe o lar de infância,
Em cujo prégo esguio, enferrujado e imundo,
Pendia sonolenta, em frouxa relutância.

O homem, o vil senhor, êsse indomável ente,
O monstro da blasfêmia,
Ouvindo o seu cantor, se punha em sua frente
E então cantarolava uma canção boêmia!...

E assim passavam as horas e obscuros dias
Que o tempo enfumaçava...
O sabiá chorava em suas melodias
E ouvindo-o, a rouca voz do homem o acompanhava!...

Um dia, o vento forte entrou no casarão,
Quebrou o prégo esguio,
O gaiolão imundo arremessou ao chão
E antes que o dono ouvisse o sabiá fugiu!

Por entre a verde mata alegre e sedutora
Sumiu-se o trovador,
Deixando para traz a estampa aterradora
Do imenso casarão sombrio e assustador!

E dentro da floresta cheia de frescura,
De folgaz carícia,
Ele esparzia agora a melodia pura
À Deusa Liberdade, estigma da delícia!

Liberto para sempre, o canto que entoava
A êle, o próprio preso, em écos embalava,
Com imortal beleza,
Dando inegual deleite à própria natureza!

Chegou a vez, porém, em que o vivaz cantor
Recorda o casarão;
Intrépido e veloz, mais ágil que o condôr,
Rumou, sem mais pensar, n'aquela direção;

Pousando na janela emudeceu de espanto;
Não cria no que via:
O dono era um cadáver desgrenhado a um canto...
Matara-o a solidão... com garras de agonia...

E o livre trovador mais uma vez cantava:
— Ingrato! Fôste já...
Chorei cantando aqui, tua voz me acompanhava...
Eu vim ouvir-te o canto... eu vim te acompanhar...

Na mórte ousaste ter estranha liberdade...
De solidão morrêste!...
Covarde! Recusaste a amarga hostilidade
Desta prisão que é tua e que a sorrir me dêste...

Adeus! Pois eu me vou! Não cantarei contigo!
Adeus, ingrato, adeus!
Na liberdade tenho o meu amôr e abrigo;
Da natureza, enfim, serão os cantos meus!

E voou. No casarão (lembro-o com angústia e medo),
Já vaga, se acredita,
Uma outra alma penada, oculta no segrêdo
De atroz sofreguidão... fugaz... indefinita...

Ary Carioni

8-1-49 — Florianópolis.

... ASSIM É A VIDA...

Escrit. por JEF

I

Trago escondido dentro do meu peito
Um turbilhão de angústias e de dôres...
Não fôra assim tão pobre dêsse jeito,
Seria eu mais feliz nos meus amores!...

II

Ouçõ falarem quase a todo o instante
De entes que sofrem mais cruentas dôres,
Mas não. Meu caso é mais agonizante...
Um turbilhão de angústias e de dôres!...

III

É mesmo assim a vida! Sempre vida...
Não há, pois, nela causa sem efeito.
Teria eu mais amor à própria vida,
Não fôra assim tão pobre dêsse jeito!...

IV

Não fôra tão perversa a humanidade...
Composta de orgulhosos e impostores,
Teria aquela mais felicidade...
Seria eu mais feliz nos meus AMORES!...

Laguna, 23 de novembro de 1948.

MADEIRAS E FÉCULA

LUIZ OLSEN S. A.

RIO NEGRINHO

Santa Catarina — Brasil

SERRARIAS

Madeiras

em bruto e beneficiadas

PASTA MECANICA

End. telegr.: «LUIZINHO»

Códigos: «Ribeiro» e «Mascotte»

ESCRITÓRIO EM JOINVILLE

Caixa Postal, 190

DESIDÉRIO

Conto de Alirio Barreto Bossle

BILÓCA, olhou o corpo de Desidério, esticado sobre a éca, pálido como a cêra da véla que a chama lambia aos poucos. Fitou mais uma vêz aquele sangue aguado espumando vermelho pelo peito branco da camisa. Suspirou. Alí, era fim do amigo do peito, do confidente sereno, do conselheiro sincero. Agora, ninguém poderia saber das novidades da Vila, falar por todos ao Prefeito, pedir auxílio para consertar os caminhos ou arranjar remédio para a filharada "descaurada" pela praga da maleita. Desidério não vivia mais, estava alí esticado, duro como pau, a pêle franzida, baça pela morte.

Levantou-se. Acendeu o tóco de cigarro guardado desde cedo atrás da orelha e desceu os degraus de pedra da porta da sala, para acocorar-se no terreiro pensativo e triste. No seu pensamento a figura do amigo aparecia visível, ostentando aquele sorriso de lábios frouxos fazendo crescer a bochecha larga e gorda. Vía Desidério contando "causos", debruçado no balcão da bodéga do Zé da Lina, (cuspiu com nojo do Zé da Lina) ou então relatando as notícias que trouxera da Vila, quando da última viagem.

— "O Perfeito me disse que na capitár as coisas não vão boa. O pessoal tão munto descontente c'ô a farta do mantimento!"

— "Bóte um trago, são Zé."

— "Eu num quero. Brigado."

Todos sabiam que Desidério não bebia. Mas ninguém deixava de oferecer-lhe a branquinha, em primeiro lugar.

— "Mais o governo num preme-teu..."

— "...Premeteu. Mais o Martido do gafanhoto tá fazeno roça por esses lugá tudo! Não ha mío que chegue..."

Riam. Uma gargalhada aberta, descarada, unissona.

Dentre o grupo, um arriscava:

— "Mais dêsse geito, vae chegá a era de nem se tê o que comê..."

Desidério pensava antes de responder. Mordía o cigarro, enquanto cuspiá a saliva grossa que lhe enchia a boca. Ninguém "piava". Todos aguardavam a resposta, a solução, a sentença final.

E ela vinha, uma fala grossa e pausada, como discurso:

— "Tem que se aumentá a produção. Si os lavradô deixá de trabaiá, trocá a inxada pelo colarinho duro, antão o que vae se vê é a fo-

me e a misêra. Os lavradô tem que fazê força. Nada de molêsa."

Abria a boca, ao mesmo tempo que os braços se erguiam num espreguiçamento lento. Olhavam o céu. As estrelas. Corria os olhos pelos companheiros.

— "Bá noite, pessoar."

Era o ponto final da conversa.

Um grito agudo de dona Genoveva, veio fazer com que Bilóca sustasse, por momentos, as recordações do amigo. Ficou com pena de dona Genoveva, com a récuca de filhos pequenos, sem pae, sem nada. Alem do mais, a situação agora estava completamente mudada, tinha uma feição quasi hostile e ao mesmo tempo trágica. Tornou a acender o cigarro. Puxou com força a fumaça densa, de fumo novo. Voltou ao passado, recordando Desidério. As conversas na venda. A história dos roubos...

*
* *

— "Pois é como eu le digo, são Disidéro. O ladrão é gente daquí mêmo, conhecedô das casa e da gente. Tem que sê..."

Liborio ergueu-se. Zé da Lina queixou-se:

— "Só aqui já me robaro por duas vêz. Na premêra, levaro aquele lombinho novo que eu comprei no mês passado quando adomei o tordilho. Trêsontonte carregáro os duzentos mil réis do borso do palitô que tava pendurado na varanda..."

— "Quar? Aquele que o Chico da Firmina le pagou?"

— "Pió foi lá no véio Merenço que robaro os patacão antigo com baú e tudo!"

— "Dêsse geito tem que se andá privinido..."

Bilóca aguardou o silêncio curto para interrogar Desidério:

— "O que é que se faz cum home dêsse, são Disidéro?"

Esperaram a resposta. Desidério cofiou a barba escassa, retorceu o palheiro entre os dedos e sentenciou.

— "O remédio é matá. Quem pegá o bruto, que dê um tiro nos miólo prá acabá c'ô a raça. Antes c'ô mar crêça, si corta a cabeça."

Zé da Lina cuspiu o pau de fosforo amassado, enfiou a camisa de riscado pela calça descida e comentou:

— "Cumigo num tem cunversa. A pistóla taí carregada. (apontou

a prateleira) É só eu senti um barulhinho quarqué e já prégo fogo. O diabo do nêgo num vae tê tempo nem de se coçá..."

— "É. Ninguém deve facilitá. Cum ladrão num se brinca!"

— "Mais o marvado intê parece coisa feita que ninguém vê."

— "Quar coisa feita, quar nada! Ele é desaforado."

Desidério cuspiu. Limpou a faca suja de fumo na perna e foi até a porta dar uma espiada. Todos levantaram-se. A noite estava escura como brêu.

— "Noite boa prá rôbo — comentou".

*
* *

Bilóca tossiu. Uma tosse sêca, sem causa, sem motivo. Bêsta. Escorou as mãos nos joelhos curvados e doloridos. Levantou-se. Espiou a sala quasi deserta e em silêncio, de vêz em quando cortado por um choro violento e triste. Desidério começava a inchar.

Em baixo, na curva da estrada, a bodega do Zé da Lina não dava sinal de vida: estava fechada. Lá se consumára o desastre. Ainda guardava na memória o relato do Zé, antes de embarcá para a Vila:

— "Eu táva drumindo tarde da noite, quano ouvi um baruido de quem mexe em dinhêro. Peguei da pistóla e saí pé por pé e quano avistei o vurto na escuridão, preguei fogo."

Depois, o baque do corpo caindo e gemendo. Numa das mãos, o ladrão trancava um monte de dinheiro arrancado da gavêta. Zé da Lina guardou a pistóla e olhou o defunto desatinado:

Era Desidério.

Agora, ouve-se um barulho de vozes na sala. Dona Genoveva repetê o ataque. Na parede, um velho relógio geme em badaladas as cinco horas da tarde. Em tudo, predomina um cheiro forte de flores e de incenso. Bilóca escorrega o olhar pelos presentes: quatro ou cinco companheiros de palestra e de caçadas. No semblante de cada um, paira um pouco de duvida e de surpresa. Todos se movimentam. Só Desidério está imovel, hirto, frio.

— Cumpadre, vancê qué ajudá a carregá o corpo?

Bilóca acenou a cabeça afirmativamente.

Não podia falar, tinha a boca trancada. As mãos tremiam. Chorou como criança.

POMADA
MINANCORA
NUNCA EXISTIU IGUAL

PARA FERIDAS,
ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES,
COCEIRAS,
FRIEIRAS,
ESPINHAS, ETC.

Príncipe Dom Pedro



Aniversariou-se, no dia 19 de Janeiro último Sua Alteza Imperial o Príncipe Dom Pedro de Orleans-Bragança, atual chefe da Família Imperial do Brasil.

Nasceu o Príncipe Brasileiro, no exílio por força da lei do banimento, que só foi revogada no governo do Presidente Epitácio Pessoa, no Castelo d'Eu em 1913, filho do Príncipe do Grão Pará Dom Pedro de Alcântara, progênito da Princesa Dona Isabel, a Redentora. Os primeiros estudos do Príncipe Dom Pedro foram feitos no Colégio dos Padres Premonstratenses, em Petrópolis, e mais tarde sob os cuidados do Prof. Georges Raeders. Em 1934, formou-se em ciências políticas, pela Universidade de Sorbone, de Paris.

Espirito curioso das belezas da sua terra, viajou por todos os recantos do Brasil, desde o Rio Grande do Sul a Amazonia, tendo em 1936 realizado a famosa viagem, descendo os rios Araguaia e Tocantins. Tódas as suas folgas são aproveitadas para o conhecimento do interior do paiz.

Em 18 de dezembro de 1944, contraiu matrimônio com a Princesa Dona Maria Esperanza de Orleans-Bourbon, de cujo matrimônio tem, já, três filhos: Príncipe Dom Pedro Carlos, nascido a 31 de outubro de 1945, Princesa Dona Maria da Gloria nascida a 13 de Dezembro de 1946 e Príncipe Dom Afonso nascido em Petrópolis a 24 de Abril de 1948.

E' membro de varias associa-

Clara Oliveira de S. Thiago

Entre as professoras diplomadas pela Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, que colaram gráu em 29 de Dezembro último, numa empolgante solenidade presidida pelo Magnífico Reitor Dr. Pedro Calmon, Santa Catarina conta com a sua representação na senhorita Clara Oliveira de S. Thiago, filha do nosso colaborador prof. Arnaldo S. Thiago e de sua espôsa D. Maria Eugenia de S. Thiago e natural de São Francisco do Sul. Em solenidade íntima, no Rio de Janeiro, onde residem, e a que compareceram pessoas de destaque na sociedade carioca, como o Sr. Ministro Presidente do Superior Tribunal Eleitoral, Dr. Afranio Costa, o tenor Armando Figueiredo e distintas famílias domiciliadas no Rio, seus pais festejaram o feliz término do



curso da professora Srta. Clara de S. Thiago, cujo retrato publicamos, dedicando-lhe seu progenitor o soneto:

EX TOTO CORDE

Para a Clarita no dia de sua formatura pela E. N. de Música.

Existe em todo coração humano
Divina taça de imortal feitura,
Que transborda de fel e de amargura
No suplicio do cárcere mundano.

Mas sucede por vezes que este insano
E letal sofrimento, essa tortura
Suavisam-se em parte com a doçura
Do falerno do amor — celeste arcano!

Dessa taça repleta o conteúdo,
No combate dá vida, extenso e rudo,
Tu sabes, minha filha, que hei tragado;

Sabe agora, porém, que esse falerno
Que o suplicio abrandou, veio do Eterno,
Por tuas mãos na taça derramado.

Rio, 29 de Dezembro de 1948.

ARNALDO S. THIAGO

ções culturais, como o Instituto Historico Brasileiro, os Institutos Historicos de Petropolis, do Ceará, de São Paulo, Amazonas, Pará, Paraíba, Alagoas, Sergipe, Bahia, Rio Grande do Sul e Minas Gerais, da Sociedade Brasileira de Geografia, do Instituto de Filosofia, e Presidente da Comissão do Centenário de Petrópolis.

Vivendo no Palacio Grão Pará, em Petrópolis, fora e acima de questões partidarias, o Príncipe Dom Pedro está sempre pronto a prestar a sua cooperação para que o interesse nacional o exigir.

Escritório Imobiliário A. L. Alves

Rua Deodoro n° 35
-: Florianópolis :-

Encarrega-se de: compra, venda, hipoteca, legalização, avaliação e administração de imóveis.

Organiza, também, papeis para compra de propriedades pelos Institutos de Previdência e Montepio Estadual.

Sociedade Beneficiadora de Madeiras Ltda.

TELEFONE 1248 - RUA 7 DE SETEM-
BRO

Blumenau

Fornecedores de Madeiras
em geral

Forro paulista

Encantoneiras de qualquer
espécie

Alinhamentos, etc.

Especialidade:

soalho marca

STROBEL

Distribuidores no Estado de Santa Catari-
na dos produtos de ferro e aço da Cia. Siderúr-
gica Nacional (Volta Redonda).

Equipamentos para construções de estra-
das de rodagem.

Máquinas de escrever
"CONTINENTAL"

Motores a gasolina, querosene e a óleo cru
Grupos eletrogeos para fornecer luz para
sítios

Porcelana técnica

Produtos veterinários

Arados, cultivadores, grades de discos e de
dentes, pás, enxadas

Válvulas Igassú

Móveis da Cia. Industrial "CIMOS" (Rio
Negrinho)

Passadeiras de veludo, linoliun
Tampos de vidro e de borracha — Cereais
Pneumáticos e câmaras de ar

WESTINGHOUSE

Geladeiras, Aspiradores de pó, Enceradeiras,
Máquinas de lavar roupas.

RÁDIOS: — O novo e incomparável rádio-
fonografo "Westinghouse", com tom VITAL,
traz o mundo ao seu lar!

Compare e comprará um rádio "WESTIN-
GHOUSE".

OSNY GAMA & CIA.

Representações — Conta Própria — Impor-
tação — Exportação.

Rua Jerônimo Coelho, 14-A. — Caixa Pos-
tal, 239 — Telefone 1607.

FLORIANÓPOLIS

CIA. WETZEL INDUSTRIAL

Joinvile

FABRICA DE:

Vélas de Stearina

das afamadas marcas
JOINVILENSE - ECONÓMICA
LINDA - N.º 6 - PARA CARRO

Velinhas para Natal
em 6 lindas côres

Sabão

«VIRGEM ESPECIALIDADE»
em 3 tipos - 1/1 - 1/2 - 1/3

Glicerina

«LOURA FINA» e «BRANCA»

Massa para rolos
para tipografias.

O Doutor das Cópias

EMILIO PRATES

Aquele sujeito era devéras emproado. Metido a bonito, todo enfatuado, com pose teatral, tinha o complexo de «autoridade». Era do tipo do: — «sabe com quem está falando?». Vaidoso, achava que só êle vestia bem na repartição onde trabalhava.

A repartição, dessas de tipo arcaico, com a papelada superabundando sôbre as mesas, dava a impressão de que não havia muito entusiasmo, alf, pelo trabalho. As janelas sempre fechadas, para que o ar não atacasse a bronquite do chefe da secção. As mesas, umas quasi em cima das outras. Enfim, um ambiente carregado, de atmosphera pesada.

Numa mesa, lá no canto, trabalhava o Josias, pois êsse era o seu nome. Escriturário, era muito convencido de sua importância, principalmente por que apesar de ser moço, era o funcionário mais antigo, pois os outros, fóra o chefe, tinham entrado após ele. Por isso julgava-se o mais entendido nos serviços. O pobre do contínuo passava mal com êle. Sempre a manda-lo fazer isso e aquilo. Não poupava o coitado.

No entanto, quem visse o Josias sentado o dia todo à sua mesa, julgava-o trabalhador. Mas qual! Aproveitando-se da inexperiência dos mais novos descarregava-lhes os serviços em cima e ficava expedientes in-

teiros a ler jornais e revistas. Um verdadeiro sangue-suga dos colegas!

Alto, magro, de olheiras profundas, cabelo penteado com uma impecabilidade de quem fica horas a fio a mirar-se no espelho, não lhe faltava tambem o classico bigode de mocinho bonito.

No entanto, coitado, era dum boçalidade que dava pena. Apesar de ter pretensão de ler obras classicas, filosofia ou sociologia, nada assimilava. Tornava-se pernóstico, discutia tudo, julgava-se entendido em tudo, mas... causava dó, o coitado.

Si lhe diziam por exemplo que Socrates tinha tomado cicuta, prontamente, retrucava que não era cicuta que o filosofo tomara, mas, veneno.

E por aí a fóra com essas «barbaridades».

Pois bem, o Josias, resolveu estudar, isto é, tirar um curso. Haveria de se formar doutor, doutor em direito, com *D* grande.

Entrou para o curso de madureza que então existia. Nesse curso o aluno estudava em um ano, o que os outros, desde meninos, estudavam em quatro ou cinco anos. Como apesar dos pesares, era caprichoso e de fôrça de vontade, meteu mãos à obra. Passou-se um ano. Vai o Josias fazer o exame final num

colégio de padres jesuitas. Os padres que são severos e que não comem «bola», deram-lhe uma «bomba».

Mas, o Josias não desanimou. Teimoso como um burro, jurou que haveria de ser doutor... Frequenta mais um ano o curso de madureza e no fim vai fazer o exame, em outro lugar, num colegio de leigos. Lá aquela gente, que tem familia e que ganha pouco, sempre precisa ganhar mais e aproveita-se então de examinandos para facilitar-lhes os exames, a troca de uma bolazinha, é claro.

Que mal faz? Afinal de contas eles estão ajudando os rapazes, aos de boa vontade, aqueles que querem vencer na vida... Não faz mal que não saibam nada, pois aprenderão, posteriormente, com a experiência...

E lá passou, nas provas, o Josias. Voltou contente. Agora sim, matricular-se-ia na Faculdade. Naquele tempo não havia curso científico. Bastava só fazer o exame vestibular. Haveria de se arranjar, pensava êle, podia ser que tivesse um bedel camarada que lhe arranjasse os pontos, a troca de uma gratificaçõzinha. E tinha. Com uns cinquentões lá se foi o Josias com os pontos nas mãos...

Leu. Procurou compreender,

ILSE KREILING
CIRURGIÃ-DENTISTA

Consultas das 8 às 12 e 2 às 6 = sábados das 8 às 12

RU ESTEVES JUNIOR, 6

mas, cabeça dura, a coisa não entrava... Mas, afinal conseguiu a muito custo decorar.

Chegou o dia do vestibular. Como os examinadores não puderam permanecer na sala de exame, ficou o bedel a tomar conta. Estava salvo, pensou o Josias. E ficou salvo mesmo, pois, com os pontos nas mãos e com o bedel de guarda, a coisa foi fácil.

Como não poderia deixar de ser, o Josias foi aprovado.

Aí então, o Josias, já acadêmico, teatralizava mais ainda a sua pose. Na repartição já ia prevenindo - :

— «Quando me formar só admito que me chamem de Dr. Josias, ouviram?» —

Corriam os anos e o Josias ia passando nos exames. Chegou finalmente o almejado

dia de formatura. E lá estava o Josias, todo metido em traje a rigor. Endureceu-se todo, como se tivesse umas talas de madeira por dentro da roupa. Estava que nem podia virar a cabeça...

Vieram os discursos, colação de grau, inclusive a do Josias.

Após a colação não faltou o tradicional baile no clube grandioso da cidade.

O Dr. Josias, pensou consigo: — «Vou experimentar champagne, pois nunca bebi». Sim, pois, apesar de vaidoso e prosa, era um rapaz às direitas. Lá isso ele era...

Reuniu uns amigos, que nunca faltam nessas ocasiões, chamou o garçon e mandou estourar umas garrafas de champagne. Gostou da bebida. Cabeça fraca, pois não estava acostumado, ficou logo tonto.

Começam as saudações. Fala o Janjão, colega de serviço do Josias. E vão saltando os adjetivos, com elogios a iluminada inteligência, etc. tal, do novel doutor, esperança da pátria...

O Josias já «bombardeado», insistido a falar, então levanta-se, cambaleante e começa o seu discurso:

— «Senhores, agradeço a homenagem. Mas saibam que de fato, é verdade, que eu sou dotado de muita inteligência. Fiz todo curso, copiando em todas as provas. Foi uma «canja». Isso prova que sou inteligente»...

E cansado sentou-se.

No outro dia em cima de sua mesa de trabalho estava um cartãozinho com os seguintes dizeres:

«Ao doutor das cópias, os nossos cumprimentos».
E o apelido pegou.

Sociedade Anonima Comercial **CASA MOELLMANN**

Casa fundada em 1869 - Com Filial em
Blumenau.
FLORIANÓPOLIS - Caixa Postal, 96

Secção de Artigos para Presentes:

Praça 15 de Novembro - Esquina Rua João Pinto
Tapetes - Malas finas para Avião -
Geladeiras - Utensilios Domesticos -
Cristais - Objetos de Arte - Valises e
Bolsas - Aparelhos de Porcelana para
Chá e Jantar - Jogos de Cristal para
Mesa e uma infinidade de outros Ar-
tigos para Uso Domestico e Ornamento
do Lar.

Secção de Ferragens:

Rua João Pinto, 2
Ferragens - Tintas - Oleos - Material
para Construções - Cimento - Louça
Esmaltada e de Alumínio - Cutelaria.

Secção de Automoveis:

Automoveis e Caminhões DODGE.
Aceitamos encomendas para entrega
oportuna.

Peças Ford, Chevrolet e Dodge.

Acessorios para Automoveis.

Livraria Moderna de PEDRO XAVIER & CIA.

Tipografia - Encadernação - Pautação

Rua Felipe Schmidt, 8 - Cxa. Postal 129
Telefone 1418

PAPELARIA - MIUDEZAS - ARTIGOS
ESCOLARES - FIGURINOS - REVISTAS
ESTAMPAS - ARTIGOS DE PINTURA
E DE ESCRITÓRIO E DE DESENHO etc.

Fabrica de Artefatos de Cimento

Rua Mato Grosso
BLUMENAU

Telefone 1248
Caixa Postal, 121



GRESSER & CIA.

LADRILHOS
HIDRAULICOS
Cores firmes
Desenhos modernos
Resistentes - Duraveis

LADRILH. ESPECIAIS
«Granitoid»
para fabricas e oficinas

DEGRAUS e
LADRILHÕES
VIBRALITE CERAMITE
para todos os fins
TUBOS DE CIMENTO
com e sem armação
POSTES, PIAS,
TANQUES

CASA
FOTO AMADOR
 G. Scholz
 Rua 15 de Novembro, 596
 Telefone 1010
BLUMENAU

Cervejaria Catarinense S. A.
'OURO PILSEN'

a nossa cerveja de alta qualidade e de
 preço ao alcance de todos.

Representante: J. BRAUNSPERGER
 Rua Felipe Schmidt, 41. Telefone 1350

Banco de Crédito Popu- lar e Agrícola de S. Catarina

CAPITAL REALIZADO Cr\$ 1.640.000,00
 RUA TRAJANO 16 — SÉDE PRÓPRIA

Registado no Ministério da Agricultura pelo Certificado
 n. 1, em 20 de Setembro de 1939
 Endereço telegraf.: BANCREPOLA — Códigos usados:
 MASCOTE 1ª e 2ª edição

FLORIANÓPOLIS

Empréstimos especiais a agricultores

EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — COBRANÇAS E
 ORDENS DE PAGAMENTO

Tem correspondentes em todos os municípios do Estado.
 repartições Públicas, Federais, Estaduais e Municipais
 Mantém carteira especial para administração de prédios
 Recebe dinheiro em depósito pelas melhores taxas

C/C à disposição (retirada livre)	2%
C/C Limitada	5%
C/C Aviso Prévio	6%
C/C Prazo Fixo	7%

Acela procuração para receber vencimentos em tôdas as

COMPANHIA FLORESTAL BRASILEIRA

Indústria e Comércio de Madeiras

Matriz:

FLORIANÓPOLIS, S. C., Rua 14 de Julho
 (Estreito)
 Caixa Postal nº 225 — Telefone nº 1520
 Telegramas: FLORESTAL

Filiais:

JOINVILE, S. C., Rua Jacob Richlin (Edifício
 Colon)
 Caixa Postal nº 155 — Telefone nº 51
 Telegramas: FLORESTAL

S. PAULO, S. P., Rua B. Vista, 65, 4º, sala 4
 Caixa Postal 4569 — Telefones 2-1633 — 2-5024
 Telegramas: FLORESBRA

Agências:

ITAJAÍ, S. C., Rua Blumenau, nº 456
 Telegramas: FLORESTAL

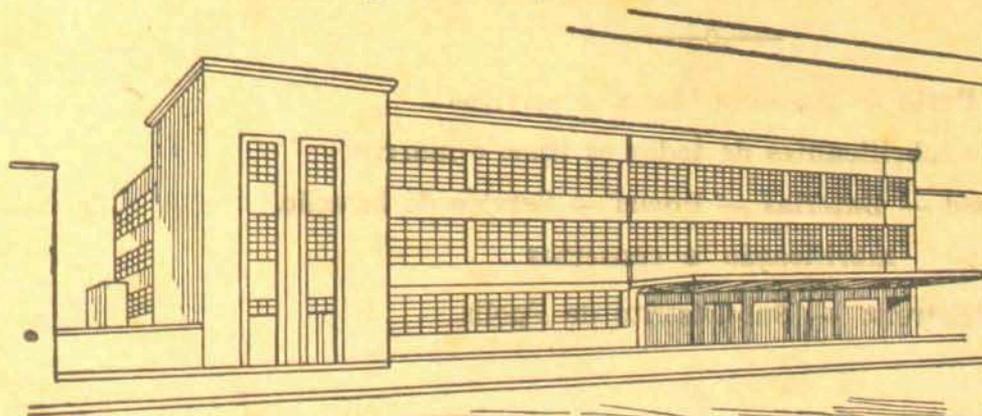
BOM RETIRO, S. C. — Telegramas:
 FLORESTAL

SERRARIAS:

São Judas Tadeu — Espírito Santo — São José

Drogaria e Farmacia — "Catarinense" S. A. —

A maior organização farmacêutica do sul do Brasil



SEDE DA MATRIZ, em construção

MATRIZ: JOINVILLE — STA. CATARINA — C. Postal 95

FILIAIS : FLORIANÓPOLIS - Rua Trajano, n.º 5 — BLUMENAU - Rua 15 de Nov., n.º 508
 BRUSQUE - Av. João Pessoa, n.º 47 — JOAÇABA, Rua Paraná, 58

Distribuidores para o Estado de S. Catarina
 dos produtos dos laboratórios :

S. A. de Perfumarias Roger Chéramy
 Ely Lilly & Co. of Brasil, Inc.
 Laboratório Xavier
 Quimica Baruel Ltda.
 E. C. de Witt & Cia. Ltda. (Fixbrill)
 Johnson & Johnson do Brasil, Prod.
 Cirúrgicos
 Laboratórios Andrômaco S. A.
 A. J. Ferreira & C. Lt. (Urodonal etc.)
 Bernard Bruggemann (Perl-It)
 Perfumaria Anhangá Ltda.
 Laboratório Vitex Ltda.
 Renato Guimarães (Safrol etc.)

COMÉRCIO & TRANSPORTES

C. RAMOS S. A.

Matriz: Florianópolis

Filial: Lajes

Rua João Pinto, 9

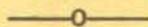
Rua Cel. Córdova s/n.

Concessionários da

INTERNATIONAL HARVESTER MÁQUINAS S/A.

Caminhões "International" — Tratores de rodas e esteiras — Motores

Industriais — Conjuntos Elétricos

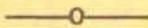


Distribuidores dos

Automóveis CITROEN

para os municípios de Lajes, Curitibanos, Campos Novos,

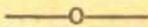
Bom Retiro e São Joaquim



Distribuidores

para o Sul do Estado dos óleos e lubrificantes

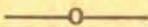
"VEEDOL MOTOR OIL"



Distribuidores

dos afamados motores de popa marca

"JOHNSON SEE HORSE"

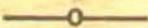


Secção de Peças e Acessórios

para caminhões "INTERNATIONAL"

— Peças Chevrolet e Ford —

Estreito — Sub-Distrito de Fpolis.



Posto de gasolina "Esso" e serviços

Óleos e lubrificantes de todos os tipos e marcas

Gasolina Esso — Baterias — Pneus — Serviço de lavação,

lubrificação e consertos

Estreito — Sub-Distrito de Fpolis.

As mulheres na vida literária da Polônia

VARSOVIA — BIP — As mulheres sempre desempenharam um papel de bastante relevo na literatura polonesa. Nos últimos anos elas se impuseram nos gêneros literários mais diversos, tanto pelo fundo quanto pela forma. Entre as mais notáveis devemos destacar Sofia Nalkowska, um dos maiores nomes das letras contemporâneas polonesas, autora de «Mau amôr» e «Medalhões», para só citar as suas obras que mais fama alcançaram. Maria Dabrowska com «As noites e os dias», «A gente de lá» e várias outras novelas em nada cede à grande Nalkowska. Mencionemos ainda Maria Kuncewicz, cuja «Estrangeira vem de aparecer com grande sucesso numa tradução castelhana, Wanda Wasilewska, autora de «Arco Iris», conhecido do público brasileiro, Zofia Kosak-Szczucka, cujos romances históricos alcançaram enorme popularidade nos Estados Unidos, etc.

Numerosas foram as mulheres

escritoras, que conheceram a deportação e os campos hitleristas, trazendo de lá testemunhos de elevado valor humano e literário: Pola Gojawiczynska deunos «As grades», Seweryna Szmaglewska «Fumaças sobre Birkenau» traduzido em várias linguas, Pélagia Lewinska «20 meses em Oswiecim», traduzido em francês.

Convém ainda falar de Helena Boguszewska, escritora bem conhecida antes da guerra pela trilogia «Polonaise» escrita em colaboração com Jorge Kornacki, Irena Krzzwicka, autora de um romance que se desenrola na França «A família dos Martin», Anna Rwiezyczynska autora dramática cuja última peça «Tiros na rua Długa», rememorando um episódio histórico da defesa do Ghetto de Varsóvia, está sendo atualmente representada com grande sucesso, Hanna Malczewska-poetisa de renome e tantas outras. Entre as numerosas escritoras que se dedicam particularmente à literatura para crianças, Ewa Szelburg-Zarembina, ao mesmo tempo romancista destacada, é a mais conhecida.

* *



INFANTILIDADES

JOSÉ CORDEIRO

V

Iliana, a menina, chora e achegã-se à sombra amiga da mãe: — Que dor de barriga eu estou sentindo agora!

A sorrir, aflita embora, ralha a mãe: — Por mais que (eu diga: come pouco, rapariga, — tu comes à tôda hora!

E acrescenta: — É coisa atôa... Um vidro de óleo, e estás boa; e amanhã podes brincar...

— Eu... já não sinto mais nada, diz a menina assustada. Óleo é tão ruim de tomar...



DAR MUITO COM O POUCO DE MUITOS

O maior e o mais antigo Clube de Sorteios do Estado
Sob autorização e fiscalização do Governo Federal, de acôrdo com o Decreto 7.930,
de 3 de setembro de 1945

CAPITAL FIXO Cr\$ 200.000,00

Praça 15 de Novembro, 22 — 2º andar. Florianópolis — Santa Catarina

Distribuição mensal de prêmios em mercadorias nos seguintes valores:

- 1º Prêmio: — Cr\$ 6.000,00.
- 5 Prêmios de Cr\$ 1.000,00 cada um (aproximações superiores).
- 5 Prêmios de Cr\$ 500,00 cada um (aproximações inferiores).

Um pouco de HUMORISMO



FORÇA DE EXPRESSÃO

— Seu Teixeira! Seu Teixeira.
— O que é?
— Seu filho já fala!
— Não diga! Minha senhora vai ficar satisfeitiíssima! E o que ele disse?
Nós estávamos no Jardim Zoológico. De repente ele virou-se para a jaula do chimpanzé e exclamou, sorrindo: Pa-pai!

E esta!...

Era o grande General Osório Ministro da Guerra quando, num despacho coletivo, o imperador, cansado e doente, dormiu. Embarraçados todos, o General desafiou o cinturão e deixou a espada cair com barulho, o que acordou o Imperador e este disse:

— Sua espada não caia assim no Paraguai...

Ao que Osório replicou:

— Mesmo porque, no Paraguai, não se dormia...

OBEDIÊNCIA

Mamãe proibiu a Juquinha de dizer nomes feios. Um dia, na escola, foi ele queixar-se à professora de que o Maneco, seu colega, o xingara.

— Xingou, como? — perguntou a professora.

— Disse um nome feio.

— Que nome foi?

— Não digo, que mamãe não quer.

— Mas eu preciso saber...

— Pois então a senhora vá dizendo todos os que souber e quando chegar o que Maneco disse, eu avisarei.

O MARIDO DA GENTE

O marido da gente é aquele com quem a gente se casa por amor ou a êle mesmo, ou ao dinheiro dele.

Nem sempre o marido da gente é o tipo de gente, que a gente sonhava quando via o namorado da vizinha.

Em geral, quando a gente gosta de um moreno, do moreno da vizinha, casa com um louro.

Mas como dizem que Deus dá o frio conforme a roupa, a gente vai casando com quem aparece primeiro ou por último, isto é, quando a gente já está no «hall» da casa dos trinta.

Comumente o marido da gente é bom, é amável, é generoso, é condescendente, tem tudo de bom.

Mas tem sempre um defeito: é o marido da gente...

Mlle. Lucy

MUSICA DE CLASSE

Um professor de música em um grupo escolar, e que nada entendia do assunto, entra na aula:

— Então que é isso? Suspenderam o ensaio à minha chegada?

— E' que falta aqui, um «bemol», responde o seu assistente.

Pois se falta, suspenda-o.

— Mas, professor, isso é... um acidente...

— Nesse caso, mande-o já para o hospital!

O DOTE

— Você é um felizardo! Vai casar-se com uma mulher que tem uma fortuna espantosa!

— Pelo contrário. Vou casar-me com uma mulher que tem uma fortuna espantosa!

— És o homem mais teimoso do mundo — queixava-se aquela esposa rabugenta — jamais aceitas um conselho.

— Sorte tua — retrucava o marido — se aceitasse não teria casado.

— Papai — dizia com voz dramática o menininho superprecoce — o sr. se recorda daquela história que o sr. me contou sobre a infame injustiça que fizeram quando o expulsaram da escola?

— Sim — dizia o pai com acento de tristeza na voz.

— E o senhor, papai — tornava o supracitado infante — acredita mesmo que «a história se repete»?

Atualidades

Publicação mensal
Redação e Oficinas: Av. Mauro
Ramos 301 — Florianópolis
S. Catarina — Brasil

Propriedade — Direção — Redação e Gerência:

E. I. KUEHNE

Assinaturas:

Anual Cr\$ 18,00

CÔMERCIO E INDÚSTRIA
K. RAMTOUR
Florianópolis - S.Catarinã

FA'BRICA DE BANHA

Produtos suínos - Conservas - Comestíveis - Salsicharia - Laticínios - Aves frigorificadas - Ovos etc.

MERCADO PUBLICO MUNICIPAL

BANCO INDÚSTRIA E COMÉRCIO DE SANTA CATARINA S.A.

"INCO"

Sede: ITAJAI — SANTA CATARINA

AGENCIAS E ESCRITÓRIOS NO ESTADO DE SANTA CATARINA:

Araranguá — Blumenau — Braço do Norte — Brusque — Caçador — Cambirela — Campos Novos — Canoinhas — Chapecó — Concórdia — Crescuma — Curitiba — Florianópolis — Gaspar — Ibirama — Itaipava — Ituporanga — Jaraguá do Sul

Filial CURITIBA: — Rua Monsenhor Celso, 50
Caixa Postal, 584 — Endereço Telegráfico: "INCO"

AGENCIAS E ESCRITÓRIOS NO ESTADO DE SANTA CATARINA:

Joaçaba — Joinville — Laguna — Lajes — Maíra — Orleans — Piratuba — Porto União — Rio Negrinho — Rio do Sul — São Francisco do Sul — São Joaquim — Talé — Tangará — Tijucas — Tubarão — Urussanga — Videira

Filial RIO DE JANEIRO: — Travessa do Ouvidor, 17 A
(Térreo)

Caixa Postal, 1.239 — Endereço telegráfico: "RIOINCO"

"INCO"

BALANCETE GERAL, EM 31 DE JANEIRO DE 1949

A T I V O

A — Disponível

Em moeda corrente 21.624.934,60
Em depósito no Banco do Brasil 11.776.321,90
Em depósito à ordem da Sup. da Moeda e do Crédito 3.123.747,40

B — Realizável

Títulos e valores mobiliários:
Apólices e obrigações Federais:
Em dep. no Banco do Brasil S. A., à ordem da Sup. da Moeda e do Crédito, no valor total nominal de Cr\$ 3.825.800,00 .. 3.200.645,10
Apólices estaduais 573.158,30
Apólices municipais 174.534,00
Ações e debêntures 57.000,00
..... 1.663.297,30

Letras do Tesouro Nacional 2.848.000,00
Empréstimos em c/corrente 62.029.036,30
Empréstimos hipotecários 1.082.715,40
Títulos descontados 202.562.846,40
Agências no país 253.636.146,50
Correspondentes no país 18.058.431,50
Outros créditos 1.278.326,20

Imóveis 2.501.222,50
Outros valores 594.667,00

C — Imobilizado

Edifícios de uso do Banco 9.388.868,40
Móveis e utensílios 2.509.157,20
Material de expediente 46.050,40
Instalações 39,00

D — Resultados pendentes

Juros e descontos 89.539,60
Impostos 65.587,20
Despesas gerais e outras contas 1.264.520,40

E — Contas de compensação

Valores em garantia 120.730.362,90
Valores em custódia 239.178.150,30
Títulos a receber de c/alheia 291.019.938,50

1.241.077.044,90

P A S S I V O

F — Não exigível

Capital 15.000.000,00
Fundo de reserva legal 2.350.000,00
Fundo de previsão 18.000.000,00
Outras reservas 1.993.244,40

G — " exigível

Depósitos:
à vista e a curto prazo 3.139.538,40
de Poderes Públicos 14.831.853,60
de Autarquias 63.877.157,50
em c/c, sem limite 10.310.850,50
em c/c limitadas 45.585.986,60
em c/c, populares 4.561.883,20
em c/c, sem juros 7.257.222,10

a prazo 113.007,50
de Poderes Públicos 7.348.032,60
de Autarquias 61.817.287,80
a prazo fixo 43.534.698,00
de diversos: 112.813.025,70
de aviso prévio 262.377.527,60

OUTRAS RESPONSABILIDADES

Obrigações diversas 6.044.502,70
Agências no país 255.530.234,10
Correspondentes no país 22.318.856,40
Ordens de pagamento e outros créditos 8.436.373,70
Dividendos a pagar 712.010,40

H — Resultados pendentes

Contas de resultados 7.385.843,90
I — Contas de compensação 349.908.513,20
Deposítantes de valores em garantia e em custódia 290.950.250,30
Deposítantes de títulos em cobrança: 69.688,20
do País 291.019.938,50
do Exterior 640.928.451,70

1.241.077.044,90

GENÉSIO M. LINS
Diretor-superintendente
DR. RODOLFO RENAUX BAUER
Diretor-gerente
DR. MÁRIO MIRANDA LINS
HERCILIO DEEKE
Diretores-adjuntos

Itajai, 10 de fevereiro de 1949
BONIFÁCIO SCHMITT
OTTO BORNAUX
IRINEU BORNAUX
ANTÔNIO RAMOS
Diretores

ÉRICO SCHEFFER
Chefe da Contabilidade Geral
Dipl. Reg. na DEC. n. 22.638 e CRC. n. 0.179.
SERAFIM FRANKLIN PEREIRA
Sub-chefe da Contabilidade Geral
Dipl. Reg. na DEC. n. 17.391 e CRC. n. 0.181.
(346)

INSTITUTO DE DIAGNÓSTICO CLÍNICO

— DR. DJALMA MOELLMANN —

Formado pela Universidade de Genebra (Suíça)

Com prática nos hospitais europeus

CLÍNICA MÉDICA em geral, de adultos e crianças, doenças do sistema nervoso, aparelho genito-urinário do homem e da mulher

PNEUMOTORAX ARTIFICIAL

—o—

Assistente Técnico: DR. PAULO TAVARES

Diplomado em radiologia e radioterapia pelo Hospital Municipal de São Paulo (Professores Cássio Vilaça e Carlos Fried)

Curso de Radiologia Clínica com o Dr. Manuel de Abreu Campanário (S. Paulo). Especializado em higiene e saúde pública pela Universidade do Rio de Janeiro.

—o—

GABINETE DE RAIO X

Aparelho moderno "Siemens" para diagnóstico das doenças internas — Coração — Pulmões — Visícula Biliar — Estômago, etc. — Radiografias osseas e radiografias dentárias

ELETROCARDIOGRAFIA CLÍNICA

(Diagnóstico preciso das moléstias cardíacas por meio de traçados elétricos).

METABOLISMO BASAL

(Determinação dos distúrbios das glândulas de secreção interna).

SONDAGEM DUODENAL

(Exame químico e microscópico do suco duodenal e da bilis).

GABINETE DE FISIOTERAPIA

Ondas curtas, raios ultra-violetas, raios infra-vermelhos e eletricidade médica

LABORATORIOS DE MICROSCOPIA E ANALISES CLÍNICAS

Exames de sangue para diagnóstico de sífilis, diagnóstico do impaludismo, dosagem de urea no sangue, etc.

Exame de urina (reação de Ascheim Zondeck, para diagnóstico precoce da gravidez). Exames de pus, escarro, líquido e raquiano e qualquer pesquisa para elucidação de diagnóstico.

RUA FERNANDO MACHADO, 6 — TELEFONE 1195

Luz própria no consultório
FLORIANÓPOLIS — SANTA CATARINA

Instituto Catarinense de Radioterapia

Anexo à Casa de Saúde São Sebastião

Diretor Clínico: DR. DJALMA MOELLMANN
Viagem de especialização em radioterapia, nos Institutos de Montevideo e Buenos Aires.

Diretor Técnico: DR. PAULO TAVARES
Curso de especialização em radioterapia, com os Drs. Carlos Fried e Nelson Carvalho no Instituto de Radio São Francisco de Assis, São Paulo

Instalação moderna da Fábrica "Westinghouse" com a potência de 220 Kw. e 25 milampérs, permitindo Roentgenterapia profunda, semi-profunda e superficial

RADIUMTERAPIA

O Instituto possui 115 miligramas de RADIUM, importados dos EE. UU. trazendo atestados de eficácia e dosagem fornecidos pelo Governo Americano.

Força Elétrica própria

permitindo tratamento regular e dosagens exatas.

Largo São Sebastião
FLORIANÓPOLIS
SANTA CATARINA

Casa de Saude e Maternidade 'São Sebastião'

Sob a direção clinica de
Dr. Djalma Moellmann

Construção moderna e confortável, situada em aprazível chácara com esplendida vista ao mar.

Excelente local para cura de repouso; água fria e quente

Aparelhamento completo e modernissimo para tratamento médico, cirúrgico e ginecológico

Raios X · Ultravioleta - Infravermelho - Ondas curtas · Eletricidade médica - Exames endoscópicos

Laboratórios para os exames de elucidação de diagnósticos.

Apartamentos de luxo com instalação sanitária própria
Varandas de cura.

Quartos de 1ª. e 2ª. classe.
— PREÇOS MÓDICOS —
O doente pôde ter médico particular.

Largo São Sebastião

FLORIANÓPOLIS

Telefone 1.153